

AS  
**TRES ROMAS.**

DIARIO

**D'UMA VIAJEM À ITALIA.**

PELO ABBADE GAUME ,

Vigario geral da diocese de Nevers, cavalleiro da ordem  
de S. Silvestre, membro da Academia da Religião  
Catholica de Roma , etc.

*Nec unquam (civitas) nec  
major nec sanctior.*

Nunca houve cidade  
maior nem mais sancta.

*Tit. Liv. Hist. lib. I.*

TOMO QUARTO.

---

**PORTO.**

TYP. DE FRANCISCO PEREIRA D'AZEVEDO ,  
*Rua das Hortas n.º 82.*

1858.





## *Bibliothèque Saint Libère*

<http://www.liberius.net>

© Bibliothèque Saint Libère 2009.

A reprodução sem fins lucrativos é permitida.



**AS**

**TRES ROMAS.**

**IV.**



# TRES ROMAS.



20 de janeiro.

Uma execução.

Hontem pela tarde fôra eu, segundo o meu costume, á egreja de Santo André *delle Fratte*, sita a quarenta passos da nossa morada; e recitara o officio diante da grade da primeira capella á esquerda ao entrar, dedicada ao archanjo S. Miguel. Longe estava do meu pensamento que ia Deus escolher no dia seguinte esta modesta capella d'uma modesta egreja, para n'ella fazer brilhar a sua gloria com um prodigio de que se não encontra mais que um exemplo nos annes da historia; porem não devo anticipar. Ao sahir, vi um grupo numeroso reunido em torno do angulo da Propaganda; aproximei-me para ver o que attrahia a multidão, e lhe impunha o profundo silencio que eu não comprehendia.

A seis pés de altura estava pendurado na parede um grande rotulo de madeira, que tinha escripto em grossas letras pretas o que segue: «Indulgencia plenaria para todos os fieis que havendo-se confessado commungarem ámanhan em (aqui vinha o nome de varias egrejas), e orarem por aquelles que estão condemnados à morte.» Retabulos semelhantes estavam postos em todas as encruzilhadas e nas esquinas das principaes ruas; comprehendí que devia ter logar no dia seguinte uma execução.

Em tanto que, em Paris, os pregoeros publicos, especulando com a curiosidade da multidão, proclamam pela rua as execuções de morte, e parecem convidar o povo para um espectáculo, aqui notificam-as chamando todos os fieis á oração. Esta maneira de annunciar o fatal acontecimento indica debaixo de que ponto de vista encara Roma o supplicio do criminoso. Na victima da justiça humana, vê ella primeiro que tudo uma alma a salvar, e no espectáculo da sua morte uma reparação para com a sociedade e uma lição de alta moral; para alcançar estes tres fins põe ella tudo em obra. A partir do dia da condemnação, torna-se o criminoso objecto dos mais caritativos cuidados; nada se omitta para o preparar para a terrivel passagem do tempo á eternidade. Dizendo o que vimos escrevo a historia invariavel do que se faz em tal circumstancia. Logo que foi noite, os *Confrades da Misericordia*, *Confortatori*, ou de *S. João decapitado*, se reuniram em grande numero. Esta tocante instituição, fundada sob Innocencio VIII em 1488, assiste aos condemnados á morte com charidade verdadeiramente christã. Os membros desta sociedade devem ser Florentinos, ou pelo menos de familias originarias da Toscana, em memoria dos fundadores da obra. Alguns se dirigiram á cadeia e se pozeram em oração. Pela meia noite um dos guarda-chaves entrou como de ordinario no carcere para ver se tudo estava em ordem; depois fechando a porta lançou um bilhete na triste habitação: o condemnado sabe, por tradição, o que isto significa. Deixam-o só por alguns momentos, attendendo a que de ordinario a impressão produzida pelo terrivel annuncio lhe não permite ouvir nem a voz da a-



misade nem a da fé. Quando aquelles que deviam morrer no dia seguinte se acharam serenados, os *Confortatori* entraram; um prelado e um bispo, membros da confraria, foram encarregados de dar as primeiras confortações. Orações, doces palavras, mostras da mais effectuosa ternura, eis o que tinha logar na prisão, e o que continuou sem interrupção alguma até ao momento supremo; cá fóra, eis aquillo de que fomos testemunhas.

A' meia noite, quando chegava aos dois condemnados a fuesça nova, expoz-se o SS. Sacramento na igreja da Confraria da Misericordia; e os membros das differentes associações de piedade, tam numerosas em Roma, rodearam o Deus condemnado tambem á morte pela salvação do mundo. Ao romper do dia expoz-se o divino Salvador á veneração dos fieis em varias igrejas, e especialmente em *S. Nicolau in Arcione*. O povo dirigia-se alli em multidão, os tribunaes da penitencia estavam rodeados, e viam-se á meza santa numerosos christãos orando pela salvação de seus infelizes irmãos. O proprio Santo Padre fazia uma longa adoração ante o SS. Sacramento exposto na sua capella domestica.

Pelas oito horas e meia, poz-se em movimento o lugubre cortejo. Após um piquete de dragoens, no meio d'uma multidão inquieta, umas vezes ruidosa e outras silenciosa, caminhava uma longa procissão de religiosos e de confrades da Misericordia, cobertos de saccos negros, com uma tocha na mão e psalmodiando em tom grave as ladaiuhas dos agonizantes. Vinha depois a fatal carreta cercada de carabineiros e seguida do boia. Os dois condemnados estavam assentados no mesmo banco, acompanhados de tres sacerdotes: um de cada

lado dos pacientes e o terceiro em frente, tendo diante dos olhos delles uma imagem da Santa Virgem. Do seio da multidão que enche as ruas, que está nas praças e ás janellas, sabeis que grito se escapa? Um só: *Sono convertiti?* Estão convertidos? confessaram-se? Quanto a um dos condemnados os sacerdotes assistentes respondiam affirmativamente, com um signal de cabeça muitas vezes repetido. Então tivereis ouvido todo aquelle povo, tam impressonavel e tam expansivo, endereçar mil benções ao criminoso, e dizer-lhe: «Meu filho, meu irmão, bemdito sejas; toma animo; eu mandarei dizer uma missa por tua alma; prometto por ti uma novena, uma communhão, uma esmolla: não te esqueceremos: teremos cuidado de tua mulher, de tua mãe, de tua irman e de teus filhos.»

O outro condemnado, culpado de parricidio, tinha permanecido surdo ás sollicitações da misericordia; e ao signal do padre que dizia: *Non è convertito*, essa mesma multidão desfazia-se em reprehensões, em ameaças, em maldições: «*Birbone!* então tu vais morrer como um Turco? um pouco mais e estarás no tribunal de Deus! Vai, desgraçado, serás condemnado por toda a eternidade.» Expressar-se-hia difficilmente a impressão produzida pela voz de todo um povo, pronunciando anticipadamente a sentença eterna de benção ou de maldição que ia ser dada alguns minutos depois aos condemnados, no tribunal do supremo Juiz. Entretanto o cortejo aproximava-se do sitio da execução; os sacerdotes redobravam de instancias para com o obstinado: retardava-se o movimento de proposito, Em fim chega-se a alguns passos do cadafalso erguido não longe

da igreja de S. João decapitado. Os dois condemnados descem á *Confortatoria*, capella provisoria estabelecida defronte da igreja. Ouve-se pela ultima vez a confissão do criminoso arrependido, dão-lhe a santa communhão; e depois dos vinte minutos concedidos para a acção de graças, sobe ao cadafalso. Alli, segundo o costume de Roma, põe-se de joelhos; é nesta attitude religiosa que recebe o golpe da morte.

Ficando junto do seu companheiro, os *Confortatori*, aos quæes se haviam reunido por charidade alguns sacerdotes e religiosos conhecidos por sua santidade, esgotavam todos os recursos do zelo para tocarem aquella alma endurecida. Já era passada a hora da execução; o carrasco esperava a sua victima. Mas por um rasgo dessa longanimidade que a caracteriza, a lei pontificia auctorisa a differir o instante fatal até que o desgraçado haja entrado em si. A' noite somente, se elle permanece insensivel, tem a justiça seu curso. O criminoso de que fallamos continuava a repellir com uma especie de furor os charitativos conselhos que lhe davam; recusava sobretudo abrir os labios para a oração. Por fim, um dos sacerdotes que acabava de descer do cadafalso, lhe disse: «Meu filho, pois não quereis orar por vós, orai ao menos pelo vosso companheiro que está agora na eternidade,» e começam o *De profundis!* Descerrou em fim os dentes, recitou a oração e poz-se a derramar lagrimas. «Basta, exclamou, não quero morrer como um Turco; quero confessar-me.» Fel-o com effeito com muitas lagrimas, recebeu os sacramentos e subiu em pouco ao cadafalso, rodeado das benções e promessas de todo o povo. Tornado manso como um cordeiro perguntou:

Que é preciso fazer? — Pôr-vos de joelhos, — e elle poz-se. — Ponde aqui a cabeça, — e elle a poz, e recebeu o golpe fatal depois de haver pronunciado tres vezes os santos nomes de Jesus e Maria. Havia-se recommendado ao primeiro, que se via tam bem disposto, orasse pelo seu infeliz companheiro; elle tinha-o feito sem duvida, e quem sabe o que vale diante de Deus a oração misturada com o sangue do culpado que se arrepende e morre para expiar os seus crimes? O criminoso havia luctado por mais de tres horas; logo depois da sua execução o sino de S. Nicolau *in Arcione* advertiu os fieis que ficaram em adoração, de que tudo estava consummado: eram duas horas da tarde. Deu-se a benção e tornou-se a metter o SS. Sacramento no tabernaculo.

Desde pela manhã haviam numerosos confrades percorrido a multidão a pedir esmollas, a fim de fazerem celebrar missas pelas almas dos condemnados, que no dia seguinte e oito dias depois tiveram um bellissimo officio. Quanto aos seus corpos, os *Confortatori* os haviam levado religiosamente para a igreja da Confraria, onde os enterraram depois de haverem psalmodiado o officio dos defunctos. No frontespicio desta igreja, lê-se por toda inscripção: *Per la misericordia.* « A' misericordia », e depois o padroeiro do logar é tambem um suppliciado: é S. João Baptista cuja cabeça esculpida em pedra por baixo da inscripção forma o unico ornato da fachada.

O uso agora perguntar: Póde Roma obrar melhor para assegurar a salvação do culpado, mostrar de que valor é uma alma a seus olhos, e fazer do cadafalso um espectáculo verdadeiramente moral? Ajuntei que se differe o mais possivel o dia das

execuções, para que tendo logar pouco tempo antes dos prazeres do carnaval e do mez d'outubro, ellas sirvam de contrapeso a alegrias moltissimas vezes perigosas. Duas particularidades àcerca do carrasco teruiparão esta triste materia. Entre os antigos Romanos, o executor não podia entrar na cidade: o mesmo acontece hoje.

Desgraçado do *boia*, cuja habitação solitaria està afastada para além do Tibre, se ousasse transportar a ponte do Santo Anjo, excepto no caso em que se tem precisão do seu ministerio: o povo o faria em pedaços. Depois não recebe mais de *tres centimos* por execução, e isto para que o engodo do ganho o não exponha a peccar desejando o cumprimento do seu triste emprego. Este ultimo rasgo revela, não o duvideis, um conhecimento tristemente profundo do coração humano.

---

## 21 de Janeiro.

Missa na prisão de Santa Ignez. — Benção dos Cordeiros em Santa Ignez *fora dos muros*. — Pormenores àcerca do *Pallium*. — Descrição da Igreja. — Igreja de Santa Constança. — Orações da tarde. — Visita ao cardeal Pacca.

Poderem todos os dias celebrar a festa dos martyres no proprio theatro da sua victoria, no meio dos mais patheticos monumentos da sua coragem; tal é o feliz privilegio dos siers de Roma. Hontem, tinha eu tido a consolação de offerecer o augusto sacrificio nas catacumbas de S. Sebastião, no sitio onde foi depositado por Santa Lucina o corpo do illustre general. Em volta do altar subterraneo

alumiado por seis tochas, estavam piedosamente ajoelhados homens e mulheres do povo, algumas criancinhas, uma princeza e um ecclesiastico: parece que todas as classes da sociedade se haviam emprazado para descrever a imagem do christianismo primitivo.

Hoje devia renovar-se este espectáculo: celebrava-se a festa de Santa Ignez. Pela manhã cêdo estavamos nós na praça Navone, prostrados com numerosos fieis no chão de marmore da magnifica egreja. Em tanto que se cantavam no templo superior os louvores da moça heroína, foi-nos permitido descer à crypta onde a virgem de treze annos alcançara o seu glorioso triumpho. Fazer correr o sangue divino no mesmo logar onde correu o sangue dos martyres, e apresentar este duplo sacrificio ao Pai das misericordias, que consolação para o sacerdote! Que penhor de salvação para o mundo! Que intimos gozos para o viajante! Por pouco christão que seja, sente-se penetrado de religião, e, como que a pezar seu, vem-lhe a oração aos labios. A' recordação arrebatadora dos milagres que foram necessarios para vencer aqui, neste carcere subterraneo, como á luz clara do amphitheatro, a sociedade pagan da qual a infamia equalava a crueldade; à vista destas paredes antigas, destas sombrias abobadas, deste pavimento de mosaico, testemunhas dezesete vezes seculares da victoria ganha pela fraqueza sobre a força, pela victima sobre o algoz, todas as potencias da alma são profundamente commovidas; e vós felicitaes a joven heroína, vossa irman, invocai-a com fraternal confiança; e sahis d'alli tres vezes feliz com o que tendes visto, com o que tendes sentido, e com o que esperaes.

Estes felizes momentos passaram depressa : o tempourgia-nos. Tractava-se de nos dirigirmos á basilica de Santa Ignez *fora dos muros*, onde devia ter logar a interessante bênção dos cordeiros. Sabindo de Roma pela porta Pia, seguimos por espaço d'uma hora a via Nomentana, e chegamos á egreja : a multidão apertava-se sob o antigo atrio; comtudo foi-nos possivel penetrar no sanctuario, e collocar-nos no angulo do altar, para vermos de perto a cerimonia. Depois da missa, cantada a musica, sahiu o clero processionalmente da sacristia e entrou no sanctuario. A marcha era aberta por uns clerigos que levavam tochas, o thuribulo e a caldeira da agua benta; vinham depois dois ecclesiasticos de grandes mantos pretos, levando cada um nos braços um soberbo coxim de damasco vermelho ornado de franjas d'oiro, no qual estava mollemente deitado um cordeirinho branco como neve, com a cabeça coroadada de rosas e todo o corpo semeado de rosetas de fita vermelha. Estes dois cordeiros com os coxins foram postos em cima do altar, um do lado do evangelho, e outro do lado da epistola. Todos os conegos regulares do *Santo Salvador* que servem a egreja vieram tomar logar no côro. O abbade, com a mitra na cabeça e revestido do pluvial, subiu ao altar com o diacono e o subdiacono, em tanto que a musica, collocada nas galerias superiores, executava um trecho analogo à circumstancia.

Em breve o celebrante pronunciou uma magnifica oração toda perfumada dessa deliciosa poesia cujo typo desconhecido do mundo não se encontra mais que no Pontifical romano.

Começa por um hymno em honra de *Santa Ignez*, modelo de pureza e innocencia, de força e

doçura ; depois, recordando que o costume de dar ornamentos particulares aos ministros sagrados é conforme á antiga tradição cuja origem remonta ao Sinai, desenrota o esplendido quadro dos seculos christãos. Depois da oração o celebrante lançou agua benta sobre os dois cordeiros, e os perfumou com cheiro de incenso : foi assim que os benzeu. Se a belleza da oração e a memoria do cordeiro divino offerecido sobre o altar da cruz, me não houvessem occupado inteiramente, não teria podido deixar de admirar a perfeita tranquillidade e o silencio daquelles cordeirinhos, cujos pés estavam atados em leixe com fitinhas vermelhas, e que se olhavam um ao outro parecendo muito espantados de se acharem em semelhante lugar. Depois da benção, voltou o cortejo à sacristia e os dois cordeiros foram entregues a um mestre de ceremonias da basilica de S. João de Latran. Acompanhado de dois servos da egreja, levou-os aos pés do Santo Padre que os benzeu tambem. O camarlingo dos subdiaconos apostolicos transporta depois aquelles tenros cordeiros a um convento de religiosas, designado pelo Summo Pontifice para cuidar delles. Quando é chegado o tempo, torquêam-se os dois cordeiros, e da sua lan se fazem os *pallium*. Na Paschoa, um dos cordeiros é servido à meza do Papa ; pois é costume em todas as familias romanas comer naquelle dia um cordeiro, em memoria do verdadeiro Cordeiro immolado para salvação do mundo : Roma é unica para conservar os pios costumes e as locantes recordações.

Se, ao sairdes da cerimonia de Santa Ignez, vos encontrardes homens do mundo, estai certos que os *porqués* vão assaltar-vos. Porque essa benção de dois Cordeiros ? porque as ceremonias



que a acompanham ? porque esse *pallium* ? porque isto ? porque aquillo ? Tornou-se necessarias algumas palavras em resposta: Na antiga lei, o *Racional* e o *Superhumeral* distinguiam o Summo Pontifice dos outros sacerdotes. A Egreja quiz que os primeiros pastores do divino aprisco tivessem tambem ornamentos que os fizessem reconhecer: conciliar-lhes o respeito dos sacerdotes e dos fieis, recordando-lhes ao mesmo tempo a elles proprias a origem, o caracter, o objecto da sua auctoridade; tal foi a sua intenção revestindo-os do *pallium*. Successores do Cordeiro de Deus, devem perpetuar o seu poder e retratar a sua doçura; eis ahi porque a insignia da sua alta dignidade ha de ser feita com a lan d'um cordeiro bento. O seu emprego é uma carga, e devem, como o bom Pastor, levar as ovelhas errantes ou enfermas; eis ahi porque levarão o *pallium* aos hombros. E' pela força e pelo amor de Deus crucificado que podem cumprir a sua terrivel missão; eis ahi porque o *pallium* ha de ser ornado de seis cruces. A origem do seu poder vem de Pedro, e por Pedro do mesmo Filho de Deus; eis ahi porque, na vespera da festa dos gloriosos Apostolos, põem todos os *pallium* sobre o seu tumulo; tirados no dia seguinte com grande respeito, confiam-se aos conegos sacristaens que os depositam no thesoiro das reliquias, esperando que elles sejam enviados (1). O uso do *pallium* re-

---

(1) A entrega do *pallium* faz-se em termos que não deixam duvida alguma ácerca da explicação que precede: *Ad honorem Dei omnipotentis, et beatae Mariæ Virginis, ac beatorum apostolorum Petri et Pauli, et Domini nostri N. Papæ N., et*

monta para o Santo Padre ao berço da Igreja ; o favor de o trazer não data, para os metropolitanos e patriarchas, senão do IV.º seculo. Com o andar do tempo, a Santa Sé estendeu esta honra aos arcebispos e até a certos bispos das differentes partes do mundo (2).

Quando a multidão se escoou, visitamos a igreja de Santa Ignez. Esta veneranda basilica está edificada no mesmo sitio onde se encontrou o corpo da joven heroína. Deve a sua origem a Constantino que a mandou erguer a rogos de sua filha Constança, milagrosamente curada por intercessão da gloriosa martyr (3).

Os mosaicos do côro são homenagem do papa Honorio I. Paulo V reparou o tabernaculo, ornou o altar de pedras preciosas e depositou nelle o corpo de Santa Ignez com o de Santa Emerenciana, irman de leite da joven martyr, e lapidada pelos pagãos na occasião em que orava sobre a sepultura de sua amiga. Umas inscripçoens recordam que S. Gregorio Magno pronunciou nesta basilica duas homilias no dia anniversario do nascimento, isto é do martyrio da gloriosa martyr.

---

sanctæ Romanæ Ecclesiæ, nec non N. Ecclesiæ tibi commissæ, tradimus tibi pallium de corpore B. Petri sumptam, plenitudinem videlicet Pontificalis officii, ut utaris eo intra ecclesiam tuam certis diebus, qui exprimentur in privilegiis ei ab Apostolica Sede concessis.

(2) Ciampini, *Monim Veter.*, t. III, p. 50; Devoti, *jus can.*, t. I, p. 14; Constanzi, *Istituzioni*, etc., p. 17; Durandus, *Rational*, c. XVII, n. 3; Card. Bona, *lib. I*, c. 24, etc. etc.

(3) Anast., *In B. Sylvestr.*

Segundo o seu nobre costume, Constantino enriqueceu o novo templo de ornamentos e vasos sagrados, dignos da magnificencia imperial. Citam-se entre outros um calix d'ouro fino do pêsso de dez libras; uma patena do mesmo metal pesando vinte libras; um vaso para as abluçoens, do mais puro ouro, adornado de triata delfins e pesando quinze libras; emfim uma lampada d'ouro de doze bicos do pêsso de quinze libras (1). Se os Barbaros levaram estes ricos despojos, deixaram ao menos os preciosos marmores que ainda attestam a liberalidade do principe e dos primeiros pontifices. A egreja que conserva a forma das antigas basilicas romanas, tem tres naves sustentadas por quatorze columnas antigas, quatro dellas de jaspe ou de *porta santa*, e as outras d'alabastro, excepto as duas ultimas, ao pé da porta, que são de marmore da Numidia. Fica-se espantado de ver a ordem jonica, a corinthia e a composita brilharem nos capiteis; porem esta confusão das diversas ordens prova, d'um lado, que estas columnas pertenceram a differentes edificios pagãos, postos a contribuição para erguer o templo da illustre martyr, e, d'outro lado, que o senhor do mundo queria ser promptamente obedecido [2].

Por cima das naves lateraes corre uma galeria em forma de portico, apoiada em columnas cuja magnificencia não cede às primeiras: observa-se n'ellas a mesma mistura das ordens d'architectura. Historia completa da arte, o docel do altar mór é sustentado por quatro columnas do mais bello porphyro. A esculptura moderna brilha alli na

---

(1) Anast., *In B. Sylvestr.*

(2) Baron. *Ann.* 324, n. 103.

estatua da Santa de alabastro oriental; a antiguidade pagan dá a fôrma do monumento com suas columnas de jaspe e porphyro; a primitiva Igreja é representada por um candelabro da maior riqueza, e finalmente a idade media desenvolve a sua magnificencia e o seu genio, a um tempo simples e sublime, no mosaico do côro.

A soberba grinalda de flores e fructas que o rodea corta-se na parte superior do arco, para dar lugar a uma radiosa cruz. No campo, directamente por baixo da cruz, vê-se sahir das nuvens a mão divina sustendo uma corda. Mais abaixo apparece Santa Ignez na attitude do triumpho, isto e em pé, com a cabeça coroada de esmeraldas e rodeada da aureola circular; o pescoço ornado de collares de perolas, e o corpo coberto do laticlavio adornado de pedras preciosas, segundo o costume dos imperadores e das imperatrizes do Oriente. Este traje bysantino n'um mosaico romano é mais uma prova de que n'aquella epocha, isto é no VII.º seculo, se mandavam vir os *mosaistas* de Constantinopla. Pouco familiarisados com os nossos trajos occidentaes, vestiam as suas figuras á moda da sua patria. A Santa aperta o Evangelho ao coração; debaixo de seus pés vê-se o gladio que lhe cortou a cabeça, e de cada lado sobem dois feixes de flammæ, symbolo do seu desejo ardente dos supplicios. Era difficil resumir mais perfeitamente a epopeia da joven heroína. A' sua direita está o papa Honorio I, trazendo o modelo da igreja; e á sua esquerda, o papa Symmaco, restaurador da veneranda basilica. Já o observamos, no todo do seu adorno, é Santa Ignez como a encyclopedia da arte. Ora, esta reunião dos dois mundos, um vencido e outro

vencedor, contribuindo cada um a seu modo para ornar o templo d'uma criança, essa longa serie de seculos que veem ao passarem depôr sua homenagem aos pès della, formam uma dessas deliciosas harmonias que Roma tem o privilegio de offerecer ao catholico, unico capaz de comprehendel-as.

Não longe de Santa Ignez ergue-se entre as ruinas uma soberba rotonda que contem grandes riquezas archeologicas; é a igreja de Santa Constança.

Edificada, segundo se crê, por Constantino para o baptismo de sua augusta filha, serviu depois de baptisterio à basilica de Santa Ignez. Vinte e quatro columnas de marmore africano formando dois porticos sustentam o edificio. Tres grandes nichos, *loculamenta*, estão talhados nas paredes; dois são abertos e dão passagem para o exterior. O terceiro encerra um soberbo tumulo de porphyro transportado da mole d'Adriano para receber os preciosos restos da joven princeza. O tumulo é ornado de mosaicos representando uma scena de vindimas, assumpto assaz frequente no ornamento das catacumbas. Nas abobadas das outras aberturas se acham assumptos mais evidentemente christãos. Em uma, Nosso Senhor apparece de pé; com a mão direita abençoa, na esquerda tem uma bandeirinha em que se lê: *Dominus pacem dat*. A' esquerda está S. Philippe, inclinado ante o divino Mestre e recebendo a extremidade inferior da bandeirinha; S. Thomaz se mostra á direita na attitude do respeito e da admiração; quatro ovelhas occupam a base do quadro, com duas casinhas, *tuguriola*, rodeadas de palmeiras. Viram-se nestas figuras, todos os fieis a quem Nosso

Senhor dá a-sua paz, as habitações multiplices da casa de Deus, e finalmente a Judea, theatro primitivo desta scena evangelica (1).

Na outra curvadura, o Filho de Deus está assentado sobre o globo; senhor absoluto de todas as coisas, tem direito de prometter a paz e a dá a um dos seus discipulos a quem abraça: este segundo mosaico parece assim o complemento do primeiro. Observa-se, á direita e esquerda do Senhor, grande quantidade de palmeiras, para recordar o paiz onde o divino Redemptor terminou a sua vida mortal. Que a palmeira seja o emblema da Judea, é um facto estabelecido pelas medalhas de Vespasiano e Tito, nas quaes se vê uma mulher assentada, chorando debaixo de uma palmeira, com estas palavras: *Judaea capta*. Até na parte decorativa, souberam os artistas christãos conservar as grandes verdades da nossa historia.

Em quanto á cupula, pintada a fresco e a a mosaico, offerece nos lados folhas de vinhas, cachos, toda uma scena de vindimas, e no topo uma mulher em perfil. Infelizmente esta parte do edificio tem soffrido demasiado, pelo que não é possivel dar uma explicação plenamente satisfactoria della (2) Tornada em tumulo de Santa Constança depois de haver sido o seu berço, possui a rotunda um altar muito curioso, onde repousa o venerando corpo da filha de Constantino, com os das Santas Attica e Artemia, nobres emulas da augusta princeza.

---

(1) Joan., c. XIV.

(2) Vêde Aringhi., *Rom. subt.*, lib. VI, c. 45.

Era já tarde quando sahimos para deitar uma vista d'olhos pelo vasto recinto de ruínas que dizem ser o hippodromo de Constantino. Paredes nutantes e esboracadas, d'onde pendem moitas de cipós e de hera selvagem; envasamentos meio cobertos de terras e de entulhos; videiras, plantadas nos sitios por onde corriam os carros, eis ahí o que resta do sumptuoso monumento: aqui póde-se dizer com verdade que até mesmo as ruínas pereceram. Desde pela manhã, eu tinha vivido entre martyres, á noite devia ver um confessor dessa mesma fé, cujo privilegio é ser perseguida até ao fim dos tempos. O excellente abbade de L... devia apresentar-me ao deão do sacro Collegio, o veneravel cardeal Pacca. Ao atravessarmos certas ruas fracamente allumiadas, fomos testemunhas d'um d'esses pios usos que só se encontram em Roma. A impressão que elles produzem é tanto mais grata quanto são mais singelos, e tanto mais viva quanto são mais estranhos aos nossos costumes francezes. A alguns passos diante de nós estava uma madona muito bem illuminada; de cada lado da rua, homens, mulheres e crianças, ás portas das casas, recitavam respondendo-se as oraçoens da noite, que terminaram com as ladainhas da santa Virgem, cantadas em côro. Passaes, ninguem se incommoda, a recitação, o canto continuam até que se haja acabado a *Ave, Maria*: saudação angelica, pela qual designam em Roma o declinar do dia.

O cardeal Pacca é um amavel velho de oitenta e nove annos; seus cabellos brancos como a neve, a fiura de seu olhar, a delicadeza de suas feiçoens, a doçura de sua palavra, a amenidade de suas maneiras, o ar de affabilidade e

cordialidade espalhado por toda a sua pessoa, ordenam o respeito e a afeição.

Accrescentai que elle ama muito a França: «Os Francezes, dizia-me; são naturalmente bons; valem mais que os seus principios. Parecem-se com o menino do Evangelho, que diz a seu pai: Não quero ir à vinha, e contudo vai; em tanto que os Allemaens imitam o outro menino que diz: Eu vou lá, e não vai.» A este juizo de que é difficil contestar a justeza, succedeu o elogio das nossas damas francezas. O augusto principe da Igreja não sabia como exaltar a sua charidade e dedicação. «Se a França deve ser salva, dizia, sel-o-ha pelas mulheres; são dignas desta missão.»



## 22 de janeiro.

Conversão de M. Ratisbonna. — Narração de M. de Bussières.

Hontem pela manhã, quando tomavamos à pressa a *ciocolata*, para nos dirigirmos à Santa Ignez fora dos muros, a boa Menica veio-nos annunciar, com alegria do seu coração, a grande nova que circulava em Roma: *un ebreo é convertito!* converteu-se hontem um judeu; sim, hontem, na nossa igreja de Santa Ignez *delle Fratte!* *Gesù mio! che bel miracolo!* Não tivemos vagar de ouvir mais. A' noite, fallou-se desta conversão em casa do cardeal Pacca; finalmente, hoje 22, tive todos os pormenores do grande acontecimento. Ao salão da senhora condessa K ..... chegou o senhor barão de Bussières, que nos contou, em



pequena reunião, o que depois publicou. Vou deixal-o fallar a elle mesmo. «Refiro, disse-nos, um facto incontestavel; digo o que vi com os meus olhos, e que multidão de honradas testemunhas podem affirmar, o que Strasburgo não poderá crer, o que Roma inteira admira: um homem no gozo do seu perfeito juizo, de toda a plenitude das suas faculdades, entrou n'uma egreja, judeu obstinado, e, por um desses golpes da graça que venceu Saulo no caminho de Damasco, sahio della, dez minutos depois, catholico de coração e de vontade. Affonso Ratisbonna pertencia á familia de Strasburgo, distincto por sua posição e pela estima de todos. Acabava de chegar a Napoles, a fim de proseguir até ao Oriente uma viagem de saude e de recreio. Destinado a uma posição brilhante, promettia-se consagrar todos os seus esforços á regeneração de seus correligionarios; dirigia a esse alvo todos os seus pensamentos e todas as suas esperanças; porque se indignava de tudo o que podia recordar a maldicção que pesa sobre os descendentes de Jacob.

«Entretanto era chegado o momento de partir para o Oriente; Ratisbonna sahio pois uma manhã para ir, sem mais tardança, tomar logar no barco a vapor que devia conduzil-o a Polermo. Quando ia caminhando, lembra-se de que não viu Roma; e de que uma vez de regresso, é pouco provavel que possa voltar à Italia. Absorvido por estas reflexoens entra n'um escriptorio, mas é o das diligencias: segura alli um logar, e tres dias depois está em Roma; mas só se demorará n'ella um mui curto espaço de tempo. Eil-o pois visitando as ruinas, as galerias, as egrejas; amontoando, como verdadeiro *torista*, as excursões, as

impressoens e as recordaçõens confusas. Tem pressa de acabar com esta cidade que veio ver, ainda menos por curiosidade que por uma especie de attracção que explica mal a si proprio.

«Na vespera da sua partida, apresentou-se para fazer uma visita de despedida a meu irmão. Gustavo, meu irmão, é zelosissimo protestante da seita dos Pietistas; tinha tentado algumas vezes attrahir á si o joven israelita: as conversaçõens terminavam-se ordinariamente por duas palavras, que expressavam muito bém a situação moral dos dois interlocutores: *Protestante furioso!* dizia um; *Judeu callejado!* respondia o outro. Ratisbonna não encontrou meu irmão que havia partido para a caça; a Providencia permittiu que elle se dirigisse a um crirdo italiano que, comprehendendo-o mal, o introduziu na minha salla. Até este momento não nos haviamos encontrado mais que uma só vez em casa de meu irmão; e, apezar de minhas antecipaçõens, não tinha obtido de Ratisbonna senão a fria civilidade d'um homem bem creado. Todavia recebi-o do melhor modo que pude; fallei-lhe das suas excursõens; elle contou-me o que tinha visto, e as suas impressõens.

«Succeheu-me, ajuntou, uma coisa extraordinaria, quando visitei a egreja d'Ara-Coeli, no Capitolio: senti-me tomado d'uma commoção profunda, que não podia explicar a mim mesmo.»

Parece que no momento em que Ratisbonna me fazia esta confidencia, os meus olhares, scintillantes de alegria, como que lhe diziam: *Tu serás dos nossos*; porque elle se apressou a affirmar, com uma intenção bem pronunciada, que esta impressão havia sido puramente religiosa e de modo algum christan. «Além disso, continuou elle,

ao descer do Capitolio, um mui triste espectáculo veio avivar todo o meu odio contra o catholicismo; atravessei o Ghetto, e, ao mesmo tempo que via a miseria e degradação dos Judeus, dizia a mim mesmo que a final de contas, valia mais estar da banda dos opprimidos, que da dos oppressores.» A nossa conversação tendia para a discussão: eu esforçava-me, na minha excitação, por fazer-lhe partilhar as minhas convicções catholicas, e elle, sorrindo se dos meus esforços, respondia-me, com benevola piedade para com minhas supersticções, *que nascera judeu, e que judeu havia de morrer.*

«Então occorreu-me a idéa mais extraordinaria, uma idéa do ceo, porque os sabios da terra a teriam tachado de loucura:

«Uma vez que sois um espirito tam forte e tam seguro de vós mesmo, promettei-me trazer com vosco o que vos vou dar.

« — Vejamos, de que se tracta?

« — Simplesmente desta medalha.

«E mostrei-lhe uma milagrosa medalha da Virgem. Elle recusou vivamente com uma mistura de indignação e surpresa.

«Mas, accrescentei eu, segundo o vosso modo de pensar, isto deve-vos ser perfeitamente indifferente; e fazeis-me a mim um grandissimo favor.

« — Oh! por isso não seja a duvida, exclamou elle então rindo ás gargalhadas; quero ao menos provar-vos que se faz uma injustiça aos Judeus accusando-os de obstinação e insuperavel pertinacia. Alem disso forneceis-me com isto um lindissimo capitulo para as minhas notas e impressões de viagem.» E continuava com gra-  
cejos que me magoavam o coração, porque para mim eram blasphemias.

«Entretanto eu tinha-lhe lançado ao pescoço uma fita à qual minhas filhinhas haviam, durante a nossa disputa, atado a benta medalha. Restava-me alguma coisa mais difficil que obter. Queria que elle recitasse a pia invocação de S. Bernardo *Memorare*... Desta vez não resistiu; recusou-me positivamente com um tom que parecia dizer: Este homem é na verdade impertinente de mais. Porém uma força interior me impellia, e eu luctava contra as suas reiteradas recusas com uma especie de encarniçamento, offerecia-lhe a oração, rogando-lhe que a levasse consigo e tivesse a bondade de copial-a, porque eu não tinha outro exemplar della.

«Então com um movimento de enfado é ironia, como para escapar ás minhas importunidades: «Vá lá, escrevel-a-hei; vós ficareis com a minha copia, e eu guardarei a vossa;» e retirou-se murmurando baixinho. «Éis um original bem indiscreto. Quizera saber o que elle diria, se eu o importunasse deste modo, para fazer-lhe recitar uma das minhas oraçoens judaicas.»

M. de Bussières contou-nos depois todos os esforços que havia feito para demorar em Roma o seu joven judeu, decidido a partir no dia seguinte; e a communicação que fizera a M. de La Ferronnays, das difficuldades que apresentava esta conversão. M. de La Ferronnays prometteu orar, e na noite de 17 morreu, quasi de repente, deixando aos amigos que havia edificado durante os seus ultimos annos, como á familia que o chorava, o exemplo de suas virtudes, e a consolação de esperarem que Deus não o havia chamado a si senão porque elle estava maduro para o ceu.

«Entretanto, continuou M. de Bussières, Ratisbonna não havia dado um passo unico para a

verdade; a sua vontade ficára a mesma, o seu espirito sempre mofador, os seus pensamentos sempre ligados ás coisas da terra; tal era a sua situação moral quinta feira 20 de janeiro. Pelo meio dia entrou no café da praça de Hespanha para ler as folhas; encontrou lá meu cunhado, Edmundo Humann, conversou com elle ácerca das noticias do dia com um abandono e ligeireza que excluam a idéa de toda e qualquer preocupação grave. Ao sahir do café, pela meia hora da tarde, encontrou o senhor barão de Lotzbeck, seu amigo do collegio, conversou alegremente com elle sobre as coisas mais futeis; fallou de baile, de prazeres, da brilhante fuocção dada pelo principe T... Seguramente se alguém lhe houvesse dicto nesta occasião: *Antes de duas horas sereis catholico*, elle tel-o-hia julgado doido.

«Era uma hora; eu devia fazer alguns arranjos na egreja de Santo André *delle Fratle*, para a funebre cerimonia do dia seguinte. Encontrei Ratisbonna que descia a *Via Condotti*, induzi-o a ir comigo. Entramos na egreja. Vendo os preparativos do officio, perguntou-me para quem eram destinados: — «Para um amigo que acabo de perder, M. de La Ferronnays, a quem eu queria com extremo.»

«Então elle poz-se a passear pela nave: seu olhar, frio e indifferente, parecia dizer: Esta egreja é muito feia. Deixei-o da banda da epistola, ao lado d'um pequeno recinto disposto para receber o feretro, e entrei no interior do convento. Não tinha mais que algumas palavras a dizer a um dos religiosos, pois queria mandar preparar uma tribuna para a familia do defuncto; a minha ausencia durou apenas dez ou doze minutos.

« Ao voltar à igreja, não vejo a principio Ratisbonna; depois descubro-o logo ajoelhado diante da capella de S. Miguel situada á esquerda ao entrar. Aproximo-me, abano-o tres ou quatro vezes antes que elle dê pela minha presença. Finalmente vira para mim um rosto banhado em lagrimas, junta as mãos, e diz-me com uma expressão impossivel de descrever: « Oh! como este senhor orou por mim! »

« Eu mesmo estava estupefacto de admiração; sentia o que se experimenta na presença d'um milagre. Levanto Ratisbonna, guio-o, levo-o, por assim dizer, para fora da igreja; pergunto-lhe o que tem, aonde quer ir. « Conduzi-me aonde quizerdes, exclama; depois do que vi, obedeco. » Insto-lhe que se explique, porem não o pôde fazer; a sua commoção é demasiado forte. Tira do seio a milagrosa medalha que cobre de beijos e lagrimas. Levo-o a sua casa, e apesar das minhas repetidas instancias, não posso obter d'elle mais que exclamações interrompidas por soluços. « Ah! quanto sou feliz! como Deus é bom! que plenitude de graças e de ventura! como são dignos de lastima aquelles que não sabem! » Depois desfaz-se em lagrimas pensando nos herejes e nos descrentes. Finalmente pergunta-me se não está doido... « Porem não! exclama, estou no meu juizo perfeito; meu Deus; meu Deus! eu não estou doido. »

« Quando começa a serenar esta delirante commoção, Ratisbonna, com um rosto radioso, diria quasi transfigurado, me aperta nos braços, abraça-me, pede-me que o conduza a casa d'um confessor, quer saber quando poderá receber o baptismo, sem o qual já não pode viver, e suspira pela felicidade dos martyres, cujos tormentos vira

nas paredes de Santo Estevão o Redondo. Declara-me que se não explicará senão depois de haver obtido licença de o fazer d'um padre, « porque o que tenho a dizer, ajunta, não devo, não posso dizel-o senão de joelhos. » Conduzo-o immediatamente ao Gesù, junto do padre Villefort que o induz a explicar-se.

« Então Ratisbonna tira a sua medalha, abraça-a, mostra-nol'-a, e exclama: *Eu vi-a! eu vi-a!!!* e a sua commoção domina-o ainda; mas em breve mais socegado, pôde explicar-se. Eis as suas proprias palavras:

« Estava eu havia um instante na egreja, quando de repente me senti tomado d'uma perturbação inexplicavel. Levantei os olhos, e todo o edificio havia desaparecido aos meus olhares; uma só capella tinha por assim dizer concentrado toda a luz, e no meio desta irradiação appareceu em pé, sobre o altar, grande, brilhante, cheia de magestade e doçura, a Virgem Maria, tal qual está na minha medalha: uma força irresistivel me impelliu para ella. A Virgem fez-me signal com a mão de me ajoelhar, e pareceu dizer-me. « Está bom! » não me fallou, mas eu comprehendi tudo. »

Tal è a narração de M. de Bussières, que foi acompanhada de muitas outras particularidades que não refiro, porque foram consignadas no opusculo intitulado: *O Filho de Maria*. Todavia volveremos a M. Ratisbonna; uma cerimonia solemne mostrará a todos os olhos o novo Saulo, vencido na grande Roma, e tornado, de perseguidor, em vaso de eleição destinado a fazer conhecer o nome do Senhor, não aos Gentios, mas aos Judeus seus irmãos. Abysmo dos conselhos de Deus! este man-

cebo, de coração ardente, medita a regeneração de seus correligionarios, porem quer regeneral-os a seu modo: pois bem! a sua missão ficar-lhe-ha, mas hade cumpril-a n'um sentido mais elevado que elle não conhece. Eil-o catholico, eil-o membro d'uma sociedade de apóstolos; e quem sabe se não é escolhido para accelerar o movimento que, segundo as prophcias, deve impellir para o aprisco do Salvador os restos d'Israel e annunciar o fim dos tempos? Olhai para o horizonte, e talvez n'elle vereis romper já mais d'um signal precursor daquelle futuro a um tempo consolador e terrivel. Adoremos, roguemos, estejamos promptos.

---

### 23 de Janeiro.

Egreja de Santo André *delle Fratte*.—Recordação do cardeal Consalvi.—Reflexoens sobre as artes em Roma.—Conversação de Canova com Napoleão.—Visita dos palacios e das galerias particulares.—Palacio Barberini.—Palacio Borghese.

Todo cheio da narração da vespera, fui pela manhã cêdo celebrar o santo Sacrificio na igreja de Santo André *delle Fratte*, no mesmo altar da capella onde se havia realisado o milagre. Dizia a mim mesmo: Não foi nem um judeu allemão, nem um judeu inglez, mas um judeu francez que se converteu. Como se não hão de ver n'esta circumstancia os designios eternos de Deus sobre o povo missionario?

Depois da missa estudamos de novo esta igreja; d'ora em diante gloriosamente historica, e sube



uma particularidade que não é destituida d'algum interesse. O illustre cardeal Consalvi, amigo e ministro de Pio VII, havia-se achado unido a todos os grandes negocios que tinham enchido o borrascoso reinado do immortal Pontifice. Em testemunho da sua alta estima, haviam os diversos soberanos da Europa offerecido ao habil diplomata uma rica collecção de preciosas caixas de rapé. A mais esplendida era a da concordata de 1801, que custou 30,000 francos. O piedoso cardeal ordenou, pelo seu testamento, que as vendessem e que empregassem parte do producto em terminar as fachadas de varias egrejas de Roma; deste numero foi Santo André *delle Fratte*. A outra metade da somma foi consagrada a erguer na egreja de S. Pedro o mausoleu de Pio VII, seu bemfeitor. Servida por Minimos, possui a egreja de Santo André uma rica capella dedicada a S. Francisco de Paula. N'ella se vêem dois anjos do Bernino, e mais abaixo a morte de *Sant'Anna*, esculptura mui notavel de Pacetti. Os principaes monumentos fúnebres são os do sabio dinamarquez Zoega, e do gracioso esculptor prussiano Rodolpho Schadow: « Tumulos do norte que provam o indizivel attractivo de Roma e da Italia para todos os amigos das artes e da antiguidade. »

Não só os cardeaes e os papas, mas tambem as communitades religiosas e os simplices particulares parece rivalizarem em zelo para fazerem da cidade eterna a galeria, o museu, o salão da Europa e do mundo. Este amor enthusiastico de todos os primores d'arte pelos quaes se revela o genio do homem, é a gloria de Roma christan; e, depois do ardente culto da fè, um dos mais bellos floroens da sua corôa. Já os palacios pon-

tificios nos haviam mostrado as suas incomparaveis riquezas; quizemos, a exemplo de todos os viajantes, visitar as que aformozeam as habitações particulares, e começamos uma excursão puramente artistica.

No instiucto de que acabo de fallar, é facil ver o pensamento da Providencia. D'uma parte quiz Deus que a senhora da fé fosse tambem a mãe das artes, a fim de fechar a bôcca àquelles que se atrevessem a accusal-a de ser inimiga das luzes; d'outra parte, é certo que as obras primas de pintura e esculptura parecem mais bem collocadas em Roma que em nenhuma outra cidade. Um juiz que niuquem terá tentação de recusar, Canova, exprimia assim esta verdade demasiado conhecida. Napoleão havia-o chamado a Paris para tirar o retrato da imperatriz Maria Luisa. « Vim pará satisfazer a Sua Magestade, a fim de voltar a Roma e continuar os meus trabalhos. — Mas, diz o imperador, Paris é presentemente a capital; é preciso que permaneçaes aqui, e fareis bem. — Sois dono da minha vida, Senhor; porem se apraz ao imperador que ella seja empregada em seu serviço, é mister que me conceda o regressar a Roma, quando houver terminado os trabalhos para que vim. Fallaram-me de fazer o retrato da imperatriz, e represental-a-hei sob as feições da Concordia. »

O imperador surriu-se com benevolencia e replicou: « Aqui é o centro, aqui estão todos os primores d'arte antigos. Falta só o Hercules Farnesio que está em Napoles: reservei-o para mim. — Deixe Vossa Magestade, tornou Canova, ao menos alguma coisa á Italia: os monumentos antigos formam colleccão e cadêa com infinidade d'outros que se

*não podem transportar nem de Roma, nem de Napoles.* Alem disso, o povo romano tem um direito sagrado aos monumentos descobertos nas entranhas das fundações de Roma; é um producto intrinsecamente unido ao solo, de modo tal que nem as familias nobres, nem o mesmo papa Pio VII, podem vender, nem enviar para fóra esta herança do povo-rei, esta recompensa dada pela victoria, a seus antigos paes. — Meu senhor, fazei o favor de dizer-me, que tal é o ar do Roma? era mau ou doentio nos tempos actigos?

— Recordo-me de haver lido em Tacito, a proposito da chegada de Vitellio, que muitos soldados cahiram doentes por terem dormido ao ar no Vaticano (1); porem Roma tem outras dores, continuou o illustre artista, esta capital está afflicta desde a ausencia do Papa. — Semeae algodão, replicou o imperador, nós faremos Roma capital da Italia, e lhe reuniremos Napoles: que dizeis a isto? Estareis contente? — As artes poderiam restituir a prosperidade; a religião favorece as artes. Entre os Egypcios, entre os Gregos e os Romanos, Senhor, só a religião sustentou as artes. Os trabalhos dos Romanos tem em si o sello da religião. Esta salutar influencia sobre as artes as salvou tambem, em parte, dos estragos dos barbaros. Todas as religioens são bemfeitoras das artes; a que é mais particular e magnificamente sua protectora e mãe, é a verdadeira religião, a nossa religião catholica romana. Os protestantes, Senhor, contentam-se com uma simples capella e com uma

---

(1) Ne salutis quidem cura infamibus Vaticani locis magna pars tetendit, unde crebræ in vulgus mortes. *Hist.*, lib. II, 97.

cruz, e não dão occasião de fabricar bellos objectos d'arte. Os edificios que elles possuem foram feitos pelos outros.» O imperador dirigindo-se a Maria Luisa, e interpellando-a, exclamou: «Elle tem rasão; os protestantes não teem nada bello (1).»

Partindo da Propaganda, chegamos em alguns minutos à praça *Barberini*. Occupa ella, em parte, o sitio do circo de Flora, famoso pela abominação das festas que alli se celebravam de noite á luz de archotes, em honra da meretriz divinizada. Ergue-se no meio uma bella fonte, formada por quatro delfins que sustentam uma grande concha aberta, d'onde sahe um tritão que lança agua a grande altura. A praça deve o seu nome ao palacio *Barberini*, situado a um dos lados. No fundo da grande escada fixa-se a attenção n'um bellissimo leão antigo, embutido na parede do segundo patamar. Passa se d'alli ao salão, cuja abobada foi pintada a fresco por Pedro de Cortona; esta obra passa pelo primor d'arte deste mestre pouco estimado nos nossos dias. Na sala dos retratos, tendes cinco obras do Ticiano; depois o *Christo e a Magdalena*, do Tintoreto, com um gracioso quadrosinho da Santa Virgem e do Menino Jesus, d'André del Sarto. Encontramos alli tambem uma das numerosas e tam notaveis composicoens de Gerardo das *Noites*, o pintor do claro-escuro. A *Prisão de Nosso Senhor no Jardim das Oliveiras* causa illusão pela maravilhosa verdade do toque da luz: dir-se-hia o diorama á luz clara. Mais adiante está *Adão e Eva*, do Dominiquino: Deus,

---

(1) *Vida de Pio VII*, por M. Artaud, t. II, c. 22.

levado por um grupo de anjos, censura a Adão o seu delicto; este, tremulo e confuso, mostra sua mulher que por sua voz lança a culpa á serpente. Entre muitos outros quadros fica-se sobretudo impressionado com a pathetica cabeça da desventurada Beatriz de Cenci, obra-prima do Guido. Refere a historia que o pintor a fez de memoria, depois de ter visto a moça heroína subir ao cadafalso, no momento em que ella dizia ao carasco estas tam fortes e tam christans palavras: « *Tu ligas meu corpo para o supplicio, e desligas minha alma para a immortalidade. Tu legghi il corpo al supplicio, e sciogli l'anima all' immortalità.* » Estas obras e outras mais de grande merito, taes como o *Dedalo* e o *Icaro*, do Guercino, o *Santo André Jorsini*, do Guido, dão ao palacio Barberini um logar distincto entre as galerias particulares de Roma.

Tornando a passar por ao pé da villa Medicis, outr'ora doce prisão de Galileu, e hoje academia de França, dirigimo'-nos ao palacio Borghese. A virtude, a charidade, a fé viva, habitam esta mansão que enchem de suas obras primas os mestres da esculptura antiga e da pintura moderna. As longas e brilhantes fachadas dos edificios, o magnifico patio que as separa, tudo annuncia uma habitação verdadeiramente de principes. Este patio, de forma quadrangular, é rodeado de porticos sustentados por noventa e seis columnas de granito, doricas no andar terreo, e corinthias no andar superior: tal é o aspecto geral do *Cimbalo Borghese*.

A galeria do palacio, a mais bem arranjada de Roma, conta mil e setecentos quadros originaes. Não podendo nomear tantos primores d'arte,

\*

sò citaremos, na primeira camara, a *Santa Virgem com o Menino Jesus*, de Sasso Ferrato; a *Santissima Trindade*, de Leonardo Bassano; na segunda camara; uma *Magdalena*, d'Agostinho Carrachio; a *Santa Virgem e o Menino Jesus*, do Ticiano; a *Caçada de Diana*, obra-prima do Dominiquino, eternamente copiada; na terceira, *Santo Antonio de Padua pregando aos peixes*, que parecem attentos e profundamente tocados; este quadro é de Paulo Veroneze; *S. João Baptista no deserto*, do mesmo.

A quarta camara apresenta à admiração *S. João Baptista*, copiado de Raphael por Julio Romano; a *Descida da cruz*, de Raphael; a famosa *Sybilla de Cumas*, do Dominiquino, e a *Visitação*, de Rubens; a quinta, a *Samaritana*, de Garafalo e a *Volta do Filho prodigo*, primeira maneira do Guerchino; a sexta, pinturas pagans e profanas, que estão longe de espiritualisar o pensamento; a septima, espelhos ornados de pinturas de Ciro Feri; a oitava, quatro quadros a mosaico, um dos quaes representa o papa Paulo V, da familia Borghese; a nona, a deliciosa *Volta do Filho prodigo*, do Ticiano; a *Descida da cruz*, de Perugino; um *Cesar Borgia*, maravilhosa pintura de Raphael; a décima, uma *Santa Virgem*, de Perugino; uma *Magdalena*, d'André del Sarto; a undecima, a *Santa Familia*, de Julio Romano, etc.: ao todo onze saloens cheios de primores d'arte. Todavia, n'esta galeria como nas outras, o christão faz suas reservas; e fazendo-lhe abaixar os olhos, o nu das figuras o obriga a lamentar vivamente a invasão do sensualismo na arte, desde a epocha da renascença.

Entre as antiguidades, distinguem-se as estatuas colossaes de Julia Pia, de Sabina e de Ce-

res, e a soberba urna de porphyro posta no meio da segunda camara. Admira-se a gente de que os principes Borghese hajam podido formar semelhante collecção; alem da sua fortuna, foi-lhes mister esse amor ardente das artes que o nosso seculo de agiotagem terá difficuldade em comprehender, mas que caracteriza gloriosamente os Romanos.

---

### 24 de janeiro.

Palacio Ruspoli. — Escada. — Palacio Chigi. — Galeria. — Bibliotheca. — Palaciò Rospigliosi. — *Aurora*, do Guido. — Busto de Scipião o africano. — Egreja de Santo Ignacio. — Tumulo de S. Luiz de Gonzaga. — Egreja do Gesù. — Tumulo de Santo Ignacio. — Thermas de Nero. — Palacio Madama. — Egreja de Santo Eustachio.

Descendo ao Corso, visitamos a bella egreja de S. Carlos dos Milanezes, admirando sem reserva o quadro do altar-mor. N'esta tela, a maior que animára o seu immortal pincel, pintou Lebrun S. Carlos apresentado pela Santa Virgem a Nosso Senhor. Ao passardes lançai uma vista d'olhos para o palacio *Ruspoli*. A escada, formada de 115 degraus todos d'um só canto de marmore branco, rivaliza com a do palacio *Braschi*, e ambas occupam o primeiro logar entre as obras desta especie: no andar terreo está o mais bello café de Rowa. Para a *piazza Colonna* dá o palacio *Chigi*: fomos lá em alguns instantes. Começada segundo os desenhos de Thiago de la Porte, continuada por Carlos Maderno, foi esta soberba habitação acabada por Felix della Greca; é ainda occupada pela familia *Chigi*, que deu á

Egreja o papa Alexandre VII. O primeiro andar apresenta estatuas antigas cujo merito se poderia gabar se fossem mais decentes. Veem depois numerosas pinturas, entre as quaes se distinguem a *Santa Cecilia*, do Guido; a *Flagellação*, do Guerchino; *Nosso Senhor expulsando os vendedores do Templo*, de Bassano; o *Anjo da Guarda*, de Pedro de Cortona, e um perfil de *S. Pedro*, que se crê do Dominiquino. Nos quartos do principe vimos varios desenhos originaes de Julio Romano, do Bernino, d'André Sacchi, conservados debaixo de vidros. Ao lado esta a bibliotheca, onde se encontra o curioso manuscripto do propheta Daniel segundo os Septenta.

Deixando a praça Columna, depois de haver-mos saudado de novo o grande Apostolo que a domina, chegamos rapidamente ao Monte Cavallo. A' esquerda da *Consulta*, no fundo d'um grande patio, ostenta o palacio *Rospigliosi* as suas bellas fachadas. Recorda tres cardeaes celebres: o cardeal Scipião Borghese, que o começou segundo os desenhos de Flaminio Ponzio; o cardeal Bentivoglio que o adquiriu, e finalmente o cardeal Mazarino, que havendo-o comprado no reinado de Luis XIII, o mandou terminar por Carlos Maderno. Dividido hoje entre a nobre familia *Rospigliosi* e o principe Pallavicini, rivalisa com os outros tanto por sua magnificencia como pelas obras primas que encerra. No pavilhão à esquerda, brilha na abobada do salão a famosa *Aurora*, do Guido, a obra mais celebre deste grande mestre. A deusa está representada semeando flores, seguida de Phosphoro com uma tocha na mão; depois do Sol sob a figura d'Apollo assentado n'um carro, tirado por quatro corseis de frente, e cercado de sete Nymphas



que dansam em torno do Pae da luz. O mesmo salão possui uma estatua antiga de Diana e um cavallo de bronze; porem a peça mais notavel de antiguidade, é o busto de Scipião africano. Acha-se n'uma sala vizinha, com dois grandes quadros, um do Dominiquino, representando *Adão e Eva no Paraiso terrestre*, e o outro de Luis Carrachio, que representa *Sansão fazendo aluir o templo dos Philisteus*. As glorias do museu são um soberbo vaso de verde antigo, um candelabro, diversas estatuas, e dezotto frescos achados nas thermas de Constantino.

Do Monte-Cavallo, a nossa excursão artistica dirigiu-se para o palacio *Madama*. Como não queriamos de modo algum seguir a linha recta, julgamos bom descrever uma curva á esquerda e visitar ao passarmos as egrejas de Santo Ignacio e do Gesù. Foi em 1626 que o cardeal Ludovisi, sobrinho de Gregorio XV, começou aquella grande e formosa igreja da qual o Dominiquino havia feito dois desenhos diferentes; da reunião d'um e outro, formou o padre Grassi, jesuita, o que se seguiu. A igreja é uma cruz latina; a frente, de *travertin*, composta de duas ordens de columnas corinthias e compositas, dá honra ao sinzel de Algardi. Em quanto ás pinturas da abobada, do côro e do primeiro altar á direita, são do padre Pozzi, jesuita. Em geral, acha-se algum tanto de grosseiro e de mau gosto no ornato. Como quer que seja, os altares do trans-epto são notaveis pelos seus preciosos marmores e pelas suas columnas torcidas, chapeados de verde antigo. Na capella á direita, pertencente á familia Lancelotti, está um baixo-relevo de Legros, representando S. Luis de Gonzaga, cuja exe-

cução nada deixa a desejar. Debaixo do altar brilha um relicario revestido de lapis-lazúli, no qual repousa o corpo virginal do joven Santo. Foi uma verdadeira felicidade para nós o prostrarmos-nos diante deste glorioso tumulo, d'onde parece exhalar-se não sei que perfume de innocencia e de santidade que regozija deliciosamente o coração do viajante. Angelico mancebo, flor immortal da Companhia de Jesus, e a sua mais bella apologia, gloria da Egreja catholica, unica capaz de produzir semelhantes milagres; modelo da juventude christã, amavel Luis de Gonzaga, obtende, para a juventude da minha patria, o espirito sagrado que vos animou!

Ao pé da porta lateral, pára-se diante do magnifico tumulo de Gregorio XV, obra tambem de Legros: é tocante ver repousar na egreja de Santo Ignacio, o Pontifice que o canonizou. O *Collegio romano* toca com a egreja; porem não quizemos entrar n'elle com receio de o vermos como *toristas*: será objecto d'uma visita particular. Digamos somente de passagem que este immenso edificio foi erguido em 1582 por Gregorio XIII, conforme os desenhos de Bartholomeu Ammonato.

Entre Santo Ignacio e o Gesù ha tam pouca distancia e tantas relações, que se não póde visitar um sem entrar no outro. Uma das mais ricas egrejas de Roma, o Gesù, foi, como edificio, objecto de numerosas criticas e grandes louvores: *videant periti*. Vignole deu o plano della. Thiago de la Porte, seu discipulo, o executou ajuntando-lhe a cupula e a fachada, ornada de dois renques de pilastras de ordem corinthia e composita. Todo o circuito da egreja è deco-

rado de pilastras compositas, de estuques doirados, de esculpturas de marmore e de bellas pinturas; mas a parte mais rica, assim como a mais notavel, é a capella de Santo Ignacio, construida pelos desenhos do padre Pozzi. E' á esquerda no transepto. A vista fixa-se primeiro no retabulo formado de quatro columnas coroadas de lapis-lazuli e listradas de bronze doirado, com bases e capiteis do mesmo metal; os pedestaes das columnas, a cornija e a cimalha são de verde antigo. Do meio do friso se destaca um grupo de marmore branco representando a SS. Trindade; alem das figuras, admira-se o globo, de lapis-lazuli, que tem o Padre eterno: é o maior que existe. O quadro de Santo Ignacio, que é do padre Pozzi, harmonisa-se nobremente com a estatua do Santo, de prata massica, e de tamanho natural. O corpo do illustre fundador repousa por baixo do altar, n'um soberbo relicario de bronze doirado, ornado de pedras preciosas, de baixos-relevos de bronze doirado e de marmore representando diversas acçoens do Santo. De cada lado do altar estão dois grupos de marmore, que uns acham admiraveis e outros demasiadamente affectados. Um representa a *Fé* abraçada por differentes naçoens barbaras; o outro, a *Religião* derribando a heresia. Dois compatriotas nossos, João Tendon e Legros, são os auctores destas obras. A Baccicio pertencem as pinturas da abobada da capella: consideram-se como uma das suas melhores composiçoens.

A' vista desta capella tam rica e tam frequentada, consagrada a um santo cujo nome é ha muitos seculos um signal de contradicção entre os povos, fica-se impressionado do milagroso po-

der do Catholicismo que, apesar das calumnias e perseguições, sabe assegurar uma gloria immortal a seus nobres filhos.

Depois, á lembrança da oração de Santo Ignacio sollicitando, para a sua Companhia, continuas cruces, não pode a gente deixar de admirar a fé deste grande Santo, e de crer que elle tem alguma parte nas incessantes tribulações que compoem a vida de seus discipulos. Ao lado do altar mor repouza um dos gloriosos filhos d' Ignacio, o cardeal Bellarmino. E' sabido que foi mister uma ordem formal do Santo Padre para lhe fazer aceitar a purpura; e que o povo de Roma não lhe chamava d'outro modo que o santo Cardeal. O seu tumulo, notavel pelos ornatos de marmore, é devido ao sinzel do Bernino. A' egreja do Gesù está contigua a casa professa da Companhia, residencia do geral e dos principaes superiores. A affabilidade, a piedadade, juntas á elevação do espirito e á variedade dos conhecimentos humanos, caracterisam o reverendo padre Rothaan, actual geral.

Foi mister recordarmo'-nos da natureza exclusivamente artistica das nossas investigações, para não succumbirmos á tentação de visitar a Universidade romana, por ao pé da qual passamos antes de chegarmos ao *pallazo Madama*. A praça de *Santo Eustachio* está rodeada de tres monumentos dignos da attenção do archeologo, do artista e do christão: quero fallar das *Thermas de Nero*, do palacio *Madama* e da egreja de *Santo Eustachio*. Ao pé das magnificas *Thermas d' Agrippa*, onde fazia as suas voluptuosas ceias ao clarão dos archotes e ao ruido das symphonias, construiu Nero um edificio do mesmo genero, com um luxo e um requinte de sybaritismo que fazia dizer a Marcial:

*Não se conhece nada mais mau que Nero e nada melhor que as suas Thermas (1).*

Para seguir os progressos do seculo, Alexandre Severo superou Nero. Não contente com amplificar as Thermas do seu predecessor, alumiu-as durante a noite com multidão de archotes, a fim de que o povo não fosse obrigado a interromper o curso de seus inqualificaveis prazeres. Desde então, chamaram as Thermas o nome do *benefico* imperador (2). Colunas, preciosos marmores attestam ainda a riqueza e a grandeza deste estabelecimento, cujo nome se conserva no da pequena igreja vizinha de S. Salvador *in Thermis*. Sobre estas ruinas tristemente monumentaes se ergue hoje o palacio *Madama*, que deve a sua origem e o seu nome a Catherina de Medicis feita rainha de França. Comprado por Benedicto XIV, serve hoje de residencia ao governador de Roma: a architectura, louvada por uns, criticada por outros, não carece nem de grandeza nem de elegancia: é de Paulo Marucelli.

A alguns passos do palacio e da Universidade, acha-se a antiga igreja de Sacto Rustachio. Restaurada pela primeira vez em 1196 pelo papa Celestino III, foi-o de novo no seculo passado sob a direcção do architecto Antonio Canevari. Comtudo, é mister dizel-o, não é nem a architectura, nem as

---

(1) ..... *Quid Nerone pejus?*  
*Quid Thermis melius neronianis?*  
*Epigr., lib VII, epigr. 33.*

(2) *Addidit et oleum luminibus Thermanum,*  
*cum antea non ante auroram paterent, et ante*  
*solis occasum clauderentur. — Lamprid., in*  
*Alexand.*

pinturas d'um merite mais ou menos contestado , nem o tamanho das proporçoens , que podem explicar a maternal sollicitude com que Roma conserva este modesto edificio. Quer o viajante conhecer o segredo de tantos sollicitos cuidados? Um olhar para baixo do altar lhe explicará o mysterio. Alli repouisa n'uma urna antiga , maravilha de lavor , toda a familia do heroe : Eustachio , general dos exercitos d'Adriano, Theopista sua mulher e seus dois filhos Theopisto e Agapeto (1). Os seus nomes são conhecidos de todos os christãos, porque brilham com um fulgor particular no meio de tantos nomes illustres no grande exercito dos martyres.

Commandante da cavalleria romana no cerco de Jerusalem , fez-se Eustachio notar, por seu brilhante valor, de Trajano então chefe da decima legião. Elevado mais tarde ao posto de general pelo seu antigo companheiro d'armas feito imperador , combatia ainda às ordens d'Adriano. Vencedor dos inimigos do imperio, recolhe a Roma o seu exercito triumphante e Adriano quer que elle dê solemnes acçoens de graças aos deuses do Capitolio. Eustachio protesta que não deve gratidão senão ao verdadeiro Deus dos exercitos; e recusa cumprir a vontade do principe. Ultrajado com esta resistencia, Adriano inventa um novo supplicio capaz de vingar a sua magestade offendida e de incutir terror. N'um touro de bronze aquecido até se fazer vermelho, manda encerrar o valente general, sua mulher e seus filhos.

O cheiro deste sacrificio sobe até ao ceu , e em tanto que o Rei dos martyres corôa seus soldados , cerca a Egreja da sua veneração os

---

(1) Mazzol. , t. VI, p. 304.

seus nomes duas vezes immortaes. Antes de dar a vida pelo seu Deus, havia Eustachio distribuido as suas riquezas aos pobres seus irmãos (1). Era em sua casa que se reuniam os christãos para celebrarem suas fraternaes agapes. Em memoria deste facto, a egreja que lhe é consagrada serviu longo tempo para o mesmo uso. Um antigo Ritual contem ainda a oração que a assemblea recitava a favor do generoso christão que fornecia estas comidas, cujo objecto eminentemente social era mostrar a egualdade evangelica de todos os homens: não se deixa de recordar n'ella o nome e o exemplo de Santo Eustachio (2). Comprehende-se agora porque guarda Roma como a menina de seus olhos a egreginha em que estamos? Comprehende-se porque ella é uma das estaçoens forçadas do peregrino catholico na Cidade eterna? Quantos outros deveriam, para felicidade do mundó, vir aqui meditar!

---

(1) Baron., *Ann.*, an. 103, n. 4; e an. 120, n. 4; e *Not. ad Martyrol.*, 20 sept. n. B.

(2) Da, Domine, famulo tuo N. sperata suffragia obtinere, ut qui pauperes tuos in tua sancta Ecclesia recreavit, sanctorum simul omnium et beati martyris et sociorum ejus mereatur consortia cujus nunc est exempla secutus. Per Christum, etc.

## 25 de janeiro.

**Santa Maria da Paz.** — Recordação de Sixto V. — Sibyllas de Raphael. — Palacio Vidoni. — Fastos sagrados de Verrio Flacco. — Palacio Mattei. — Bustos dos imperadores. — Pinturas do Dominiquino. — Palacio Corsini. — *Ecce Homo*, do Guerchino. — Pinturas de Paulo Veronese, do Ticiano, etc. — Farnesina. — Egreja de Santo André *della Valle*. — Pinturas da cupula pelo Dominiquino.

Dia da Conversão de S. Paulo. Depois de havermos orado com Roma, sobre o tumulto do grande Apostolo, pela conversão dos Saulos demasiado numerosos que ainda perseguem Jesus de Nazareth, continuamos a nossa peregrinação da cidade: decididamente haviamo'-nos tornado *toristas*. N'esta qualidade, atravessamos rapidamente o centro da cidade para nos dirigirmos da Propaganda a Santa Maria da Paz. No limiar desta egreja, uma grande recordação vos espera. No XVI.º seculo, havia o protestantismo percorrido a Allemanha com o facho em uma mão e a espada na outra, prégando a soberania individual; e guerras atrozes haviam transtornado a Europa e lançado a divisão entre os principes christãos. Restabelecer a paz, tal foi o objecto constante dos grandes papas que occuparam então a cadeira de S. Pedro.

Quando o triumpho coroou alfim seus esforços, mandou Pio IV edificar, em acção de graças, uma soberba egreja que dedicou a Nossa Senhora da Paz: Raphael a immortalizou com uma obra prima do seu pincel. Por cima do arco da primeira capella á esquerda, brilha como uma es-



trella no firmamento, a sua bella pintura a fresco, representando as sibyllas de Cumas, da Persia, da Phrygia e de Tivoli. Felizmente que a critica puritana, a critica de reacção jansenista, não se haviam ainda feito sentir; teriamos uma obra prima de menos. O altar-mór, executado segundo os desenhos de Carlos Marata, não é eclipsado pela bella pagina de Raphael. As suas quatro columnas de verde antigo, as suas esculpturas, as suas pinturas o fazem um objecto precioso de arte: o mesmo succede com a cupula, de forma octogona de excellente gosto. Depois de haver saudado ao passar *Santa Maria da Alma*, entra-se no palacio *Vidoni*.

O proprio Raphael deu o plano delle. No fundo da grande escada vos espera o imperador Marco Aurelio; nobre porteiro, cuja estatua antiga parece annunciar o monumento que attrahe a este palacio o viajante archeologo: aqui se conservam os Fastos sagrados, redigidos por Verrio Flacco. Encontrados em Palestrina no seculo passado, estes preciosos monumentos conteem o calendario romano para os mezes de janeiro, março, abril e dezembro. O cardeal Stapponi os havia descoberto, outro principe da Egreja, o cardeal Vidoni, os mandou limpar, e encarregou o professor de archeologia, Nibby, de supprir as partes que faltavam. Assim restaurados, foram os Fastos publicados à custa do cardeal, em caracteres vermelhos e pretos, para distinguir o que é antigo do que é moderno. Verrio Flacco, que os redigiu, era um liberto celebre pelo seu talento para o ensino: tinha uma eschola muito frequentada. Augusto o escolheu para preceptor de seus netos, e o mandou ir para a casa palatina com

toda a sua escola, só com a condição de que não admittiria mais discipulos novos (1). Quanto ao calendario, revela eloquentemente o estado dos costumes romanos; n'elle se vê que os jogos publicos occupavam mais dos dois terços do anno! A dezoito seculos de distancia, o mesmo pensamento materialista se reproduziu no nosso calendario republicano, como para estabelecer que o homem sem o Evangelho è sempre o mesmo. Só á Igreja catholica estava reservado espiritalizar cada dia do anno, dedicando-o a um santo.

Depois de haver passado por diante de *Santa Luzia*, na rua dos *Botteghe oscure*, acha-se a gente no palacio *Mattei*. A regularidade das proporçoens, a belleza da architectura, a riqueza das galerias lhe assignam um logar distincto entre as habitaçoens de príncipe da Cidade eterna. O patio e o vestibulo são ornados de baixos-relevos, de bustos e estatuas antigas. Nos patamares da grande escada vêem-se dois assentos de marmore achados no Monte Celio, ao pé da igreja de S. João e S. Paulo; uma caçada em relevo do imperador *Commodo*, as estatuas de *Pallas*, de *Jupiter* e da *Abundancia*. No poial que communica para o primeiro andar està o busto antigo d'*Alexandre Magno*; inclinando-vos na sacada, vêdes, incrustados nas paredes do patio, a caçada de *Meleagro* e os bustos d'*Antonino*, *Adriano*, *Marco Aurelio*, *Severo*, *Vero* e *Commodo*. No primeiro salão figuram dois retratos pintados por *David* e *Vandyck*, e o *S. Boaventura* do *Tintoreto*; n'outra câmara dividida em tres compartimentos vê-se primeira abobada pintada a fresco, e segunda a

---

(1) Suet., de Ill. Gramm. 17.

claro-escuro pelo Dominiquino: estas obras do melhor gosto são dignas do pintor de *S. Jeronimo*.

Atravessando o Tibre pela Ponte Sixto, chegamos ao palacio *Corsini*, obra capital do architecto Fuga. Aqui se encontram thesoiros d'arte e de litteratura; mas aqui, como em outras partes, deplora-se o sensualismo pagão que deshonra a reascença e que nos faz abaixar os olhos. Na galeria que precedem duas antecamaras ornadas de baixos-relevos antigos, pára-se primeiro diante do sublime *Ecce Homo*, do Guerchino; depois a admiração é successivamente atrahida pela *Apresentação no templo*, de Paulo Veronese, e pelo *Nascer do sol*, de Berghem. Veem depois os *Retratos de Julio II*, de Raphael; de *Phillippe II*, do Ticiano; o *Coelho*, d'Alberto Durer; a *Vida do soldado* em doze quadros, de Callot; a *Annunciação*, de Miguel Angelo; a *Herodias*, do Guido; dois *Cardeaes*, do Dominiquino; uma *Vírgem*, de Murillo; uma *Caçada aos tigres*, de Rubens; a *Crucifixão de S. Pedro*, do Guido, e muitas outras obras em que nada falta, senão a inspiração verdadeiramente christan e o casto reflexo da belleza sobrenatural.

A bibliotheca é rica sobre tudo em manuscritos e em edicoens do XV.<sup>o</sup> seculo; a colleccão das estampas occupa o primeiro logar pelo numero e pela escolha. Uma deliciosa villa toca com o palacio, e se estende pela rapida ladeira do Janiculo: do Casino, situado no topo, a vista de Roma é completa. Foi aqui que Vasari se collocou para traçar o seu plano da cidade, e parece que Marcial desenhava o mesmo ponto de vista, quando cantava: *Hinc septem dominos videre montes, et totam licet aestimare Romam.*

Em frente do palacio Corsini está a *Farne-sina*. Edificada pelo famoso Agostinho Chigi, banqueiro de Leão X, esta casa de campo testemunha tanto a sumptuosidade do dono como o seu gosto pelas artes. As abobadas dos saloens são ornadas de pinturas mui pouco edificantes de Raphael e de seus discipulos.

Regressando á cidade, quizemos visitar como curiosos a bella igreja de Santo André *della Valle*, que já varias vezes haviamos frequentado como christãos. Ergue-se ella sobre as ruinas do tablado do theatro de Pompeu, e attrahe a attenção, já pela sua magestosa fachada de *travertin* ornada de dois renques de columnas d'ordem corinthia e composita, e enfeitada de estatuas de grande valor; já pela sua cupula, uma das mais elevadas e largas que ha em Roma. As pinturas que a decoram passam por uma das melhores obras de Lanfranc. Os quatro evangelistas que se vêem nas saliencias da cupula, e as pinturas da abobada do côro representando diversas passagens da vida de Santo André, são obras classicas do Dominiquino. Entre as capellas lateraes, nota-se em especial a primeira á direita ao entrar, toda coberta de marmores raros e ornada de estatuas, de oito columnas de verde antigo, e d'um baixo-relevo situado por cima do altar, esculpido por Antonino Raggi.

O que temos visto em Santo André *della Valle* e em Santa Maria da Paz, acha-se com algumas variantes na maior parte das demais igrejas de Roma. Por todas as partes procuraram as artes um abrigo protector á sombra dos sanctuarios do catholicismo: a gratidão e o mesmo instincto da conservação lhes tornavam isso um

dever. Sabe-se, ai! o que tem sido feito dellas e o que ellas teem feito, quando, esquecendo a sua origem e missão, teem deixado o paternal asylo e buscado fortuna em outra parte: pintando a historia do Filho prodigo, hão escripto a sua propria historia.

---

## 26 de janeiro.

Palacio Farnesio. — Fontes. — Portico. — Esculpturas, Pinturas. — Triumpho dos Romanos. — Descrição do triumpho de Tito. — Itinerario dos triumphadores. — Fim do Triumpho. — Reflexoens.

Roma havia hontem celebrado a Conversão de S. Paulo. A recordação do sublime prisioneiro de Jesus Christo percorrendo a cidade de Nero, encadeado pelo braço ao pretoriano encarregado de guardal-o, nos suscitou a idéa de reconhecermos e seguirmos a marcha dos triumphadores conduzindo ao Capitolio povos de escravos presos ao seu carro; vermos o que era o mundo no momento em que os prègadores do Evangelho se deixavam carregar de ferros para despedaçarem os delle, nos offerencia n'aquelle dia particular interesse. Ajuntai que acabavamos o estudo de Roma pagan; podiamos terminal-o melhor do que, descrevendo um espectaculo em que elle se resume inteiro? De caminho pagamos ao palacio Farnesio a nossa ultima divida artistica.

Com sua praça disposta para elle, e ornada de duas abundantes fontes cujos tanques de granito egypcio, achados nas Thermas de Cara-

calla, são os maiores que se conhecem (1); com suas ruas lateraes e regulares, é o palacio Farnesio o mais bello de Roma. Todos os conhecedores o admiram como verdadeiro typo da architectura romana, differente pelo seu gosto puro e allivo da rudeza florentina e da architectura d'apparato dos palacios de Napoles e Genova. Começado por Paulo III da casa Farnesio, então cardeal, foi acabado por seu sobrinho o cardeal Alexandre. Tres architectos de primeira ordem trabalharam n'esta obra-prima: Antonio San Gallo fez o plano delle, e ergueu as fachadas exteriores; o primeiro andar do patio é de Vignole, e Miguel Angelo veio coroar o edificio com a sua magestosa cimalha. O *travertino* do patio provem de pedras cahidas do Coliseu, que não foi demolido por Paulo III, como injustamente se pretendeu, para edificar o palacio; pois que este Pontifice se mostrou sempre zelosissimo pela conservação dos antigos monumentos. Não sabem, que um dos seus primeiros actos foi crear o sabio Latino Juvenal Mannelto commissario geral das antiguidades de Roma, com poderes amplissimos? Depois das obras dos Romanos nada se tem construido mais perfeito do que este patio; pôde ate rivalisar, pela magestade de suas proporções e pela excellencia do trabalho, com os primeiros monumentos do povo-rei. O palacio pertence hoje á casa real de Napoles, que ficou herdeira de todos os bens pertencentes à familia Farnesio.

Do portico virado para a praça, entra-se n'um magnifico vestibulo ornado de doze columnas de

---

(1) Tem dezeseis pés de diametro e seis de profundidade.

granito egypcio. Alli se acha o grande sarcophago de marmore de Cecilia Metella, mulher de Crasso, cujo mausoleu veremos na via Appia. O Hercules Farnesio, o grupo de Dirce e as outras obras-primas de estatuaria antiga de que estava cheio este palacio, foram transportados para Napoles. Uma vasta escada de marmore coaduz á galeria pintada por Annibal Carrachio, ajudado por Agostinho seu irmão e por muitos dos seus discipulos. Os frescos, de que estão adornadas as abobadas, passam aos olhos dos artistas mundanos por têrem muito merecimento; representam no gosto da renascença as divindades e os factos da Mythologia pagan. E' dizer bastante que o pintor christão se absterá de louval-os sem fazer grandes e muy justas reservas.

Do palacio Farnesio dirigimo'-nos para a Ponte do Santo Anjo e bairro do Vaticano. Alem da mole d'Adriano, entre o Monte Mario, o Vaticano e a cidade estendia-se o territorio do Triumpho, *Territorium triumphale*, cujo centro é occupado nos nossos dias pela egreja de Santa Maria *Tras-pontina*, e pela ilha de casas que a rodêa. Esta planicie, tam famosa na historia do orgulho da velha Roma e das humilhaçoens do genero humano, era destinada aos apprestos da pompa triumphal. Quando pois um general reconduzira às portas da cidade suas legioens victoriosas, reunia-se o senado para deliberar se elle merecia as honras do triumpho. A fim de ser julgado digno delle, era necessario haver tomado cidades de assalto, ganho batalhas campaes, feito certo numero de prisioneiros, augmentado o territorio da republica, não ter soffrido derrota alguma na mesma campanha, ter tirado todo o proveito pos-

sivel da victoria e morto pelo menos cinco mil inimigos (1).

O pretendente devia annunciar as suas victorias ao senado por uma carta envolvida em loiros; elle proprio ia pleitear a sua causa perante os Padres Conscriptos, se, no momento da sua volta, a questão ainda não estava decidida. Para o ouvir e deliberar, dirigiam-se os senadores a um templo fora da cidade, porque nenhum candidato podia entrar em Roma, nem transpor o recinto do Pomoerium, sem perder logo todos os seus direitos ao triumpho: tam ciosa se mostrava a altiva cidade da sua independencia (2).

Se a petição era deferida, apressavam-se a fazer os preparativos do espectaculo mais tristemente magnifico por que teem sido impressionados olhos humanos.

A fim de assistirmos a elle abrimos o historiador Josepho que tinhamos á mão. Testimunha ocular, conta n'estes termos o triumpho de Tito, arrastando ao seu carro a Judea captiva. Pintar a impressão produzida por esta leitura nos proprios sitios aonde tinham vindo consummar-se os espantosos castigos annunciados pelos prophetas ao povo deificada, não quero eu emprehendel-o. Aquelle que quizcr experimental-a na sua plenitude deve ir a Roma e fazer o que nós fizemos. De mais, lendo a descripção do triumpho de Tito, pôde-se julgar de todos os outros: eram a mesma ordem, as mesmas ceremonias, a mesma multidão, a mesma embriaguez, d'um lado; as mesmas la-

---

(1) Valer. *Max.*, II, 8, 1.

(2) Suet., *Caes.*, 18.



grimas, o mesmo fim, a escravidão e a morte, do outro.

« Muito tempo antes de romper a aurora estava a cidade inteira em movimento: as ruas eram percorridas em todos os sentidos por multidões de povo que exclamavam — *Io triumphe! Io triumphe!* Desde o despontar do dia todas as legiões, sem armas, vestidas de tunicas de seda e coroadas de louro, se aproximaram em boa ordem das portas da cidade: um esplendido banquete lhes foi dado por Vespasiano e Tito, segundo o costume dos triumphadores. Os dois príncipes em pessoa, depois de haverem presidido ao senado no portico de Octavia e recebido as felicitações de toda a gente, se dirigiram para a porta triumphal; alli, tomaram sua refeição, ofereceram aos deuses um sacrificio e vestiram os ornamentos do triumpho: o cortejo poz-se em movimento. Via-se n'elle reinar esse bom gosto que sabe fazer valer as coisas pela sua simples disposição e que previne a fadiga e o tédio pela ordem estabelecida no meio da profusão.

« Na frente appareceu prodigiosa quantidade de obras exquisitas de ouro, prata e marfim, com estofas e vestidos de purpura, adornados de diversas cores ao modo dos Babylonios.

« Vinham depois as pedras preciosas em numero incalculavel; umas engastadas em aros de ouro formavam brilhantes corôas; outras, dispostas com arte em ricas estofas, encantavam a vista com seu brilho e sua variedade; pareciam passar por diante dos olhos não como uma representação theatral, mas como as ondas de caudaloso rio. Todos estes objectos eram levados por legionarios vestidos de tunicas de purpura bordadas a ouro.

« Em terceiro lugar appareciam as estatuas dos deuses, de oiro, prata, bronze e marfim: contavam-se aos centos, e todas eram d'um trabalho exquisito e de maravilhoso tamanho.

« Depois dos deuses caminhava um exercito inteiro de animaes de diferentes especies, dos quaes alguns, taes como os elefantes e os dromedarios, estavam cobertos de magnificos adornos.

« Atraz delles marchava tristemente a multidão immensa dos prisioneiros, d'olhar triste, cabeça baixa, e escondendo aos espectadores de baixo de vestidos prestados os ferros que lhes prendiam as mãos.

« Em breve todos os olhares se dirigiram com admiração para os simulacros das cidades conquistadas. Taes eram as suas dimensoens, que se podia recear o ver dobrarem-se sob o peso os numerosos soldados que as sustentavam aos hombros. Todas as faces, encaixilhadas em oiro ou marfim e cobertas de ricas estofas, estavam ornadas de pinturas que representavam ao vivo as batalhas, os estragos dos campos, a destruição das muralhas, o incendio dos edificios e sobre tudò o horrivel saque de Jerusalem com todas as phases atrozes desta guerra de exterminio.

« Seguiam-se os despojos opimos cujo numero e cuja riqueza não se podem avaliar. Em primeiro lugar viam-se vinte e cinco estatuas de bronze representando Abrahão, Sara e os reis da familia de David; vinham depois os objectos sagrados tomados no templo de Jerusalem, levados em ricos andores por legionarios coroados de loiro e magnificamente vestidos. Eram entre outros a meza dos Pães de Proposição, de oiro macisso e pesando muitos talentos, as trombetas de Jubileu,

os veus do templo, e o castiçal d'ouro de sete braços. Levada n'um magnifico andor, a lei dos Judeus, que era a ultima na ordem dos despojos, fechava o cortejo.

« Immediatamente depois caminhava, enca-deado e vestido com uma toga preta, o principal chefe dos Judeus durante o cerco de Jérusalem: era Simão, filho de Gioras. Era destinado ao supplicio depois de haver, segundo o costume, ornado o triumpho dos vencedores.

« As estatuas da Victoria, de marfim e ouro, precediam os dois carros doirados do triumphador. O primeiro era occupado por Vespasiano, e o segundo por Tito. Para os Romanos, fieis em darem character religioso às suas festas, o vencedor no dia do triumpho representava Jupiter: era o Deus da terra. Por consequencia, levava a tunica do rei do Olympo, e tingia o corpo de vermelhão, porque era com essa cor que se illuminava a figura de Jupiter Capitolino; o mesmo tiro do carro, quasi sempre composto de quatro cavallos brancos, era um tiro sagrado reservado para o senhor dos deuses, e de que niuguem se podia servir senão em virtude d'um decreto do senado (1). » Tito ia no seu carro, em pé com o rosto e os braços illuminados de vermelhão, vestido com uma tunica de purpura bordada de palmas de ouro; os braços ornados de braceletes militares, e a cabeça cingida de uma corôa de loiros. N'uma mão, tinha uma palma igualmente

---

(1) Tit. Liv., X, 7; Plin., liv. V, 23; Plutarch., in *Camill.*, 14. — Completamos a narração de Josepho com diversos pormenores tomados dos auctores pagãos.

de loiros; e, na outra, um sceptro de marfim terminado por uma aguia. N'uma palavra, levava um trajo semelhante ao de *Jupiter optimo e magno*, e que, conservado no Capitolio, servia desde seculos para adornar todos os triumphadores que Roma vira trazerem-lhe o tributo da sua gloria: porque nenhum cidadão possuia como propriedade semelhante trajo (1). O seu carro, de marfim e bronze doirado adornado de pedrarias, era completamente redondo, aberto pela parte posterior, e puchado por quatro magnificos cavallos brancos, jungidos de frente e levando um ramo de loiro ao lado da cabeça. Alguns cidadãos coroados d'oliveira, vestidos de togas brancas, caminhavam a pé junto dos cavallos que conduziã com redeas doiradas. Atraz do triumphador, na escadinha do carro, ia o escravo encarregado de repetir-lhe: « Cesar, lembra-te de que ès homem: » *Cesar, hominem esse memento*. Ao lado de Tito caminhava Domiciano seu irmão, magnificamente vestido e montado n'um cavallo de beleza admiravel (2).

O exercito seguia o carro, e fazia retumbar os ares com os cantos de victoria misturados com algumas passagens satyricas contra o seu general. Milhares de espectadores avidos enchiam as ruas, as praças, os porticos, os foros, todos os logares por onde devia passar a pompa, e uniam suas ruidosas acclamaçoens às dos soldados.

Seguimos o itinerario do cortejo desde o *Ter-*

---

(1) *Jul. Capitol. in Gordian.*, 4.

(2) *Josepho, de Bello Jud.*, lib. VII, c. 17, 18, 19 e 20; *Graevius, Thesaur. Ant. Rom.*, t. IX, p. 1361.

*ritorium Triumphale* até ao Capitolio. Entrou na cidade pela porta *Triumphal*, sita nas margens do Tibre, no mesmo lugar occupado em nossos dias pelo *Hospital do Espirito Santo*. Depois de haver passado a ponte, alcançou a ponta do Campo de Flora, onde se acha a igreja de Santo Angelo *in Piscina*. D'ahi, descrevendo uma ligeira curva, tocou no Velabro, atravessou o *Forum Boarium*, costeou o Circo Magno, voltou á esquerda pelas *Curias Veteres*, entre o Celio e o Palatino, desceu a via Sacra, e chegou ao Foro Romano que percorreu em toda a sua extensão; depois, tomando á esquerda o *Clivus Capitolinus*, subiu ao Capitolio onde terminou a marcha.

No momento em que o carro deixou o Foro para subir a formidavel montanha, todo o cortejo parou: observou-se profundo silencio, e todos os olhos se fitaram em Simão. Os Lictores o fizeram sahir das fileiras e o arrastaram para a direita do Foro, onde foi açottado; depois, todo coberto de sangue, precipitaram-o na horrivel prisão Marmertina, onde o esperava a morte. Quando cessou de viver, os *Confectores* lhe ataram uma corda ao pescoço, arrastaram-lhe o cadaver pelos degraus das Gemonias e o arrojaram ao Tibre.

Durante a execução, caminhava Tito lentamente para o templo de Jupiter. Como era quasi noite, uns escravos trouxeram quarenta elefantes carregados de candelabros, e o cortejo concluiu a sua marcha ao clarão de mil fachos. Chegando á plata-forma, desceu o triumphador do seu carro, e, segundo o antigo costume, subiu de joelhos os degraus do templo (1). Entrou no magnifico edi-

---

(1) Dio., lib. XLIII, p. 254; Suet., *in Cæs.*, 37.

ficio , cujas portas estavam adornadas com as armas dos vencidos , e esperou que lhe viessem annunciar que Simão e os outros captivos haviam deixado de viver.

Em breve appareceu um lictor que pronunciou as palavras fataes , usadas em semelhante circumstancia : *Actum est* : « Está acabado. » A estas palavra toda a assemblea fez resoar o templo com seus applausos , e Tito penetrou no sanctuario de Jupiter , onde fez em voz alta a seguinte oração : « Jupiter optimo e magno , Juno , rainha dos immortaes , e vós todos , deuses e deusas , habitantes e guardas deste templo , eu vos dou graças , com a mais viva alegria , por haverdes tido por bem permittir que hoje , que a esta hora , a republica romana se achasse conservada e a sua prosperidade augmentada por minhas mãos ; dignai-vos , eu vol-o supplico , continuar a ser-lhe propícios , a protegel-a , e a velar pela sua conservação (1). »

Então se aproximou da estatua de Jupiter , nos joelhos da qual depositou um ramo de louro , e depois tirando a sua corôa a dedicou ao deus com alguma parte do despojo. Os sacrificadores trouxeram as victimas ; Tito mesmo immolou um boi , os sacerdotes acabaram os sacrificios , e o dia se terminou com o esplendido banquete que os triumphadores offereceram , segundo o costume , ao senado e a seus amigos , no Capitolio , debaixo dos mesmos porticos do templo.

Pela sua parte o povo se retirou a suas casas para se entregar a toda a embriaguez da

---

(1) Blond. Flav. , *Rom. Triumph.* , X , p. 216.

alegria ; porque nos dias de triumpho Roma inteira estava de festa , e não havia ninguem que não tivesse um festim preparado em casa (1). Era o triumphador ou antes eram as naçoens vencidas e despojadas que faziam as despezas. Josepho não nos disse quaes foram as liberalidades de Tito. Para supprir o seu silencio , vamos fazer conhecer os presentes que Cesar fez ao povo depois d'um dos seus triumphos : julgar-se-ha dos Romanos. A cada infante dos veteranos , 409 francos ; a cada cavalleiro , 4,910 francos. Muitos receberam tambem terras , e os outros soldados foram gratificados na mesma proporção. Não esqueceu tampouco o povo : cada cidadão teve 86 litros de trigo , 10 libras d'azeite , 61 francos de prata , e depois mais 100 , como juro dessa liberalidade promettida havia longo tempo. Finalmente Cesar pagou um anno de alluguer a todos os cidadãos cuja locação não passava de 400 francos em Roma , e 100 para a Italia. Fez uma distribuição de carne crua , prolongou por espaço de muitos dias a comida que um triumphador offerece ordinariamente ao povo , e n'ella banqueteu toda a cidade e seus arredores d'uma só vez , em vinte e duas mil mezas , servidas com tal magnificencia , que n'ellas se prodigalisou o vinho de Falerno ás amphoras e o vinho de Chio aos toneis (2). Apesar de todas estas liberalidades ,

---

(1) Josepho , id. id. , c. 18.

(2) Suet. , in *Coes.* ; Dio. , XLIII , 254 ; Appian. , de *Bello civ.* , liv. II , p. 803 ; Patercol. , II , 26 ; Tit. Liv. , III , 29 ; Varr. R. R. III. 2 ; Plutarch. , in *Lucull.* , 76 ; in *Coes.* , 71 ; Plin. , lib. XIV , 15.

metteu ainda nos thesoiros do imperio mais de cento e vinte e dois milhoens (1).

Na presença destes prodigiosos factos, em pé nos proprios logares que foram theatro delles, deixo que pensem o que póde, o que deve experimentar o viajante. Homem, o vosso coração comprime-se seguindo passo a passo os longos circuitos dessa via dolorosa, humida de sangue e de lagrimas, por onde passaram successivamente os povos do Oriente e do Occidente, mutilados, despojados e encadeados ao carro triumphal do orgulho e da crueldade romana; christão, procuraes uma egreja para irdes exprimir toda a vossa gratidão ao Deus libertador cuja cruz despedaçou o sceptro de ferro que pezava sobre o mundo: homem e christão, com a lembrança do que eramos, do que ainda seriamos, não se acham palavras para qualificar, aquelles que no seu delirio impio ousam ultrajar o christianismo ao qual devemos tudo o que somos.



### 27 de janeiro.

Consistorio publico no Vaticano. — Mais cinco cardeaes. —  
Tradição do chapéu. — Anecdota. — Volta ao Foro. —  
Segunda pagina do triumpho. — Mercado dos escravos. —  
Sorte dos escravos entre os Romanos.

Outra festa triumphal nos chamava ao Vaticano. Hontem, tinhamos visto a velha Roma

---

(1) Patercul., II, 56; Appian., de Bell. civ., 802.



exaltando até ao paroxismo o orgulho dos seus triumphadores; hoje era-nos dado ver a Roma christã ensinar aos seus principes a abnegação e a mais completa humildade. No Capitolio, um escravo era obrigado a repetir ao vencedor: « Lembra-te de que és homem. » No Vaticano, o vigario de Jesus Christo dizia aos principes novamente eleitos: *Lembra-vos de que deveis sacrificar-vos pelos homens vossos irmãos, até à effusão do sangue inclusivamente.*

Cinco cardaes, creados alguns dias antes por Gregorio XVI, recebiam hoje o chapéu vermelho, signal mysterioso da sua dignidade. Eis alguns pormenores sobre esta augusta cerimonia, tam differente pelo seu espirito das pompas da vespera.

O salão ducal do Vaticano estava magnificamente adornado; no fundo erguia-se o throno em que estava assentado o Padre Santo, tendo à direita e esquerda o sacro Collegio; á entrada da sala conservavam-se os recém-eleitos: assistiamos a um consistorio publico. Um dos Protonotarios apostolicos leu algúmas peças relativas à beatificação d'um santo, cujo nome esqueci. Terminada a leitura, os candidatos vieram successivamente prostrar-se aos pés do Summo Pontifice, que os abraçou e lhes poz na cabeça o chapéu cardinalicio, pronunciando esta notavel formula: « Recebei este chapéu vermelho, signal da dignidade do cardinalato, e que vos obriga a sacrificardes-vos pelo bem da Egreja e dos fieis até á effusão do sangue inclusivamente (1). »

---

(1) Ad laudem omnipotentis Dei, et sanctae sedis Apostolicae ornamentum, accipite Galerum

O Santo Padre não fez mais que pôr o chapéu na cabeça de cada cardeal, e o entregou ao Mestre de ceremonias: á noite deviam leval-o solememente aos novos principes da Igreja.

Antes de fallar desta brilhante festa, devo ajuntar que, n'um consistorio secreto, o Santo Padre *fecha a bôcca* aos cardeaes que acaba de crear; isto significa que elles ainda não teem voto deliberativo nas assembleas do sacro Collegio; mais tarde, elle lhes *abre a bôcca*; quer dizer que depois de haver consultado os antigos cardeaes, declara os novos eleitos habéis para votarem com seus collegas (1). Noviciado e profissão, ensino util a todos, eis o que deve ver-se n'estas duas ceremonias. Todavia não é á promoção completa senão com a tradição do anel e designação do titulo. O cardeal ausente de Roma deve jurar, ao receber o barrete, que se dirigirá no prazo d'um anno *ad limina apostolorum*, sob pena de perder a sua dignidade (2).

Os cinco cardeaes eleitos eram suas Eminen-

---

*rubrum, insigne singularis dignitatis Cardinalatus, per quod designatur, quod usque ad mortem et sanguinis effusionem inclusive pro exaltatione sanctae fidei, pace, et quiete populi christiani, augmento et statu sacrosanctae romanae Ecclesiae te intrepidum exhibere debeas, in nomine Patris, etc.*

(1) *Aperimus vobis os, tam in collationibus, quam in consiliis, atque in electione summi Pontificis, et in omnibus actibus, tum in consistorio quam extra, qui ad cardinales spectant, et quos soliti sunt exercere, in nomine, etc.*

(2) *Consist. de Sixto V. Postquam, etc.*

cias : Acton , Vacicelli , Corsi , Schwarzenberg , sobrinho do generalissimo das tropas austriacas em 1814 , e Mr. Massimo. Este pertence á familia dos principes Massimos , uma das mais illustres de Roma e que pretende descender de *Fabius Maximus*. Contaram-nos a este respeito a seguinte anecdotia. Quando foi a Milão o imperador d'Austria , ha alguns annos , tomar a coroa de ferro , o Padre Santo enviou uma deputação para comprimental-o. O principe Massimo , hoje cardeal , fazia parte della. Haviam fallado ao imperador da pretensão d'esta familia : « Estou curioso , disse o principe , por ver um descendente dos antigos Romanos. » Na audiencia , dirigiu-se a Mr. Massimo e disse-lhe : « A vossa familia pretende remontar até Fabio Maximo ; è bem certa esta genealogia ? — Tudo o que posso dizer a Vossa Magestade , respondeu o embaixador , é que o crêem em Roma ha dois mil annos. »

Em tanto que o sacro Collegio se dirigia á capella Sixtina para cantar o *Te-Deum* em acção de graças , nós deixamos o Vaticano. A physionomia da cidade annunciava a proximidade d'uma festa. Em todos os paizes , no nascimento dos principes , arbitros futuros dos destinos dos povos , teem logar grandes regosijos. Aqui , os cardeaes são os principes do sangue , e esta noite nasciam cinco ! A's *Ave Marias* tivereis visto os edificios illuminados , numerosas orchestras diante dos palacios dos novos principes , immenso povo pelas ruas e praças , brilhantes trens atravessando a multidão e conduzindo os embaixadores , os principes , tudo o que Roma contava de estrangeiros de distincção , á morada dos cardeaes , a quem iam offerecer homenagens e felicitações. Graças a Mr. de

B... nós fomos da festa, e visitamos successivamente os cinco eleitos do sacro Collegio.

Nada mais brilhante do que a iluminação dos seus palacios. Os mais variados e graciosos desenhos encantavam os olhos e faziam crer em alguma dessas feiticarias da idade media. Uma escada verdadeiramente real, coberta de ricos tapetes, allumiada por duas linhas de tochas de quatro pés d'altura, e de grossura proporcionada, conduzia ao *Piano mobile*, ou primeiro andar do palacio. Por entre duas alas de lacaios e de guarda-portoens de libré de gala vermelha, mosqueada de branco e azul, tendo na mão gigantescos brandoens, se chegava ao limiar dos saloens. O cardeal, n'aquelle dia, não traz outra insignia da sua nova dignidade que o solideo vermelho. O resto do trajo compõe-se d'uma casaca preta á franceza, d'uma pequena capa da mesma cor e do mesmo comprimento que a casaca; d'uns calçoens curtos e de meias pretas. Está lá à porta do seu quarto, em pé, com o chapeu na mão: vós chegais, sauda-vos, dirige-vos algumas palavras; passais para mais longe, e tomais parte na conversação geral; quanto a elle, fica no seu posto: assim o exige o uso que lhe veda igualmente o assentar-se durante todo o saráo. Ao salão do cardeal succede a salla do throno; é uma camara ricamente decorada, onde se acha de rigor o retrato do Santo Padre. Por baixo do retrato e virada para a parede esta uma grande poltrona exclusivamente reservada para o Summo Pontifice.

Entretanto esperava-se com impaciencia o chapeu que devia ser trazido com grande pompa. Pelas sete horas sahio do Vaticano uma carrua-

gem do Papa ; conduzia os dois prelados domesticos encarregados de entregar a insignia do cardinalato. Entraram , levando o chapéu n'uma bandeja de prata , e havendo-a depositado em cima de uma meza atraz da qual estava o cardeal, um dos Prelados lhe fez uma allocução muito adequada. O novo eleito respondeu , e recebeu , depois da partida dos graciosos mensageiros , as felicitações de todas as pessoas presentes , ás quaes offereceram gelados , que nos pareceram muito a tempo , bem que se estivesse no pino do inverno. Notavel pelo bom gosto e pela nobre simplicidade com que foi dirigida , esta festa , como a maior parte das solemnidades romanas , tem o privilegio de elevar a alma até aos mais altos pensamentos. Ver tudo o que o mundo tem mais poderoso e rico , render homenagem aos principes dessa Egreja outr'ora escondida nas Catacumbas dessa mesma Roma , e perseguida pelos grandes e pelos Cesares daquelle tempo : que estranho espectáculo ! Entre os triumphos do Capitolio e as eleições do Vaticano , ha um abysmo , e esse abysmo não pôde ser tapado senão pelo maior dos milagres.

---

### 28 de Janeiro.

Segunda parte do triumpho. — Mercado dos escravos. — Condição do escravo. — Empregos. — Tractamento. — Escravos fugitivos. — Castigo.

Ante-hontem tinhamos lido a primeira pagina da historia dos triumphos : tinhamos visto as nações despojadas e encadeadas caminharem para

\*

o Capitolio ; as suas riquezas enterradas nos vastos erarios da rainha do mundo ou lançadas em pasto ao seu povo de sybaritas ; lihámos assistido à ignominiosa morte de Simão, filho de Gioras, que havia, como a maior parte dos reis e generaes vencidos, pago com a cabeça a sua corajosa opposição á dominação romana. Mas que é feito de todo esse povo de prisioneiros destinados como elle a ornarem o triumpho de Tito ? Immoveis ao pé do Capitolio, esperavam no estupor a sentença das Cesares. Terá incontestavelmente sido suave, pois Tito é chamado as delicias do genero humano. A fim de a julgarmos por nós mesmos, dirigimo'-nos pela manhã cêdo ao *Forum* romano ; e, abrindo os auctores da epocha, vimos o que se passava no dia que se seguia aos triumphos : é a segunda pagina da sua historia, ou antes ó horrendo reverso da brilhante medalha.

E primeiramente, que era feito dos prisioneiros de distincção ? Aquelles que se não sacrificavam nem a Jupiter Capitolino, nem aos manes dos vencedores, eram conservados n'uma prisão, não em Roma, senão em alguma cidade forte do interior (1). Quanto àquelles a quem o sangue menos distincto, a influencia pessoal ou a extrema juventude não podiam tornar temiveis, concediam-lhes *algumas vezes* a liberdade (2). Mais frequentemente lhes davam por prisão a Roma, onde, confundidos na multidão dos cidadãos, deviam elles sós prover ás suas necessidades (3).

---

(1) Tit. Liv., XLV, 42 ; Polyb., XVI, 5.

(2) Appian., *de Bell. Mithrid.*, p. 418.

(3) Plutarch., *P. Emil.*, 59.

Vejam os agora qual era a sorte dos prisioneiros vulgares, isto é das populações inteiras, trazidas como um vil despojo.

A fim de apreciarmos o respeito do paganismo á humanidade, quizemos seguir-os nas diferentes phases da sua existencia, desde o dia da sua chegada ao pé do Capitólio, até ao momento da sua morte. Uns eram destinados ao amphitheatro e deviam divertir o povo-rei com o espectáculo das suas dores. Outros eram destinados à escravidão e vendidos em almoeda; e o producto da venda ia enriquecer o thesoiro do imperio (1).

Pelo centro do *Forum*, não longe de *Grecostrasis* da qual algumas ruínas estão ainda em pé, se erguia o templo de Castor e Pollux (2); era allí que se fazia o grande mercado dos escravos. Os contractadores vendiam allí de novo por meudo a carne humana que haviam comprado por gróssó á republica [3]. Aqui foram vendidos nossos pais, nossas mães, nossos irmãos e nossas irmãs; porque nem a idade nem o sexo eram poupados: a victoria havia-se feito a provisioneira geral da escravidão [4]. No dia seguinte ao triumpho, viam-se em toda a extensão da fachada do templo e dos porticos vizinhos tablados ergui-

---

(1) Tacit., *Hist.* III, 34; Tit. Liv., VI, 4; Plutarch., *M. Cato.*, 43; Tit. Liv., c. V, 53; Valer. Max., VI, 5, 1.

(2) Senec. *De Consil. sapient.* 13.

(3) Tit. Liv., II, 17; Cic., ad *Attic.*, IV, 6; id. *Halycarn.*, IV, 6; id. *de Bello Gall.*, VII, 89.

(4) Caes., *de Bello Gall.*, III, 16; Plutarch., *M. Cato.*, 43.

dos, e sobre esses tablados homens, mulheres, mancebos, donzellas e crianças [1]. Todos elles, n'um estado quasi completo de nudez, tinham um pequeno cartaz pendurado ao pescoço; alguns tinham na cabeça um barrete de lan branca, outros uma corôa de folhagem. O maior numero tinham os pés descalços e untados de greda ou gesso [2].

Um homem de figura ignobil, ar brutal e grosseiro, passeava diante de cada tablado, e, dirigindo-se á multidão com uma volubidade e segurança imperturbavel, gritava: « Nada me apressa a vender, cidadãos; eu não sou muito rico, é certo, porem não devo nada a ninguem. Outro não vol-os deixaria por este preço, e eu mesmo não os daria a outros que não fosseis vós, illustres Romanos. Vêde este, continuava designando um mancebo; examinaí como elle é bello, bem feito desde a cabeça até aos pés. Affiançovos a sua frugalidade, probidade e docilidade; obedece ao minimo signal: é uma argilla de que se faz tudo o que se quer. Sabe um pouco de grego e até vos cantará à weza, aiada que não tenha musica. » Depois batendo-lhe nas faces: « Ouvis, dizia, como isto toca! que firme carne! a doença nunca terá força sobre elle. Cidadãos, dal-o-hei por oito mil sestercios; é na verdade por nada (3). »

---

(1) Plin., XXXV, 18, etc., etc.

(2) Senec., *Ep.* 45; Aul. Gell., IV, 2; id. VII, 4; Tit. Liv., XXIV, 16; Aul. Gell., id.; Plin., XXXV, 17; Jav., VIII, 1, V. III.

(3) Horat., *Epist.* II, 2, vers. 2; Digest., XXI, tit. I, leg. 19, 2; Pers. *Sat.* V, 77.



Passando depois a uma criancinha: « Vamos, tu, dizia-lhe, faz ver a tua gentileza aos senhores do mundo; » e a pobre criança começava a saltar, a andar á roda, a dar pulos sobre as taboas, a fazer mil provocaçoens para tentar a multidão que a olhava. « E' lesto! é bonito! é galante! ajuntava o homem. Mas, cidadãos, entrai na minha loja, vereis coisa melhor que tudo isto. Isto aqui não é mais que a minha amostra; tudo quanto tenho mais raro, mais bello, mais delicado, mais admiravel, está nos meus tablados interiores; tende a bondade de entrar (1)! »

Este ignobil principio não era para o escravo mais que o preludio das ignominias e crueldades maiores que o esperavam. Vendido e pago, tornava-se de corpo e alma propriedade de seu senhor: nenhuma lei, nenhum artigo de lei havia para proteger sua vida, sua virtude. Segunda especie humana, menos vil que nullo, coisa e não ser intelligente, incapaz de toda a propriedade, sem patria, sem familia, sem differença alguma legal entre elle e a besta, vive, morre á vontade do despota que lhe tem o pé no pescoço, e que o faz o ludibrio de todos os seus caprichos (2). Este desprezado a quem, para não profanar a

---

(1) Stat. Sylv., II, 1, V, 72; Mart., IX, 60; Senec., *Epod.* 47.

[2] *Servi per fortunam in omnia obnoxii, quasi secundum hominum genus sunt.* Flor., III, 20; Digest., leg. III *de capite minutis*; Caius, *Instit.* I, 62; Juv. *Satyr.*, VI, vers. 219. — *Caput enim servile nullum jus habet, caret nomine, censu, tribu.* Paul., lib. III, *de cap. diminut.*

palavra, o senhor muitas vezes fallava só por signaes, ou em caso necessario por escripto ou por pancadas. Verdadeira caça de chicote ou de prisão, cuja vida é pela lei tida em tam pouca conta, que n'uma inquirição judicial, accusado ou mesmo testimunha, só o interrogam no cavalete, e, a requisição d'um litigante, seu senhor o envia sem difficuldade ao torturador, fazendo sómente que lhe dêem fiador pela quebra que possa resultar da tortura (1).

E por esse senhor que tem entre as mãos a vida d'elle, que póde despedaçal-o como um vidro, deve o escravo velar como pela menina de seus olhos. Desgraçado d'elle, se seu senhor vem a ser morto por um dos escravos: a lei quer que todos os outros, presentes na casa, innocentes ou culpados, sejam entregues ao supplicio, á morte (2). Tal é o jugo de ferro que o esmaga e que sobre elle pesará até ao ultimo suspiro...

No entretanto, será condemnado a todos os officios mais penosos e mais baixos. Para melhor julgarmos da sua condição, sigamol-o a casa de seu senhor: mais de cento e vinte empregos o esperam, a elle e aos seus companheiros de infortunio; nomeemos alguns delles. E' transposto o limiar da porta, estamos debaixo do vestibulo; á direita e esquerda eis dois nichos: n'um está um cão, n'outro está o escravo *Janitor*. Está preso, e se a casa muda de dono, vendel-o-hão com a casa, como se estivesse invencivelmente

---

(1) Senec., *Ep.* 47; Tacit., *Ann.* XIII, 23; Paul., *Sentent.*, V, 16, § 3.

(2) Cic., *ad Famil.*, IV, 12; Digest., *ad S. C. Sillanianum*, leg. XIII.

pegado á parede onde está chumbada a sua corrente e fizesse parte integrante da construcção [1]. A alguns passos se mostram os varredores (*mediastini, scopatores*); uns estão em pé sobre cavalletes; outros estão acocorados no chão; todos, com a vassoira, a escova, o trapo de purpura, a esponja na mão, fazem brilhar como espelhos as columnas de mármore do portico e o mosaico do atrio (2). No angulo do atrio está o *atriensis*, escravo encarregado de guardar os armarios (*armaria*) onde estão encerrados os registros da casa e as imagens dos antepassados (3). Descamos às cozinhas. Nessas peças importantes das casas romanas, se conserva multidão de escravos cujo unico cuidado é inventar e apromptar iguarias capazes de despertarem o gosto embotado dos Apicios. O cozinheiro (*coquus*) prepara as viandas, e á força de paciência consegue servir um porco inteiro, cozido d'um lado e assado do outro; o pastelleiro (*pistor dulciarius*) faz os doces misturados com todos os aromas da Arabia e da India: com receio de que o suor caia na massa, obrigam-o a cobrir a cabeça em quanto amassa (4). O lactario (*lactarius*) lhe dá a nata e o leite; o placentario (*placentarius*) lhe dá os instrumentos de que tem precisão; o pomario (*pomarius*) fornece os pomos, e o *focarius* cou-

---

(1) Saet., de *Clar. Rhetor.*, 4; Appian., de *Bell. civ.*, IV, 971.

(2) Vitruv., lib. VII, c. 4; Horat., lib. II, *Sat.* VIII.

(3) Varr., lib. VII; de L. L.

(4) Apul., lib. X *Metam.* Athenaeus, lib. XII.

serva o forno no calor conveniente; o cellereiro (*cellarius*) guarda as bebidas preparadas na copa; o *permarius* preserva das moscas e do pó o azeite, a salmoira, o mel, e em geral tudo o que deve brevemente apparecer na meza; mas desgraçados dos infelizes se um só prato carece de sabor ou de perfume! Um gosto exercitado deve presidir á escolha dos alimentos: o provador (*obsonator*) é encarregado desta perigosa operação.

A comida está preparada; eis que chegam os convidados (*invitatores*, *vocatores*) que recitam o nome dos convivas, em tanto que os *infertores* trazem os pratos dispostos com symetria sobre as mezas pelos armadores (*structores*). Os convivas estendem-se mollemente nos leitos, juncados de pennugem e de rosas desfolhadas, preparados pelos *lecticarios* (*lecticarii*, *lectisterniatores*). O escudeiro trinchant (*scissor*, *carptor*), corta as carnes que os distribuidores (*distributores*) levam em pratos d'ouro, e o pão em açafates de prata. Mas na passagem da cozinha ao *triclinium*, o perfume das iguarias pôde ter-se evaporado; está alli o *prægustator* para se certificar se elles podem ser apresentados com confiança. Entre as mezas circulam os copeiros (*poçillatores*) que apresentam para beber aos convivas o vinho de Falerno, misturado com aromas, em taças d'ouro adornadas de pedras preciosas. Atraz delles caminham os *vigarios* que apresentam, em galhetas d'ouro e de prata, agua tepida e agua fria (*calidæ gelidæque ministri*). Ao pé dos leitos se conservam jovens escravos vestidos com elegancia, com a cabeça ornada d'um gracioso turbante, as pernas e os braços nus. Cada um tem sua funcção; um, collocado á cabeceira, tem um ramo de myrto e

enchota as moscas ; os outros , curvados aos pés dos bebedores ebrios , limpam os ignobeis vestígios da sua intemperança (*mensarum detersores*) (1).

Dez , quinze , vinte e dois serviços se succederam , e apesar da hora adiantada que indica cuidadosamente o *nomenclator* a despeito do somno que o opprime , o serviço do escravo não está terminado. Ainda por muito tempo esperará o repouso e o pão necessários á sua vida : pouco importa que elle morra , com tanto que seu senhor se deleite.

A salla brilha com mil tochas trazidas pelos *infertores* ; fazem-se ouvir symphonias : eis bandos de jovens escravos que veem executar danças lascivas e cantar , ao som dos instrumentos , a gloria de seus bons senhores , e as nobres paixões de que está possuido seu coração , *citharœdi* , *symphoniaci* , *choraules* (2). Mas a voluptuosidade é sempre seguida d'uma companheira inseparavel. A's danças lubricas e aos cantos obscenos succede um espectáculo tragico : são introduzidos gladiadores , a maior parte escravos desgraçados , culpados de terem querido subtrahir-se pela fuga á barbaridade de seus senhores. Diante dos olhos desses espectadores ebrios de vinhos e de devassidões , brilham os gladios , batem uns nos outros , corre às ondas o sangue humano , e mistura-se o estertor dos moribundos aos freneticos applausos dos convivas. (3).

---

(1) Martial, *Epig.* , lib. III , 40 ; Senec. , *de Ira* , c. 25.

(2) Capitol. , in *Gallian* , Sidonius ; lib. IX , *ep.* 13.

(3) Tacit. , *Annal.* lib. I.

Do triclinio passai aos banhos, aos quartos dos senhores, aos jardins, às cavalhariças, a todas as partes da casa da cidade e da aldêa, não esqueçais nenhum dos empregos domesticos por mais baixos e vis que sejam, inventai outros novos, desconhecidos, inauditos, e estai certo de achar entre esses senhores ricos, altivos e voluptuosos até ao excesso, um escravo obrigado a desempenhal-os (1). Para saber até onde o orgulho pagão fazia descer o escravo que, em fim de contas, era um homem e tinha uma alma immortal, lêde, entre mil, o epitaphio seguinte que nós vimos n'um marmore antigo :

### OSSA

AVRELIAE LIVIAE AUG.

SER. A CUR. CAPELLAE.

« Ossos d'Aurelia, escrava de Livia, mulher d'Augusto, encarregada do cuidado da sua cadellinha. » No exercicio de todos estes empregos tam vis, tam incommodos, tam repugnantes até, desgraçado do pobre escravo culpado da mais pequena negligencia, até mesmo da apparencia de uma negligencia ou d'uma distracção; que digo? culpado d'um suspiro, d'um espirro, d'um so-

---

(1) Plinio traduz este facto com grande energia: « Nós não andamos com os nossos pés, não vemos com os nossos olhos, e não é a nossa memoria que retem o nome dos nossos amigos; vivemos pelos cuidados dos nossos escravos. » *Alienis pedibus ambulamus, alienis oculis agnoscimus, aliena meminisse salutamus, aliena vivimus opera. Lib. XXIX, c. 1.*

luço durante as symphonias que acompanham as orgias nocturnas de seus senhores (1). O orgulhoso Romano, a soberba matrona que, nas circumstancias ordinarias, não se digna dirigir-lhe a palavra, mas lhe intima as suas ordens fazendo estalar os dedos, lhe falla, em caso de desestramento, ás varadas, ás correadas ou ás pauladas. Fazem-lhe torrar sobre a cabeça a fava mal cozida; o velho Catão lhe rasga as costas ás chicotadas, porque é demasiado vagaroso; Augusto o crucifica por haver morto uma cadorniz favorita; por um vaso quebrado, Pollião o lança vivo ás suas mureas: e elle nem mesmo tem direito de queixar-se. Assim passará a sua triste existencia; depois, quando for velho ou enfermo, vendel-o-hão a um senhor mais pobre e por conseguinte mais duro. Era este o conselho e a pratica do virtuoso Catão: « Sê muito poupado, diz, vende o teu escravo e o teu cavallo quando forem velhos (2); » ou, o que é mais commodo e não menos barbaro, envial-o-hão para a ilha do Tibre, abandonado á graça d'Esculapio. Se tiverem por bem deixal-o envelhecer em casa, será encerrado na sua estreita cella, *cella*, até ao dia em que seus companheiros de escravidão, escolhidos entre os mais despreziveis, forem levar o seu ca-

---

(1) At infelicibus servis movere labra ne in hoc quidem ut loquantur licet, virga murmur omne compescitur, et nec fortuita quidem verberibus excepta sunt: tussis, sternutamenta, singultus; magno malo ulla voce interpellatum silentium luitur; nocte tota jejuni mutique persant. — Senec., *Epist.* XLVII.

(2) Plutarch., *in Cat.*, c. V.

daver para algum canto de má fama das Esquias (1).

Quiz subtrahir-se pela fuga ao intoleravel jugo que sobre elle peza? Logo um pregoeiro publico dà os seus signaes por toda a cidade: « Ha poucos instantes que fugiu um escravo para as thermas: tem cerca de dezeseis annos, tem os cabellos anellados, è fresco e bem feito, chama-se Gytão: quem o restituir ou descobrir terá de recompensa mil escudos (2). »

De novo cahido em poder do seu senhor, soffrerà primeiro uma sanguenta flagellação: depois, com um ferro em brasa lhe marcarão na fronte as duas letras *O* e *F*, iniciaes grega e latina da palavra *fugitivario* (fugitivarios); ou então lhe prenderão em volta do pescoço uma colleira de ferro com estas palavras: *Tene me quia fugi, et revoca me domino meo N.* « Agarra-me porque « fugi, e restitui-me ao meu senhor N. » Destas colleiras da escravidão, monumento horrivel da barbaria pagan, muitas chegaram até nós, para instrucção dos seculos modernos. Vimos tres n'um museu de Roma. Comtudo estes estigmas e estas colleiras de ferro são ainda um favor; ordinariamente o dente dos leons do amphitheatro ou a lança dos gladiadores puniu os desgraçados fugitivos (3).

---

(1) Horat., liv. I, Sat. VIII.

. . . . . augustis ejecta cadaverà cellis  
Conservus vili portanda locabat in arca.

(2) Petr.

(3) Aul. Gell., lib. V, c. 14. Veja-se sobre os escravos o Tractado de Pignorio, *De Ser-*



Tal era a sorte da maior parte do genero humano, na vespora do dia em que appareceu o christianismo; tal o resumo da legislação, das conquistas e das pompas triumphaes da velha Roma; tal é tambem o ultimo traço com que terminamos esta historia.

---

### 29 de janeiro.

Roma puramente christan. — Character da charidade romana. — Roteiro da dor. — Charidade romana para o recém-nascido e para o orphão. — Gyro do hospital do Espirito Santo. — Descrição deste hospital.

O triumpho, isto é as pompas do Capitolio e o mercado do Forum nos haviam dicto a ultima palavra sobre a sociedade pagan. Roma antiga! soberba rainha da força, nos te conheciamos alfim no teu espirito e nas tuas obras. Era tempo de buscarmos um espectaculo mais grato, estudando tambem no seu espirito e nas suas obras Roma christan, mãe dos povos e rainha da charidade.

Eis uma nova viagem que nenhum *torista* tem feito e da qual nenhuma guia traça o itinerario; e comtudo é cheia de encantos e de interesse. Dessa omissão mais ou menos *volleriana*, que tem resultado? Rainha das artes, é Roma admirada de todos; mãe dos pobres e modelo das naçoens, é Roma calumnjada; as suas obras, mais bellas que os seus monumentos, tem sido

---

*vis et de eorum apud veteres ministeriis, in 4.<sup>o</sup> Augustæ Vindelic. an. 1614.*

desconhecidas ; e o espirito divino que lhes deu existencia , apenas entrevisto por alguns , é objecto dos sarcasmos do grande numero. Porque ella não participa da vida facticia nem da actividade febril dos povos industriaes , dizem-na morta. Não é assim ; a Roma de Gregorio XVI é ainda e n'um sentido mil. vezes mais nobre que a Roma d'Augusto , mãe dos homens e creadora das naçoens : *Alma parens virum... magna frugum*. A charidade é a vida das cidades e dos povos ; pois a charidade corre a trasbordar pelas veias de Roma christian ; é o seu instincto , e , por assim faller , a sua propria essencia. De que assim deva ser , não se espanta o homem habituado a reflectir. Centro da fé , deve ser a cidade dos Pontifices o foco do amor : dil-o a logica antes que o estabeleçam os factos. Todavia , homens , quem quer que sejaes , se tenho alguma supplica a fazer-vos , é que não vos deixeis impôr este axioma *à priori*. Consentí sómente em viajar comnosco , e o axioma virá , sob a forma de consequencia , tomar no vosso espirito o logar que merece.

Partindo cêdo da Propaganda , dirigimo'-nos para o castello do Santo Anjo , passando pela praça do Povo e pelo mausoleu d'Augusto : isto quer dizer que havíamos tomado o caminho dos estudantes. Para aproveitarmos o nosso longo passeio , reunimos os traços espalhados que , reunidos , formam o caracter saliente da charidade romana cujas obras iamos estudar.

Catholica , tal è o signal distinctivo da fé cujas luzes descem incessantemente das reaes collinas : catholica , tal é tambem o sello dominante da charidade romana , filha e mãe da fé.

Catholica , porque não exclue ninguém. Os seus estabelecimentos são o fructo de suas proprias economias e dos donativos offerecidos pelas naçoens formadas na sua escola. Sublime conspiração da charidade! nos dias da fé, as monarchias e as republicas da Europa christian se associaram a sua mãe, para formarem no centro da catholicidade asylos sempre abertos ao estrangeiro, quaesquer que sejam as suas precisoens, a sua patria e o seu nome. Raras vezes se encontram nos hospicios das naçoens europeas, ainda as mais civilisadas, pessoas estranhas a essas naçoens. Em Roma, não ha um hospital, uma casa de soccorro, que não sustente cidadãos d'outros paizes. Percorrendo os nomes dos fundadores ou bemfeitores destes pios estabelecimentos, vê-se que todas as classes concorreram para elles, e os velhos archivos mencionam juntamente papas, cardeaes, prelados, reis, principes, mulheres, homens privados e obscuros, e em especial santos.

Catholica, porque é mais abundante que em qualquer outra parte. Na sua longa sollicitude, ajuntou Roma para os pobres um patrimonio que se não encontra senão lá. Bem que os transtornos politicos o hajam diminuido consideravelmente, eleva-se ainda a mais de 764,000 escudos romanos de rendimento (4,125,600 francos). « Na cidade mais charitativa da Europa, em Paris, os estabelecimentos de beneficencia gozam d'um rendimento de 5,000,000 de francos; e a cidade lhe ajunta 5,500,000 francos; o que faz 10,500,000 francos. Em Roma, os rendimentos que elles percebem dos seus bens são de 1,900,000 francos e do thesoiro 2,200,000 francos; ao

todo 4,100,000 francos. Cumpre observar que em Paris, alem das creaçoens da charidade legal, existem sociedades philantropicas cujas esmolos não entram na conta que acabo de fazer. Cumpre observar tambem que a população de Paris é cinco vezes a de Roma; logo, attribuindo ás sociedades particulares uma contribuição de 1,500.000 francos por anno, em Roma dà-se quasi o dobro que em Paris, bem que as cidades septentrionaes tenham mais precisoens a satisfazer que as do meio-dia (1). »

Catholica, porque tem, no estabelecimento das suas obras, a prióridade sobre os outros paizes. Não citarei agora mais que tres exemplos: o hospital de S. Roque, o hospicio dos Convalescentes e a prisão penitenciaria de S. Miguel. O hospital de S. Roque é uma casa de parto, aberta gratuitamente a todas as mulheres, que podem alli sepultar no mais mysterioso silencio o segredo da sua falta, ao mesmo tempo que lá encontram todos os cuidados que exige o seu estado. Foi formado em 1770, muito tempo antes do de Vienna, que precedeu todos os outros. Em França, estavamos ainda a fazer a theoria do que Roma praticava havia mais de oitenta annos (2). O hospicio dos Convalescentes foi fundado, em 1548, por S. Philippe de Neri. É anterior mais de dois seculos a todos os outros da mesma especie, pois o hospicio da Samaritana, de que tanto se gabam os Inglezes, só data de

---

(1). M. Morichini, *Inst. de Benef. de Roma*, p. 25.

(2) Veja-se M. de Gérando, *de la Bienf. publiq.*, t. IV, p. 335.

1791 (1). A prisão penitenciaria de S. Miguel, tal é o terceiro exemplo que me apraz citar aqui.

Quando pelo fim do seculo passado os Estados Unidos offereceram á Europa maravilhada os seus numerosos penitenciaros, ninguem duvidou da origem americana desta instituição vinda d'alem-mar. O protestantismo gloriou-se com isso, e ninguem lhe disputou o seu facil triumpho; mas alfim a verdade se patenteou. Os nossos publicistas, enviados a todas as partes da Europa e da America para estudarem o regimen penitenciaro, chegaram a Roma. M. Cersbeer, encarregado, em 1839, pelo ministro do interior de inspecionar as prisoes da Peninsula, exprime-se assim no seu relatorio: « Não hesito em crer que a reforma penitenciaria partiu da Italia, do centro mesmo desse paiz, de Roma, onde um papa, Clemente XI, mandou construir, em 1703, segundo os desenhos de Carlos Fontana, uma vasta casa de correccão para os jovens detidos... O systema correccional é christão, é catholico; teve nascimento com os mosteiros, e um papa o baptisou na occasião em que o fez entrar no mundo. A America não o inventou, a America não o aperfeicou; imitou-o de Gand, que o havia tomado em Milão e em Roma. Sim, foi de Roma que partiu o movimento que hoje se manifesta nos dois mundos; foi Roma que creou a primeira casa cellular, que applicou simultaneamente a isolação absoluta e a isolação mitigada; foi um papa que pela sua mão escreveu as primeiras regras d'uma

---

(1) Tournon, *Etud. statist.*, t. II, p. 118.

casa de correcção.... Eu ligo uma importancia tanto maior a restituir ao romano pontifice, Clemente XI, a honra da primeira idéa da reforma penitenciaria, quanto acho n'isso uma poderosa razão para ganhar á causa dessa reforma os numerosos seclarios da religião; ahí bebo tambem o pensamento de que devedo ser a reforma consequente com a sua origem, para ser salutar, deve ser essencialmente christã (1). »

Catholica, porque é humilde. Roma observa à letra o mandamento do Salvador: Quando derdes esmola, não saiba a vossa mão esquerda o que faz a vossa mão direita. Roma não tem diarios que publiquem as suas boas obras; e os viajantes tam eloquentes para censurar a mãe e senhora das egrejas, não tem dicto uma palavra que faça suspeitar o thesoiro de charidade que ella encerra no seu seio.

Nós julgamo'-nos á frente do verdadeiro progresso; as nossas idéas, os nossos planos, os nossos minimos ensaios para o melhoramento das classes soffredoras, publicamol-os como descobertas. Roma calla-se e contenta-se com mostrar em si a realisação ás vezes secular dos pensamentos que entre nós estão ainda no estado de estudo ou de projecto e que não tem recebido mais que um fraco principio de execução.

Catholica, porque abrange todas as miserias humanas. Ora, é a miseria uma indestructivel rede que envolve os filhos d'Adão desde o berço até à sepultura e aiada alem. Para ser catholica,

---

(1) Deve dizer-se catholica: M. Cerfbeer é israelita. — *Inst. de Bienf.* trad. por M. de Bezelaise.

deve pois ser a charidade tam extensa como a vida, tam variada como a dor. E' tambem mister que todos os seus remedios preparados com intelligencia, administrados com amor, estejam dispostos de modo tal que formem um systema completo, sem defeito nem lacuna. Pois a Roma, e só a Roma, entre todas as cidades, cabe a gloria de haver realizado este maravilhoso systema. Tenhamos orgulho disso, nós outros filhos dessa mãe immortal; se a arvore se conhece pelos seus fructos, que prova mais grata e forte da verdade d'uma doutrina que se traduz por semelhantes obras?

As nossas reflexoens haviam-nos conduzido até á ponte do Santo Anjo. Tempo era de nos certificarmos pessoalmente de que esse bello systema de charidade não era um sonho, mas uma realidade viva e palpavel. A fim de o seguirmos em todas as suas ramificaçoens, era-nos necessario um fio conductor. O raciocinio seguinte nol-opoz á mão: tres especies de miserias, relativas á triple vida, compoem o inseparavel cortejo do homem no valle das lagrimas: as miserias *physicas*, são a pobreza, a doença, a morte; as miserias *intellectuaes*, são a ignorancia e o erro; as miserias *moraes*, são as paixoens e os seus effeitos. Munidos deste roteiro da dor, começamos a seguir o homem na via lamentavel que percorre desde o berço até á sepultura.

Nasce, e ás vezes uma sentença de morte o espera no limiar da vida. A charidade romana acudiu, e interpondo-se entre a mãe homicida e a terra victima, encontrou o segredo de salvar a honra d'uma e preservar os dias da outra. Eis-nos ao pé da porta *Triumphal*: n'estes funestos loga-

res por onde Roma pagão fazia passar a humanidade presa ao carro dos seus triumphadores, ergue-se o hospital do Espirito Santo: é o mais antigo, e, com os de Napoles e Milão, o mais bello de todos os palacios edificados aos infelizes. No anno do Senhor de 1198, occupava Innocencio III a cadeira de S. Pedro. Como passeasse um dia nas margens do Tibre, foram-lhe dizer que um pescador ao colher as redes havia trazido em vez de peixes tres criancinhas mortas. O excellente papa ficou com isto tam impressionado, que mandou logo estabelecer junto do hospicio do Espirito Santo uma roda movel, forrada d'um colchão, onde se podessem a toda a hora do dia e da noite depositar as crianças abandonadas. Puz-se prohibição debaixo de severas penas, não só de informar-se do nome do depositante, senão tambem de seguil-o com os olhos quando se afastasse. Acolhidas pela charidade, que tem mãos para receber e não deve ter olhos para olhar, essas crianças eram criadas e educadas no hospital do Espirito Santo: tal foi o primeiro asylo permanente e regular, aberto na Euroná ás tenras victimas da morte. Em Paris, a primeira casa de expostos foi a de S. Vicente de Paulo, em 1678; Londres não possui uma senão desde o seculo passado.

A obra de Innocencio III perpetuou-se através dos seculos, e, graças á charidade romana, continua a achar-se em estado prospero. Chegados á idade de trabalhar, os rapazes são enviados a Viterbo para um asylo pertencente ao Espirito Santo; alli, aprendem um officio. Aos dezeseete annos, se ninguem os adopta, dão-lhes uma quantia de diaheiro que representa as suas despesas no



hospicio durante um anno. Este dinheiro serve-lhes para obterem os utensilios e as coisas necessarias ao exercicio da sua profissão; podendo então bastar a si mesmos os despedem (1). As raparigas são igualmente objecto d'uma sollicitude a que nada escapa. Mandadas para o hospicio, formam um grande conservatorio de coisa de seiscentas pessoas. Sob a direcção de pias mestras, são educadas n'uma virtude solida e instruidas em todos os trabalhos proprios do seu sexo. Toda a rouparia do immenso hospital lhes é confiada. Umaz fazem mantilhas para os engeitados, outras franzem os roquetes ou sobrepellizes ou bordam a oiro e a seda. Tres futuros lhes estão abertos: a residencia perpetua no hospicio, o casamento e o estado religioso. No primeiro caso, a sua existencia està assegurada. No segundo, o hospital dà-lhes um dote de 540 francos. Mas vêde a maternal previdencia da charidade romana! Este dote deve ser hypothecado pelo marido n'uma propriedade livre, para que a filha da Providencia nunca possa ser privada delle. Finalmente, se entra em religião, ainda o hospicio provê ás suas precisoens.

Não é isto tudo; Leão XII, de gloriosa memoria, quiz que as jovens orphans adoptadas tivessem direito a um dote pagavel pelo hospital, se viessem a casar ou a professar n'um convento.

Em tanto que nós abençoavamos esta intelligente sollicitude, o ar contente, a tez vermelha de todo aquelle povo de crianças, os soberbos corpos de edificios que elle habita, tudo revelava

---

(1) Constanzi, etc., p. 66.

a nossos olhos os maternas cuidados e as magnificencias reaes da charidade. Comtudo não tinhámos visto mais que uma pequena parte do grande hospital. Em breve immensas salas se abriám diante de nós; superiormente sobradadas, altas, bem arejadas, são pela maior parte ornadas de consoladoras pinturas que recordam as curas operadas pelo Salvador. Varias ordens de leitos se estendem de cada lado: todas ellas juntas, contam mil seiscentos e dezeseis. Cada salla tem o nome do santo que a protege ou do pontifice que a fundou ou aformoseou; a memoria de Pio VII enche estes logares. O sentimento das suas proprias dores não fez esquecer ao prisioneiro de Fontainebleau os soffrimentos dos pobres enfermos. Por ordem sua se fizeram notaveis melhoramentos nos edificios; reconstruiram-se banhos, substituiram-se nas sallas os fogaens aos brazeiros, ajuntou-se uma bellissima salla de operaçoens, vasta, bem allumiada, arejada, abundantemente provida de aguas, e de mezas de marmore, tal, n'uma palavra, diz Mr. Morichini, que na opinião dos mesmos estrangeiros, avaros de louvores a tudo o que nos diz respeito, nenhum estabelecimento na Europa possui outra tam completa (1).

As sallas são aquecidas no inverno com tubos que partem de caldeiras collocadas no centro; sobre estas grandes vasos de cobre estanhado conteem cozimentos peitoraes que se dão a beber aos doentes quando os pedem. Quatro vezes ao dia se varre o hospital: todos os mezes se lavam os sobrados; a roupa branca renova-se

---

(1) *Instit. de Benef.*, etc., p. 36.

quando o exigem as circumstancias, sem limites fixos. Logo que um colchão está estragado ou se morre n'elle alguém, mudam-o immediatamente. Na primavera, quando é mais pequeno o numero dos doentes, lavam-se as camas, envernizam-se os bancos, e calam-se as paredes. A fim de conservar a pureza do ar, estabelecem-se correntes e desinfectam-se as sallas com acidos. Por baixo do sobrado das sallas, em toda a sua extensão, corre um volume consideravel d'agua por um canal de pedra collocado inclinado, que recebe todas as immundicias e as leva rapidamente para o Tibre por duas embocaduras. Tantos cuidados se empregam na limpeza do hospital, que os mais ruins de contentar devem estar satisfeitos (1).

As camas compoem-se de bancos de ferro, taboas envernizadas, um enxergão, um colchão, uma barra, um travesseiro, lençoes, um cobertor acolchoado para o verão, dois outros cobertores de lan para o inverno. De duas em duas camas estão mesas de marmore, firmadas nas paredes, que servem para pôr em cima as coisas necessarias aos doentes, e latrinas; entre cama e cama vêdes umas taboas ou has que, por meio de corre-dijas moveis que tem signaes convenciona-dos, indicam maravilhosamente o estado e tractamento

---

(1) *Instit. de Benef.*, p. 39. — Para completar as minhas notas e recordações, fallando da charidade romana, tenho recorrido muitas vezes ás obras de Mor. Morichini e do abbade Constanzi; o primeiro foi traduzido por M. de Bazelaire, que o enriqueceu com uma notavel introdução; o outro existe só em Italiano.

do doente: no cimo poem-se os signaes que designam o alimento que elle deve tomar; no fundo, todos os outros; por exemplo, se deve receber o sagrado viatico, se já recebeu a Extrema-Unção, etc.

Distribue-se o alimento das sete às nove horas da manhã, e das duas e meia às cinco horas e meia da tarde, conforme as estaçoens. Por uma dessas delicadas attençoens de que só é capaz a charidade christã, tres vezes por semana se toca orgão durante a comida dos doentes. O domingo tambem offerece outro espectaculo: *veries* chegarem por todas as ruas que do *Trastevere* ou do centro da cidade vão dar ao Espirito Santo, numerosas confrarias que vão prodigalizar aos doentes os seus charidosos serviços: este traz doces, outro faz as camas, terceiro faz a barba, dá hebidas, etc. De todos estes cuidados que tem resultado? A cifra annual da mortalidade é de 9, 10 por 100; mortalidade bem pequena n'um hospital tam vasto, e a qual faz per si só o mais bello elogio do estabelecimento (1).

Es pelo que toca ao corpo; mas a alma! a alma demasiadas vezes desprezada nos hospicios das outras naçoens, conhece-lhe Roma o valor, e a cerca de admiraveis cuidados. Doze capellaens habitam o hospital; de dia e de noite no serviço dos doentes, celebram missa todas as manhãs nas differentes sallas, administram os sacramentos, e assistem aos moribundos. Alem disso, a fim de alcançar aos doentes todas as facilidades de satisfazerem o seu dever, deve cada ordem religiosa residente em Roma, segundo as prescrip-

---

(1) *Instit. de Benef.*, 46.

çoens de Clemente IX , enviar, uma vez por mez, dois dos seus membros para ouvirem as confissões: a sua permanencia deve ser de cinco horas pelo menos. Muitas vezes por dia atravessa um sacerdote as sallas , e , parando no meio de cada uma , suggere em voz alta um bom pensamento , uma santa maxima capaz de consolar os doentes ou de leval-os ao arrependimento de suas culpas. Como se recebem no Espirito Santo todas as classes de pessoas sem distincção de religião , muitos sacerdotes, tanto seculares como regulares , vão alli voluntariamente quer para conduzir á fé catholica aquellas que infelizmente a não professam, quer para confessar , instruir ou consolar os enfermos. Piedosos leigos vão lá tambem, principalmente ao domingo, exercer ás diferentes obras da misericordia espiritual (1). Ao percorrer aquellas vastas sallas , crê-se ver a cada porta, junto de cada leito de dor, S. Camillo de Lellis , esse illustre freguez do hospital do Espirito Santo, que durante varios annos passou os dias e as noites ás cabeceiras dos moribundos. Não direi mais nada delle por agora: mais tarde o tornaremos a encontrar.

Se o doente succumbe , deixam-o por espaço de duas horas no seu proprio leito : depois transportam-o á camara mortuaria , onde fica vinte e quatro horas. Um cordão preso á mão delle corresponde a uma campainha posta na camara, onde se conserva de dia e de noite um vigia. Se o doente houvesse somente sido atacado de lethargia , seriam advertidos disso ao minimo movimento que fizesse , recobrando os sentidos. Todas as

---

(1) Constanzi , p. 64 e 65.

tardes, depois da *Ave, Maria*, uma piedosa associação de leigos se reúne no lugar onde estão depositados os mortos; collocam-os n'um carro coberto, e, levando tochas na mão, os conduzem ao cemiterio do Janiculo. Nada é mais tocante do que o cortejo destes charidosos irmãos, que vão ás vezes dos bairros mais remotos da cidade, apesar das chuvas ou do frio do inverno. Quando não ha mortos para sepultar, o que frequentes vezes succede, vão do mesmo modo ao cemiterio recitar oraçoens sobre as sepulturas. Se o doente sara, mais tarde veremos o que é feito delle.

Para conservar o espirito de charidade que produz os maravilhosos effeitos que acabamos de ver, occupam-se cuidadosamente do numerozo pessoal empregado no hospital. Nas proximidades das principaes festas, toda a familia (*numerosissima famiglia*), reunida na capella, recebe alli instrucçoens para se dispor para a frequentação dos sacramentos, no dia da solemuidade. Durante a quaresma todos fazem um exercicio preparatorio para a communhão paschal (1). Roma, a quem accusam de não fazerdes nada, eis comtudo o que vós fazeis; o que fazeis ha seculos, sem ostentação nem bulha! Tal é o respeito que professais aos membros soffredores de Jesus Christo; tal a charidade maternal de que cercaes o seu leito de dor. Entre todas as cidades do mundo christão, ha acaso muitas, ha uma só que possa lisongear-se de exceder ou egualar sua mãe?

---

(1) Constanzi, 65.

### 30 de Janeiro.

Charidade romana para com o recém-nascido e o orphão. — Hospital de S. Roque *in Ripetta*. — Santa Maria *in Aquiro*. — Os filhos do Letrado.

A belleza do ceu, as impressoens da vespera, os commentarios da noite ácerca da nossa visita ao Espirito Santo, tudo nos convidava a continuarmos a nossa viagem pelos vestigios da charidade romana. Nontem haviamos ficado no limiar da vida, ao pé do berço da criança arrancada por ella aos horrores de uma morte prematurá. Fora só por excepção, e para lá não voltarmos, que haviamos visitado o hospital do Espirito Santo, essa vasta caravançara de todas as enfermidades humanas. Hoje proseguimos a nossa peregrinação do ponto onde a tinhamos deixado. Salvar a criança e cobrir a honra de sua culpada mãe, tal é, haviamos nós dicto, o primeiro beneficio da charidade romana. Como é salva a criança, já o sabemos; resta-nos ver por que meio é protegida a reputação da mulher.

Nas suas *Theorias* de beneficencia publica, escrevia M. de Gerando: « A casa de parto estará situada n'um logar desviado; as pessoas que forem admittidas n'ella, terão a liberdade de não declararem nem o seu nome, nem o seu domicilio; o registro das declaraçoens conservar-se-ha secreto em todo o caso; os empregados e os criados do estabelecimento terão como um dever o respeitar esse segredo; os estranhos não serão admittidos nas sallas (1)... » Estas delicadas pre.

---

(1) T. IV, p. 375.

cauçoens que a philantropia meditava entre nós para salvar a honra das familias, e principalmente para evitar o infanticidio, tomou-as Roma ha muito tempo. Nós as encontramos, ainda suavizadas pela charidade, no *Hospicio de S. Roque*. Seguindo a margem do Tibre chamada *Ripetta*, em breve chegamos a esse novo monumento da charidade. Nos annos do jubileu, vê Roma sempre nascer alguma bella obra de piedade. Em 1500, dedicou a confraria de S. Roque uma egreja ao seu santo protector e um hospital de cincoenta camas para todas as classes de doentes pobres. Em 1770, ordenou um breve de Clemente XIV que elle recebesse somente as mulheres gravidas, como se faz hoje.

Nenhum local podia convir melhor a semelhante destino. A porta da entrada não dá para a via publica, mas para um vestibulo que tem duas sahidas, uma dellas para uma praçasinha deshabitada, aonde vão dar varias ruas desertas. Todas as mulheres proximas a parir não tem mais que apresentar-se á priora para serem recebidas e mantidas á custa do hospicio durante a sua gravidez e ainda oito dias depois do parto. Não se lhes pergunta nem o nome, nem a condição, nem informação alguma capaz de trahil-as. A charidade romana vai mais longe: auctorisa-as a cobrirem o rosto, para não serem conhecidas por ninguem. Se alguma dellas vem a morrer, o seu nome não é inscripto nos registros; distinguem-as umas das outras unicamente por numeros d'ordem. As mulheres que não poderiam deixar descobrir o seu estado sem trahirem a sua criminosa fraqueza, são admittidas muito tempo antes do parto: salva-se deste modo a honra das



familias e evitam-se os infanticidios. Como se não bastassem tantas precauções, o hospital é exempto de toda a jurisdicção criminal e ecclesiastica; a sua entrada é vedada não só aos homens, senão ás proprias mulheres, parentas ou outras, qualquer que seja a sua classe. O medico, o cirurgião, o capellão, as matronas e as serventes são os unicos que lá teem accesso. Dest'arte as *deposite* que o habitam estão seguras de não serem importunadas e de não receberem visita alguma indiscreta durante que alli se demoram.

Apenas nascidas, as crianças são levadas com grande cuidado ao hospicio do Espirito Santo; as mães que teem tenção de tornar a recebê-las, lhes deixam um signal qualquer para as reconhecerem. Esta precaução é necessaria, porque, no caso de nascimento illegitimo ou de extrema pobreza, não se poderiam confiar as crianças a suas respectivas mães; e de preferencia a fazer perguntas ás mulheres de parto e a romper o bom segredo, alma deste estabelecimento, adoptou-se uma regra geral, util ás mulheres que não poderiam sem se envergonharem reter junto de si os filhos, ao mesmo passo que deixa ás outras a facilidade de os receberem quando sahem de S. Roque.

O hospital compõe-se d'uma vasta salla e de outras mais pequenas construidas ha pouco. Uma dellas é destinada para os partos e para as operações. O numero dos leitos é de vinte e pôde augmentar-se em caso de necessidade; cada leito tem suas cortinas e um guarda-vento que o separa dos outros.

A cidade que houvesse tomado todas estas precauções para salvar a honra da mulher cul-

pada, julgaria de certo ter cumprido toda a justiça. Roma o julga d'outro modo; tantos delicados cuidados não lhe parecem mais que a metade da sua tarefa: prevenir a repetição do mal, curando o coração que é o principio delle, tal é o grande objecto da sua charidade. E eis que todas essas Magdalenas são doremente sujeitas a um regulamento de vida, calculado de maneira que as faça emendarem-se dos seus erros: Todos os dias assistem ao santo sacrificio da Missa, recebem as instrucções da priora e do capellão, fazem differentes exercicios de piedade, e purificam-se no sacramento da Penitencia; e, se o seu estado o permite, fortificam-se bebendo o sangue divino que faz germinar a virgindade ou apaga a ardente febre das paixões.

Acreditar-se-hia que ha homens a quem escandalizou semelhante refugio? Os philantropos materialistas o teem censurado asperamente como culpado a seus olhos de excitar aos casamentos imprudentes, de deter o effeito do constrangimento moral e de auxiliar o desmedido augmento da população, etc.

Contentar-nos-hemos em responder-lhes com um economista christão: e A charidade nunca póde sacrificar a eventualidades remotas o allivio d'uma necessidade immediata e urgente, tal como a conservação d'uma mãe e do seu recém-nascido. Um excesso de população é sem duvida uma grande desgraça para a sociedade; mas a recusa de socorro em semelhante circumstancia, seria uma grave infracção das leis da religião e da charidade christãs: entre estes dois extremos, não é permittido hesitar. A lei d'humanidade está acima

da lei economica(1).» Acabavamos de ver como a charidade romana salva a vida da criança recém-nascida e protege a honra de sua mãe: era a primeira estação da nossa romagem: a segunda foi ainda junto d'um berço. Nem só a criança abandonada é desgraçada. Quantas outras ha que, orphans desde a tenra idade, ou nascidas de pais pobres, ficam sem apoio, sem pão, e sem abrigo desde a sua entrada na vida! Roma adopta-as a todas; e n'esta adopção a mãe dos povos mostra uma ternura e intelligencia mil vezes mais interessante de conhecer do que todos os seus monumentos antigos, ou as suas obras-primas modernas. Os orphãos são divididos em varias cathogorias, segundo a sua aptidão. Uns applicar-se-hão ás sciencias, outros cultivarão as artes, aquelles aprenderão officios. Mais d'uma vez a faisca do genio brilhou debaixo dos andrajos da miseria. Sé pois o seu joven pupillo annuncia felizes disposicoens para o estudo, Roma o envia para o hospicio de Santa Maria in Aquiro: nós dirigimo'-nos lá com elle. Foi este asylo para os orphãos estabeteccido, em 1540; a instancias de Santo Ignacio de Lyola. Em 1591, renovou-lhe o charidoso cardeal Salviati os edificios e fundou um collegio denominado com o seu nome. Havia elle observado que, entre as pobres crianças destinadas ás artes e aos officios, algumas havia a quem a natureza tinha dotado de talentos e aptidão para os trabalhos literarios; quiz pois que do seu refugio ellas passassem ao collegio, com tanto que fossem de idade

---

(1) M. de Villeneuve Bargem. *du Paupér.*  
t. III, p. 34.

de doze annos, e houvessem vivido por espaço de tres annos pelo menos no seu primeiro asylo. O papa Leão XII confiou a direcção delle aos padres Sommascos, e não podia entregal-a em mais habéis mãos. As condiçoens exigidas para ser admittido, são: ser Romano, privado pelo menos de pai, de idade de mais de sete annos e menos de dez. Aos dezoito annos completos, os alumnos sabem do collegio: contam-se hoje cincoenta. Fica-se encantado de ver todos aquelles rostos frescos e vermelhos desenharem-se sobre a sotana branca, uniforme forçado da casa, e de observar a viva alegria que reina entre aquellas crianças condemnadas a conhecerem só a dor. Encontraes ao entrar uma bella sala ornada das inscripções e retratos dos bemfeitores. N'essa mesma sala, é permittido, uma vez por semana, ás mães o irem ver seus filhos, a fim de conservar os laços do amor filial e maternal.

Parecerá talvez a algumas pessoas que o fim a que tendem esses orphãos é demasiado elevado, a sua educação e o seu tractamento demasiado esmerados, para jovens que se presume serem pobres; mas cumpre considerar que, n'uma vasta cidade tal como Roma, veem algumas crianças muitas vezes a perder seu pai, o qual, com os hurosos trabalhos de alguma profissão, sustentava convenientemente a sua familia. Essas pobres crianças, educadas em habitos delicados e ja entregues aos estudos, acham desde então na casa de Santa Maria um asylo em harmonia com o seu destino. Como são differentes as posiçoens sociaes, é digno d'uma intelligente charidade offerecer à desgraça abrigos differentes e meios variados de

existencia (1). A'manhã continuaremos a seguir Roma no cumprimento desta maternal tarefa.

---

### 31 de janeiro.

Baptisado de M. Ratisbona. — Continuação da visita de Roma christan. — Charidade romana para o orphão. — Hospicio apostolico de S. Miguel. — Sua origem. — Suas quatro familias. — Sua organização.

Antes de proseguirmos no nosso itinerario, assistimos a uma cerimonia, direi de boa vontade a um acontecimento cuja recordação jámais se apagará na nossa memoria: M. Ratisbona devia hoje receber o baptismo. Dez dias somente haviam decorrido desde a sua conversão; porem o milagroso neophyto *havia comprehendido tudo*, e o illustre cardeal Mezzofanti, encarregado do exame dos cathecumenos, não fazia mais que admirar a abundancia de luzes que o Deus das misericordias havia de subito derramado naquella alma privilegiada. A's oito horas, estavamos no Gesù. Já a igreja estava cheia de uma piedosa multidão avida de contemplar o joven Israelita, que Maria tinha conduzido pela sua mão cheia de graças até ao pé da cruz: a sociedade franceza occupavz o primeiro logar, e uma piedade sympathica dominava toda a assemblea.

M. Ratisbona, acompanhado do padre de Villefort e de M. de Bussiéres seu padrinho, se conservava no fundo da igreja: segundo o antigo

---

(1) Morich., p. 101.

costume, trazia o vestido branco dos cathecumens.

Em breve o cardeal Patrizi, vigarião de Sua Santidade, revestido dos seus ornamentos pontificaes, desceu da capella de Santo Ignacio e foi começar defronte do neophyto as oraçoens e ceremonias do costume: seguimol-o. Os exorcismos e as unçoens mysteriosas que preparam o homem para a iniciação christã estavam cumpridos. De repente è pedida ao joven Israelita uma prova inesperada. Ainda ha pouco, como Saulo, havia blasphemado o nome de Jesus de Nazareth e a sua doutrina; era justo que expiasse essa falta com um acto publico de arrependimento e humildade: « Beijai a terra, » lhe disse o cardeal; e immediatamente sem perturbação, assim como sem hesitação, elle beija a terra! provando a essa multidão que o contempla, que è verdadeiramente christão, pois que a sua juventude já adivinhou que è a humildade a unica porta que conduz á verdade e á salvação. Eloquentes lição para nós todos que esquecemos demasiadas vezes que Jesus, nosso mestre, era doce e humilde de coração (1).

Já não ha duvidas; o espirito do Salvador está com o neophyto, e o cardeal conduz como em triumpho, á capella de Santo Ignacio, aquella ovelha querida que acaba de arrancar a Satanaz. Como dizer-vos todos os diversos sentimentos que então agitavam a assemblea? Que espectaculo! M. de Bussiéres, protestante convertido, conduzindo um judeu ao gremio da Igreja catholica! e

---

(1) *O Filho de Maria*, por M. de Bussiéres, p. 59.

que judeu! um joven Francez de 28 annos, em toda a plenitude da sua força, da sua razão e independencia; ainda hontem impio, censurador, blasphemador, e hoje manso como um cordeiro, deixando fazerem-lhe tudo o que querem! O seu rosto notavel por um feliz mixto de firmeza e mansidão, a sua comprida barba preta, o seu andar, o seu traje, tudo n'elle transportava o pensamento ao tempo da primitiva Igreja: ter-se-hia dicto um desses christãos das catacumbas que esperava o martyrio (1). Eis ahi o que nós vimos. Não terem podido todos os nossos jovens compatriotas gozar o mesmo espectaculo! Quando o Pontifice perguntou ao cathecumeno: « Qual é o vosso nome? — Maria, » respondeu elle com um impulso de reconhecimento e amor que nos fez exultar. A recepção do baptismo e da confirmação foi seguida d'um ardente improvisado do senr. abbade Dupanloup, e começou o santo Sacrificio. No solemne momento da communhão, M. Ratisbona achou-se de tal forma aniquilado, que foi necessario sustental-o para se aproximar da meza santa. Só com o auxilio de M. de Bus-sières é que elle se pôde levantar depois de ter recebido o pão dos anjos. Uma torrente de lagrimas lhe inundava o rosto; succumbia sob o peso da commoção.

Com que enthusiasmo cantou toda a assemblea o *Te-Deum*, que os anjos repetiram no ceu em ineffaveis transportes; porque está escripto: « Que ha mais alegria na Santa Jerusalem pela conversão d'um só peccador, do que pela perseverança de noventa e nove justos. » Felizes

---

(1) Id., p.º 10.

com a felicidade da Igreja, felizes com a felicidade do nosso novo irmão, proseguimos a visita de Roma christã.

Se o orphão mostra gosto e aptidão para as artes liberaes, o grande hospicio de S. Miguel lhe apresenta todos os meios de seguir uma nobre carreira. Atravessando rapidamente a cidade e o Tibre, chegamos cêdo á *Ripa grande*, onde se acha o novo theatro da charidade romana. Antes de n'elle entrar, é agradável conhecer-lhe a origem. Ver-se-ha que as obras de Deus teem quasi sempre muy fracos principios: o zelo muitas vezes affligido, pode encontrar n'esta observação um alento e uma consolação.

No decimo-sexto seculo, vivia em Roma um piedoso christão, chamado João Leonardo Ceruso. Tocado de compaixão pelas pobres crianças abandonadas que o rigoroso inverno de 1581 havia tornado muito numerosas, recolheu-as todas n'uma miseravel casa da rua dos Banqueiros, junto do palacio Chigi. Este homem tinha n'outro tempo ensinado grammatica, e como pronunciasse muitas vezes algumas palavras latinas, haviam-lhe chamado por gracejo o *Letrado*, nome que foi dado a seus filhos e que teem ainda. Empregava os seus discipulos em varrer as ruas, mediante uma pequena retribuição dos negociantes. Elle proprio ia pela cidade com um habito azul que lhe chegava ao meio da perna, um grande rosario ao pescoço, e cabeça e pés nus, com uma presença tam modesta, que S. Camillo de Lellis lhe chamava o *Prégador mudo*. Depois da sua morte, foi incorporado o seu pequeno estabelecimento ao hospicio de S. Miguel.

Este novo asylo deveu a sua origem a Tho-



maz Odelcaschi, sobrinho do papa Innocencio XI. Indo um dia a Santa Galla onde o seu parente, Marco Antonio, alojava os pobres durante a noite, percebeu que se admittiam alli muitas vezes jovens, pela maior parte fugitivos da casa paterna, e de quem ninguem cuidava. Pensou que estas crianças estavam mal collocadas em dormitórios communs, e as reuniu n'uma casa da praça Margana, onde as occupou em trabalhos grosseiros de lan. Eram então uns trinta, e breve chegaram ao numero de sessenta. Mr. Odelcaschi se affeição de tal sorte áquellas pobres crianças, que lhes comprou em 1686, na grande margem do Tibre, um bello terreno em que mandou erguer um hospicio.

Graças ao intelligente e sempre continuado zelo dos summos Pontifices a quem foi cedida a propriedade do hospicio em 1691, chegou S. Miguel a esse grau de grandeza e prosperidade que hoje se admira. O comprimento do edificio é de 334 metros, a largura de 80, e a circumferencia de 830, isto é, mais de meia milha. A maior altura é de 25 metros; finalmente, o chão tem 26,720 metros. No dizer dos estrangeiros, nenhum estabelecimento da Europa se pode comparar a S. Miguel pelo que toca á commodidade e magnificencia.

Dirigidos por dois excellentes sacerdotes habituados a irem exercer o seu charitativo zelo àquelle grande theatro, o visitamos em todas as suas partes. Para a elle não voltar; darei a sua descripção completa, como fiz a respeito do Espirito Santo. O hospicio de S. Miguel abrangue quatro familias inteiramente separadas, as dos velhos de um e outro sexo, e as dos rapazes e raparigas.

Os velhos devem ser romanos ou domiciliados em Roma ha cinco annos; não se recebem aquelles que teem doenças incuraveis ou contagiosas. Dividem-se em duas classes: a primeira compõe-se daquelles que, tendo ainda sufficiente saude, são empregados nos trabalhos da cozinha, da despesa e do refeitório; são porteiros, vigias ou guardas, e trabalham nas officinas dos jovens; os outros, de idade mais avançada e saude vacillante, são dispensados de todo e qualquer trabalho. Os primeiros occupam um grande dormitório dicto de S. Sixto: os segundos uma sala chamada a Enfermaria baixa, d'onde sem subirem um só degrau vão ao refeitório e á egreja. Um prior, sacerdote, dirige esta comunidade, hoje composta de 120 individuos, 100 dos quaes são sustentados gratuitamente, e 20 por meio d'uma tenue retribuição. É permittido aos velhos o sabirem a certas horas, e aquelles a quem a saude impede que o façam, teem um corredor interior coberto onde podem passear.

As velhas são em numero de noventa, e juntando-lhes trinta raparigas de serviço, tem-se uma comunidade de cento e vinte pessoas. A sua occupação é fazerem meias, coserem os vestidos novos e concertarem os velhos. As raparigas annexas a esta comunidade como serventes, cuidam da rouparia dos velhos, das mulheres e dos jovens; servem a sala dos invalidos, a enfermaria, o refeitório commum e a cozinha dos doentes. A comunidade é presidida por uma priora, escolhida entre os mesmos habitantes do hospicio, e renovada de tres em tres annos. O padre, prior do Conservatorio, é-o tambem desta

communidade(1). Havíamos percorrido com vivo interesse o grande corpo de edificios que serve de asylo ás primeiras familias de S. Miguel : a ordem , o asseio , o ar feliz' d'aquelles pobres velhos faziam o elogio da disciplina estabelecida por Mor. Tosti. Porem o objecto principal da nossa visita , eram os orphãosinhos ; linhamos 'pressa de visitar a sua vivenda. Uma grande recordação, um nome bem-dicto se vos apresenta logo que pondez pé no limiar deste asylo : Innocencio XII apparecia aqui cercado da aureola immortal da charidade. O excellentę Pontifice , cujas liberalidades tam poderosamente contribuíram para a magnificencia do hospicio apostolico , amava tanto aquelles orphãosinhos , que lhes dava o doce nome de filhos , e foi visital-os pelo menos sessenta e quatro vezes. Em memoria desta affectuosa bondade , os discipulos celebram todos os annos pela alma do Pontifice um serviço solemne no dia anniversario da sua morte , e repetem os seus louvores. O hospicio conta duzentos jovens divididos em seis camaras , que tomam o nome de seus santos protectores : S. Miguel , S. Francisco Xavier, S. Philippe , S. Pedro e S. Paulo , S. Carlos e Santo Innocencio. Cada camara tem um prefeito , clérigo ou sacerdote , è dois subprefeitos , chamados *decurioens* , escolhidos entre os discipulos mais discretos e arrazoados.

Um padre reitor vigia pela disciplina interior da communidade. O vestido interior e de trabalho è de panno no inverno , e de verão d'um tecido de linho e algodão chamado *regatino* :

---

(1) Morichini, p. 109 ; Constanzi , p. 104 e 105.

quando sahem , levam uma solana de panno preto. Para conservar as affeições de familia , é permittido aos discipulos o irem algumas vezes jantar a casa dos parentes.

No asylo dos velhos reina o socego ; a conversação , um trabalho tranquillo e os exercicios religiosos enchem o dia. Aqui , pelo contrario , é tudo actividade e movimento , *fervet opus*. Nas soberbas sallas destinadas ao trabalho , vêdes todos os orphãosinhos applicados ao estudo das artes mechanicas e das artes liberaes. Atravessam-se successivamente officinas de impressores , encadernadores , alfaiates , sapateiros , chapelleiros , frisadores de lan , tintureiros , selleiros , ensambladores , serralheiros e quincalheiros. Quanto ás bellas-artes , vimos a fabrica de tapetes de figuras ou ornatos , a unica de toda a Italia ; a gravura em madeira , o adorno , a pintura , a esculptura , a gravura em cobre , camafeus e medalhas. Excellentes mestres dirigem os trabalhos , e nada falta para o aperfeiçoamento de cada uma destas artes. Não só o ensino ordinario das escholâs , mas lições de chimica , mecanica e geometria applicada ; a musica e as sciencias literarias fazem parte desta liberal educação. Como vimos , as bellas-artes são o seu objecto principal , e S. Miguel conta na sociedade bom numero de artistas a quem o talento e o bom proceder distinguiram : bastar-nos-ha citar os nossos dois melhores abridores , os srs. Mercurii e Calameta , cujas obras , por elles enviadas á sua casa mãe , adornam um dos saloens do hospicio onde elles foram creados (1). Em summa , S. Miguel é uma verd<sup>a</sup>

---

(1) M. de Bazelaire , *Pref.* , p. LXX.

deira eschola polytechnica, um verdadeiro conservatorio das artes e officios, aberto pelo genio dos papas um seculo antes que os possuisssem as naçoens mais esclarecidas da Europa (1).

Que dizer do contentamento que reina n'aquella casa e da paternal disciplina que è a fonte delle? O viajante fica deliciosamente commovido á vista daquellas crianças manejando com graça o sinzel ou o buril, levantando-se quando elle se aproxima, e deixando brilhar em suas physionomias francas a timida modestia do joven artista junta à vivacidade italiana. E' verdade que tudo contribue para lhes fazer encontrar em S. Miguel a familia que perderam. Innocentes festas veem de tempos a tempos interromper a monotonia da sua laboriosa existencia. Todos os annos a eschola de musica vocal diverte a casa durante o carnaval, dando representaçoens dramaticas, ás quaes até os privilegiados de fora são admittidos.

A quarta familia do hospicio apostolico não é menos interessante. Duzentas e quarenta meninas, collocadas em nove vastas sallas, ou dormitórios, se exercitam assiduamente nos trabalhos proprios do seu sexo. Cada salla está debaixo da vigilancia d'uma das antigas. A priora e a sub-piora são escolhidas de tres em tres annos entre as mais adiantadas e discretas. Reinava o silencio quando nós entramos; todos os olhos estavam fitos na obra. A's palavras do padre que nos acompanhava, levantaram-se as cabeças; e em todas aquellas serenas fronteis tivereis visto brilhar a alegria de crianças innocentes e risonhas, sem remorsos nem preocupação. Tudo quanto póde

---

(1) Morich., p. 112.

formar pessoas verdadeiramente christans e boas mulheres de casa, entra no plano da sua educação. Alem da religião que lhes ensinam principalmente fazendo-a amar e praticar, dão-lhes liçoens de leitura, escripta, arithmetica, musica até e obras de agulha; o que facilita a sua entrada nos conventos e serve para aformosear as ceremonias da capella particular do conservatorio. O cuidado da cozinha e da lavagem da roupa da communitade os prepara utilmente para os trabalhos da casa. Fabricam alem disso todos os adornos de uniforme das tropas pontificias, e dão-lhes, como incitação, metade do lucro. Algumas trabalham seda, tela e fitas, quer para uso do hospicio, quer para negociantes. Tendo liberdade de ficarem sempre no asylo que as sustenta, não as despedem senão para casal-as ou fazel-as religiosas. A archiconfraria da Annuociação dá por anno cem escudos romanos que lhes servem de dote.

Quanto aos soccorros espirituaes, são regulares e abundantes. O hospicio forma freguezia: as quatro familias ouvem missa pela manhan, recitam o roزاریo e executam outros exercicios de piedade. O cura e o vigario são ajudados na audição das confissoens por dois padres para os jovens, dois para as jovens, um para os velhos, e outros mais que alli chama espontaneamente o zelo da salvação das almas. Aos domingos, os rapazes e as raparigas recitam o officio; os velhos teem o exercicio da boa morte, e no decurso do anno toda a casa faz um exercicio espiritual segundo o methodo de Santo Ignacio.

---

## 1.º de Fevereiro.

Visita ao cardeal Mai. — Origem da fabula da papa Joanna. — Charidade romana para com o orphão (continuação). — Hospicio de Santa Maria dos Anjos. — Hospicio do Tata-Giovanni.

A noite tinha vindo surprehender-nos em S. Miguel ; porem não deixamos o interessante hospicio senão promettendo-nos voltar lá : restava-nos visitar a prisão penitenciaria. Hoje a ordem logica dos nossos estudos nos chamava a um ponto opposto de Roma , á praça *de' Termini*. Antes da partida , fui apresentado a um dos membros mais illustres do sacro Collegio, o cardeal Angelo Mai. Sabio de primeira ordem , collocou-se o cardeal Mai em posição eminente por seus trabalhos sobre os manuscriptos da Vaticana. As obras inéditas , christãs e profanas , que elle tem decifrado e publicado , formam já seis volumes em quarto grande de mais de mil paginas (1). Basta abrir esta collecção para ficar estupefacto, vendo quanta paciencia , erudição e sciencia de toda a especie foi necessaria para executar' semelhante trabalho. Se se admira a coragem do cardeal , abençoa-se o generoso pontifice que mandou imprimir a obra a expensas da Camara apostolica ; é este para os soberanos um exemplo tanto mais nobre quanto o Santo Padre não é rico. Depois d'uma conversação bastante longa , na qual se mostrou cheio de affabilidade , o illustre cardeal

---

(1) Scriptorum veterum nova Collectio e Vaticanis codicibus edita. Typis Vaticanis, 1825—1832.

me fez elle proprio visitar a sua bibliotheca, uma das mais ricas e mais bem compostas sem contradicção de todas as bibliothecas particulares da Europa.

Puz a mão n'um volume da *Nova collectio*. « Ah ! me disse sua Eminencia, ahí tendes as *Questoes de Phocio a Amphilocho*, que é uma das obras mais curiosas que eu descobri. » Depois, pegando elle proprio no volume, fez-me ler diferentes passagens onde o scismatico Phocio falla em termos mui honrosos dos Pontifices romanos e da supremacia do seu poder: *E' o bem-aventurado Damasio que confirma o segundo Concilio geral cujos decretos são seguidos pelo universo inteiro; é Agathão que, posto que não presente de corpo no sexto Concilio, todavia o convocou, e foi o ornamento delle pelo seu espirito, pela sua doutrina e pelo seu zelo. Phocio falla depois longamente e com muitas elogios de João VII, a quem dá por tres vezes o epitheto de viril.* « Não é sem motivo, me disse o douto cardeal, que Phocio se serve por tres vezes desta expressão. Evidentemente allude, refutando-a, à accusação de espirite fraco, que desde então se fazia contra este papa, porque consentira que tornassem a collocar na cadeira de Constantinopla a Phocio, tam contrario à Santa Sé e fulminado antes com tantos anathemas. Foi d'ahi sem duvida alguma que nasceu a fabula da *papa Joanna*, cuja origem, objecto de tantas opinioens absurdas, me parece haver sido indicada com precisão por Baronio (1), quando diz que este papa foi chamado *uma mulher* porque, visto a facilidade de-

---

(1) An. 879, n. 5.



masiado grande do seu espirito , não soube mostrar constancia alguma sacerdotal. De forma que lhe chamavam não o *papa* , como a seus corajosos predecessores , mas a *papa* , para lhe exprobrarem o nem mesmo haver resistido a Phocio. » Depois de me ter feito prometter segunda visita , permitiu-me o amavel cardeal que fosse ter com os meus companheiros de viagem. Em poucos instantes nos achamos na praça de *Termini*.

Santa Maria in Aquiro è S. Miguel nos haviam mostrado a charidade romana formando os pobres orphãos nos trabalhos da intelligencia ou nas artes liberaes ; iamos vel-a preparando parte da sua joven familia para o exercicio dos officios e das artes mecanicas. Transpözemos o gasto limiar das *Thermas* de Diocleciano. N'aquellas vastas construcçoens n'outr'ora consagradas aos prazeres da velha Roma , collocou a Roma christan o amavel asylo de *Santa Maria dos Anjos*. Como em S. Miguel , encontram-se aqui quatro familias. Os bons irmãos da Doutrina christan , cuja intelligencia e cujo zelo são em Roma o que são em França , dirigem a commuidade dos homens e dos jovens. Os orphãosinhos a quem a idade ainda não permite emprehender a aprendizagem d'um officio , teem uma eschola de cathecismo , leitura e escripta ; os outros recebem igualmente liçoens conforme os seus trabalhos. Sem prejudicar as occupaçoens manuaes , uma eschola de musica instrumental forma , entre os discipulos , uma banda militar que se exercita todos os dias por algumas horas e já tem dado provas publicas da sua habilidade. Aprendem-se no hospicio os officios de sapateiro , alfaiate, ian-

pressor, tintureiro, serralheiro, chapelleiro, carpinteiro e ensamblador. Destas officinas sahem essas cadeiras tam leves e tam faceis de manejar, conhecidas pelo nome de cadeiras de *Chia-vari*.

Grande parte dos jovens é empregada na confecção do calçado e dos vestidos militares; em geral as officinas e os trabalhos são arrendados a empresarios, o que é o methodo mais vantajoso, quando ós contractos são regularmente estipulados e passados entre pessoas honradas. Só a imprensa não é posta a adjudicação; publica ordinariamente obrasinhas de devoção que entrega por baixo preço ou da gratuitamente. O salario reparte-se em tres porçoens: um terço fica para a casa, um terço pertence ao obreiro, e outro terço é posto em commum e dividido pela comitiva. Estas economiasinhas formam o peculio do joven artista, e o ajudam, quando sahe, a estabelecer-se convenientemente.

A Congregação das Filhas do refugio, transportada para Roma ha dez annos pela virtuosa princeza Thereza Doria Pamphili, preside á comunidade das mulheres. As orphãsinhas trabalham algodão, linho e lio; empalham as cadeiras fabricadas pelos homens, e são empregadas na lavagem da casa e na limpeza da roupa branca. Aqui, como em todos os asylos de Roma, habitam no hospicio em quanto não casam, se não fazem religiosas ou se não poem a servir em casas particulares.

Quatro capellaens teem cuidado do espiritual das quatro familias; e alguns sacerdotes de fora vão muitas vezes, principalmente às enfermarias, distribuir por charidade os soccorros da religião.

Todas as manhans se assiste á missa, à noite recita se o rosario, toda a zeple se deve confessar uma vez por mez, e recebe a instrucção do cathecismo, base d'uma boa educação. (1).

Nos grandes estabelecimentos que acabavamos de visitar, as crianças estão de permanencia; ha outro onde se segue um systema differente: é o hospicio tam conhecido em Roma pelo nome de *Tata-Giovanni*. Quizemos conhecer tambem esta nova invenção da charidade romana, e ao passo que caminhavamos, contaram-nos a historia do fundador. No seculo passado vivia em Roma um pobre pedreiro, chamado Giovanni Borgi. Todos os dias de festa ia ao hospital do Espirito Santo para servir os doentes. Não tendo nada que lhes dar, vitava-lhes a cama, fazia-lhes a barba e lhes prestava todos os serviços que se podem esperar d'um affectuoso creado. Ora, succedia-lhe muitas vezes encontrar pelas ruas criancinhas mal vestidas e calçadas, expostas a crescer no vicio e na ociosidade: encontrou outras no hospital a quem a morte tornara orphans. A sorte de todas estas pobres crianças tocou vivamente o coração do charidoso artista. Começou por convidar aquellas que estavam doentes a irem-o ver a sua casa, quando estivessem sans. Por meio de algumas esmollas, recolheu-as em sua casa, vestiu-as, e as enviou como aprendizes para casa dos fabricantes da cidade, a fim de lhes obter pelo trabalho meios de existencia: elle proprio lhes ensinava o cathecismo e as fazia aproximar-se dos Sacramentos.

Não tardaram generosos bemfeitores a auxi-

---

(1) Morich., p. 128.

lial-o com seus conselhos e suas bolsas. Citarei entre outros o illustre cardêal di Pietro, braço direito de Pio VII durante as terríveis provações de Fontainebleau. Allugou para Giovanni e seus pequenos protegidos, um grande aposento na *via Giulia*, e assignou-lhe trinta escudos por mez: o que permittiu elevar a quarenta o numero dos orphãos. Borgi lhes chamava seus filhos e elles reciprocamente lhe davam o titulo filial de *papá*. D'ahi veio à instituição o nome de *Tata-Giovanni* (papá João). Pio VII, cujo coração tam generoso era, foi o principal protector de Borgi. Não contente com comprar-lhe a casa em que elle estava de alluguer, tractava-o muy amigavelmente assim como aos orphãos, aos quaes deu muitas vezes por sua propria mão dinheiro na sacristia de S. Pedro.

Bem que João fosse illiterato, sentia a necessidade da instrucção e mandou ensinar a seus filhos leitura, escripta e arithmetica: ajunta-se-lhes hoje principios de ornato, de desenho linear e de geometria, conhecimentos muito importantes para jovens artistas; mas sobre tudo applicam-se a formar seus corações pelo ensino da religião e pelas solidas praticas de piedade.

Achamo'-nos em breve em estado de verificarmos em pessoa o que acabavam de nos dizer. Antes do meio dia estavamos em *Santa Anna dos Marceneiros*, onde se acha o hospicio de *Tata-Giovanni*. Eis aqui a sua disposição e regulamentos: seis câmaras são occupadas pelas crianças, e leem os nomes *significativos* de S. José, S. Philippe, S. Pedro, S. Paulo, Santo Estanislau, S. Camillo e S. Luis. Como tudo e' simples n'este instituto, os mesmos jovens, escolhidos entre os

mais discretos e de mais idade, presidem ás camaras; mais bem instruidos que os outros, ensinam aos seus companheiros os primeiros elementos da sciencia. Bons sacerdotes ou virtuosos leigos vão alli muitas vezes á noite distribuir a esmolla da instrucção religiosa e scientifica.

O cuidado da disciplina interior está confiado a dois ecclesiasticos. As crianças levantam-se cedo, e desde a mais tenra idade vão aprender um officio nas officinas da cidade. Um piedoso leigo arranja a accommodação destes aprendizes, e todo o dia anda em movimento para certificar-se dos seus progressos e do seu comportamento. Este methodo permite ao estabelecimento o caminhar com poucos recursos e dá aos jovens a facilidade de escolherem o estado que lhes apraz segundo as suas forças e disposições, de modo que entre cento e vinte discipulos vêdes trinta differentes officios. Aos vinte annos despedem-os, porque então se acham em estado de se tirarem de apuro; e o honroso comportamento que elles observam quasi todos no mundo, prova quanto influem semelhantes instituições na moral pública (1).

---

## 2 de fevereiro.

Festa da Candelaria. — Cirio bento. — Charidade romana para com a orphan. — Santa Catherina dos Cordoeiros. — Os quatro Santos coroados. — As mendigas. — A Zoccoletto. — Conservatorio da Virgem das Dores. — Conservatorios Borromeu, de Santa Euphemia e da Divina Providencia.

Desde o romper da aurora se ouvia a inter-

---

(1) Constanzi, p. 107.

vallos o canhão do castello do Santo Anjo; em todos os edificios publicos, assim como nos numerosos palacios particulares, tremulava a bandeira pontificia; brilhantes trens percorriam as ruas, as tropas sahiam de grande uniforme, e bem depressa o bello sol de Roma allumiu com todos os seus raios este movel quadro. Era hoje a Candelaria, epocha anniversaria da elevação de Gregorio XVI ao summo pontificado. Houve grande recepção no Vaticano e distribuição de esmollas a todos os pobres; a mesma religião veio consagrar com suas augustas pompas este dia tam charo a todos os catholicos; nossos coraçoes pulsavam em unisonancia com os dos Romanos, e partimos para S. Pedro. Na realidade o dia estava como se podia desejar; pois não se pôde imaginar que delicioso colorido derrama sobre a côrte pontificia essa luz do sol d'Italia, cujos raios tam vivos e puros fazem scintillar os ricos ornamentos dos cardeaes e prelados, bem como os dourados e os tapetes, ao mesmo passo que animam com nova vida as arrebatadoras pinturas do primeiro templo do mundo.

O nosso prazer era dobrado pelo pensamento de recebermos um cirio bento da propria mão do Santo Padre. Graças aos nossos bilhetes, fomos permittido tomar logar nas tribunas reservadas, onde se apertava grande numero de ricos uniformes de todas as naçoens. Defronte de nós estavam D. Miguel com a rainha viuva da Sardenha, e um pouco mais longe, o principe real da Prussia; pois em Roma os protestantes são avidos das nossas ceremonias. Muitos foram conosco heijar a cruz que brilha no sapato do Papa, o antechristo segundo elles, e segundo nós o ve-

neravel vigario de Jesus Christo ; receber o cirio da sua mão e dobrar o joelho diante da sua pessoa sagrada. Que de actos de idolatria ! E' mister que nossos irmãos separados gostem mui pouco do ensino dos seus ministros, para se permittirem estas demonstraçoens estranhas em semelhantes solemnidades. Em quanto a nós, foi com um sentimento profundo de reconhecimento e alegria que recebemos o cirio pontificio. Preciosa recordação de Roma e do Papa , nós te conservamos com cuidado. Possas tu sobre o nosso leito mortal brilhar entre nossas mãos desfallecidas, como o symbolo fiel de uma vida allumiada pela fé e coroada pela charidade !

Sahindo de S. Pedro , proseguimos a nossa visita de Roma charitativa. Já conheciamos os maternas cuidados de que cerca a cidade dos Pontifices o orphão. Abaixo do orphão ha um ente ainda mais fraco , mais nullo em certo modo , e por isso mesmo mais digno dos maternas cuidados da charidade : é a orphan. Quem dirá tudo o que Roma faz por ella ? Nenhuma cidade do mundo manifesta tanta previdente sollicitude e perseverante generosidade a favor dessas crianças a quem sua natural fraqueza expõe a mil perigos , e cuja obscura existencia e comtudo uma poderosa causa de salvação ou de ruina para os costumes publicos. Como o mineiro segue nas entraubas da terra o tortuoso fio da mina que explora ; nós quizemos tambem , apezar dos inevitaveis zigzags , seguir a charidade romana em toda esta parte do seu imperio. Alem dos grandes hospicios de S. Miguel e Santa Maria dos Anjos , grande numero de outros asylos estão abertos para a orphan : batemos a todas as portas.

Eis primeiramente *Santa Catherino dos Cordoeiros*. Dois santos que se encontram muitas vezes em Roma quando se tracta de obras de charidade, S. Philippe de Neri e Santo Ignacio, deram principio a esta casa. Compõe-se de religiosas Agostinhas, de orphans e de meninas nobres. Estas ultimas, confiadas ás religiosas para sua educação, pagam uma pensão alimentar. As orphans educadas gratuitamente são chamadas filhas do Instituto; para ser admittida, basta á menina ser pobre e orphan.

As filhas do Instituto e as pensionistas teem a mesma especie de vida, e o seu tractamento é melhor do que o dos outros conservatorios, porque n'elle se recebem principalmente meninas nascidas de familias pobres, mas distinctas. Se ellas casam, o seu dote é de 50 escudos romanos; se se fazem religiosas no mosteiro, teem o privilegio de nada accrescentarem ao dote que lhes da a mesma casa; se vão para ella de fora, devem levar um dote de 400 escudos: todas se occupam em diversas obras de mulher encomendadas pelo estabelecimento ou por estranhos. No primeiro caso, não são pagas; no segundo, todo o ganho lhes pertence. Os trabalhos mais fatigantes estão a cargo das irmans conversas; os outros são confiados ás mesmas meninas, a fim de habitual-as aos cuidados domesticos. Admira-se aqui o bello legado do cardeal de Santo Onuphro, que deixou ao conservatorio uma renda para o sustento de duas meninas nobres e em perigo de se perderem. Por um piedoso costume, as educandas recitam todos os dias os Psalmos da Penitencia pelos bemfeitores (1).

---

(1) Constanzi, p. 119.



Transpondo parte da cidade, chegamos ao monte Celio, onde nos esperava outro monumento da charidade romana a favor das orphans. Km 1560, o papa Paulo IV abriu este asylo; tem o nome dos *Quatro Santos Coroados* cujo glorioso triumpho recorda a collina. As filhas de Santo Agostinho dedicam-se alli á mesma obra que as irmans de Santa Catherina. As orphans que ellas educam gratuitamente são ordinariamente doze em numero. Debaixo da sua direcção, recebem as jovens uma educação solidamente christian, e occupam-se da confecção das roupas brancas de egreja, assim como dos cuidados da cozinha, da despensa e da enfermaria, para se prepararem para serem boas mulheres de casa. Teem a liberdade de se consagrarem a Deus na mesma casa, que se não recruta senão das suas proprias educandas. Quando ellas querem casar, a archiconfraria de *Santa Maria in Aquiro* lhes fornece um dote.

Estavamos ao pé do Coliseu, e em poucos instantes nos achamos no conservatorio das *Mendigas*. O anno do jubileu de 1650 viu nascer este novo refugio da innocencia. Sob a protecção da virtuosa duqueza de Latera, uma dama piedosa e dedicada se poz a reunir as pobres meninas que vagueavam abandonadas pela cidade, e a sustental-as por meio das esmollas, ainda mais abundantes em Roma durante os jubileus do que em qualquer outro tempo. O padre Caravita, jesuita de grande reputação, foi em auxilio da obra nascente e augmentou o conservatorio ate' ao numero de cem pessoas. Ao principio aquellas pobres meninas andavam pelas ruas a cantar canlicos espirituaes e a reunir esmollas: d'ahi, o no-

me de Mendigas que teem ainda. O novo conservatorio tornou-se celebre pela fabricação dos tecidos de lan; e conservou a sua reputação até às perturbações politicas do seculo passado. Hoje as orphans já não trabalham lan, porque dizem que a sua saude se deteriorava com isso. Comtudo, como o conservatorio continua a ter o privilegio de fornecer pannos ao governo, manda-os fabricar por sua conta e risco. A comunidade conta hoje noventa pessoas occupadas nos trabalhos do seu sexo e principalmente em obras de algodão.

O cardeal Prodatario é superior da casa. Admitte as orphans que julga dignas deste favor, e, segundo o costume romano, conservam-as até ao seu casamento ou à sua entrada em religião. O producto que as meninas tiram das suas occupaões pertence-lhes, com a obrigação de se provêrem de vestidos, excepto do de uniforme que lhes é dado pelo estabelecimento. Compõe-se d'um vestido de côr cinzenta, e de dois veus, um dos quaes cobre a cabeça, e outro cahe sobre os hombros (1).

Aos domingos e dias de festa, quando os differentes conservatorios com suas compridas fileiras de crianças, de trajo gracioso e modesto, se dirigem piedosamente em romaria às basilicas, Roma apresenta um espectáculo enternecedor. A charidade parece mostrar com um orgulho inteiramente maternal as suas numerosas filhas aos seus amigos e inimigos, e, apesar do seu desejo de criticar, o viajante só pôde applaudir. O conservatorio das Mendigas, estabelecido n'um bello

---

(1) Constanzi, p. 126.

palacio, passa pelo mais vasto de todos os de Roma. N'elle encontramos salas magnificas adornadas de ricas pinturas, e um grande jardim plantado de arvores, que offerere muito deleite.

Para perpetuar as victorias dos seus generaes, erigira Roma antiga templos, obeliscos, arcos de triumpho em todas as suas collinas; guiada por outro espirito, Roma christan collocou nos mesmos logares os monumentos das suas pacificas conquistas. O monte Esquilino nos chamava para mostrar-nos um destes sanctuarios, em que a religião e a charidade trabalham de combinação para a rehabilitação da natureza humana. Antes de subirmos a celebre collina, visitamos o conservatorio das *Sandalias* (Zoccoletto). Tal é o nome vulgar que proporcionou ás orphans de S. Clemente e S. Crescencio, a forma primitiva do seu calçado.

Sessenta pessoas habitam este conservatorio, que remonta a mais d'um seculo. O capellão do Santo Padre é o superior delle; recebem-se alli as orphans de 7 a 11 annos. A menina ao entrar deve ir munida de todos os objectos necessarios a uma mulher. A confraria da Anunciação e o capitulo do Vaticano concedem dotes áquellas que casam ou se fazem religiosas. As educandas fornecem-se a si mesmas de vestidos do producto das suas obras. Repartem entre si os trabalhos da costura, da lavagem, da compostura, da cozinha, etc. Durante o dia admittem-se nas officinas donzellas de fóra para ensinar-lhes a costura e as obras do seu sexo. Os edificios pareceram-nos muito bellos e conservados em muita limpeza.

Quando estiverdes no monte Esquilino, perto

das Philippinas, mostrar-vos-hão uma modesta casa chamada o *Conservatorio da Virgem das Dores*. Se perguntardes a sua historia, dir-vos-hão; Um dia, o principe Baldessaro Odelcaschi encontrou na rua duas meninas abandonadas que lhe pediram esmola a chorar. Penetrado de piedade ao triste aspecto dellas, resolveu arrebatá-las aos perigos a que aquellas desgraçadas estavam expostas na via publica, e as conduziu para o seu palacio onde as mandou alimentar e educar. Mais tarde, seu filho D. Carlos, que depois deixou a purpura para vestir o simples habito de jesuita, reuniu estas pobres meninas a outras que a charidade havia recolhido, e as poz n'uma casa no monte Esquilino. Em dia de S. Luis de 1816, estabeleceu a mestra e suas discipulas e pensou desde então em fazer um estabelecimento d'utilidade mais geral. Reflectindo, d'uma parte, que Roma, tam rica em mosteiros e conservatorios, offerece muy poucos logares onde, mediante uma tenue pensão, possam viver juntas algumas mulheres; considerando, d'outra parte, que, segundo uma regra muy prudente, os conservatorios só recebem crianças de menos de doze annos: quiz que o seu estabelecimento acolhesse, pela modica retribuição de quatro ou cinco escudos por mez, as donzellas de mais de doze annos, nem bastante pobres para obterem um logar gratuito nos conservatorios, nem bastante ricas para pagarem uma pensão mais avultada.

Este estabelecimento enchia pois uma lacuna; por isso em poucos annos se tornou florescente. Tem de mais a mais a vantagem de não conservar pessoas edosas: todas as educandas casam,

fazem-se religiosas ou voltam ás suas familias (1).

A dois passos d'alli, visitamos o conservatorio *Borromeu*. Aqui encontram-se quasi os mesmos usos, os mesmos trabalhos que nos outros asylos: o dote corôa aqui a educação e assegura o futuro da moça orphan. Subindo até Santa Maria-Maior, saudamos a divina Mãe sob cuja protecção estão postos a maior parte dos conservatorios de meninas, e chegamos á rua das Quatro Fontes. O refugio das *Trinitarias e de Santa Euphemia* nos recordou nomes mui caros aos catholicos. Leonardo Ceruso, que vimos recolher as crianças vagabundas, o cardeal Baronio e o cardeal vigario Rusticucci foram os fundadores e bemfeitores deste conservatorio, que contem cerca de quarenta discipulas. O zelo, a innocencia e a charidade habitam este asylo, cujos edificios demasiado exiguos talvez não devessem conter senão a metade desta gente.

Das Quatro Fontes, dirigimos a nossa excursão para a Propaganda, e d'alli, descendo a comprida rua do Babouino, chegamos ao conservatorio da *Divina Providencia*: na margem do Tibre chamada *Ripetta*, se ergue este novo asylo da fraqueza e da innocencia. Vastos edificios e recursos consideraveis permitem o receber cem pensionistas nascidas de familias pobres, mas honradas. Durante mais d'um seculo, o estabelecimento fabricou com grande exito luvas e outras obras de pellica. As manufacturas de Napoles lhe tem feito n'estes ultimos tempos uma concorrencia *insustentavel*. Hoje as educandas entregam-se a todas as obras do seu sexo, e o producto

do seu trabalho lhes pertence todo. Como nas *Zoccolante*, admittem-se a aprender algumas pobres meninas estranhas ao estabelecimento. A igreja serve d'oratorio domestico onde as meninas vão muitas vezes cumprir os seus deveres religiosos. Nos passeios, vedel-as, segundo o antigo costume da casa, divididas em bandos de cinco, vestidas d'um vestido preto, d'um chale, d'um chapéu e d'um veu da mesma cor: nunca sahem aos dias de festa. Um dote de 100 escudos lhes é dado em caso de casamento ou d'entrada no convento.

---

### 3 de Fevereiro.

Visita ao cardeal Mezzofanti. — Anecdotas. — Charidade romana para com a orphan (continuação). — Conservatorio Pio. — Santa Maria do Refugio. — Dotes. — Archiconfraria da Annunciação. — Capella papal na Minerva.

O dia começou por uma visita ao cardeal Mezzofanti.

Muitas vezes havia eu encontrado o illustre philologo na Propaganda, aonde elle ia passar a noite. Bom, affavel, modesto, misturava-se entre os discipulos, e fallava alternativamente o arabe, o turco, o armenio, o chinez e vinte outras linguas com uma facilidade que toca em prodigio. Quando entrei em sua casa, acheio-o estudando o *baixo-bretão*, e não duvido que elle possa em breve tempo emendar os habitantes de Vannes e de Plécadeuc: sua Eminencia me confirmou dois factos importantes. O primeiro, a uni-

*dade* fundamental de todas as linguas. Esta unidade reconhece-se principalmente nas partes do discurso que são as mesmas ou quasi as mesmas em todos os idiomas. O segundo, a *trindade* dos dialectos na lingua primitiva: trindade que corresponde ás tres raças da especie humana. Para o cardeal está demonstrado que só ha tres raças sahidas d'um tronco commum, como só ha tres linguas ou dialectos principaes d'uma lingua primitiva: a lingua e a raça japhetica; a lingua e a raça semetica; a lingua e a raça de Cham. Assim a unidade de especie humana e a trindade de raças, estabelecidas por todos os monumentos da historia, se acham tambem apoiadas pela auctoridade do philologo mais extraordinario que se tem conhecido.

O testemunho do cardeal é tanto mais respeitavel quanto a sua sciencia linguistica não se limita a um conhecimento superficial. Entre os idiomas que elle possui, não ha um só do qual não conheça os termos vulgares, os ritosens, os adagios e toda essa difficil nomenclatura que constitue a parte popular d'uma lingua. Um dia perguntava elle a um dos nossos amigos de que provincia de França era? — Da Borgonha. — Ah! Tendes dois vasconços borguinhoens; qual delles fallais? — Eu conheço o vasconço da Baixa Borgonha. — E o cardeal põe-se-lhe a fallar o baixo borguinhão com uma facilidade que teria causado inveja a todos os vinhateiros de Nuits ou de Beaune. Conhece-se tambem a anecdotica referida por lord Byron. O celebre poeta, que sabia varias linguas, julgava-se um phenix, e chegando a Bolonha onde ainda residia o abbade Mazzofanti, quiz vel-o, a fim de o experimentar. Ten-

lea-o nas linguas estrangeiras e finalmente no inglez citando-lhe as pragas que tem ouvido da bôcca dos barqueiros, dos mariolas, dos postilhoens, dos arrieiros, etc. Quando terminou: — Isso é tudo, lhe pergunta o modesto abbade? — A não ser que se inventem, não ha outras. — Estaes enganado, mylord; e revela-lhe mil *galanterias* desconhecidas ao rico dictionario de John Bull. De resto, eis de que forma conta o facto o proprio Byron: « Não me lembro d'um só dos literatos estrangeiros que eu tivesse desejado tornar a ver, excepto talvez Mezzofanti, que é um prodigio de linguagem, Briareu das partes do discurso, polyglotto ambulante, que devêra ter vivido no tempo da torre de Babel, como interprete universal; verdadeira maravilha, e ainda sem pretensão! Sondei-o em todas as linguas das quaes eu sabia unicamente uma praga ou esconjuro dos deuses contra postilhoens, selvagens, piratas, barqueiros, pilotos, gondoleiros, arrieiros, conductores de camellos, vetturioi, patroens de posta, cavallo de posta, casas de posta, todas as coisas de posta! e safa! elle confundiu-me no meu proprio idioma (1). »

Ao sahir, conheci ou antes lembrei-me de que estavamos em pleno carnaval. A praça do Povo estava coberta de carruagens entrando no Corso para atirar e receber *confetti*. Convem saber que o carnaval lança o povo romano na embriaguez da felicidade. Acreditar-se-hia que, para obter o meu baioco, um pobre me desejou, entre mil outras coisas, *um bom carnaval: padrone, buon carnovale?* Que vos parece isto?

---

(1) T. V. P. 446.



Em França, exprimir semelhante desejo a um padre conhecido por tal, como o eu era do meu Romano, não seria uma zombaria e quasi uma injuria? Pois em Roma não é assim: outros logares, outros costumes; direi mais tarde algumas palavras sobre tudo isto.

Seguindo o nosso itinerario, tinhamos feito o gyro de Roma. Partindo do hospital do Espirito Santo, achavamo'-nos outra vez diante deste primeiro asylo onde a charidade espera o homem que entra na vida. Alem do Vaticano, o Janiculo nos chamava para mostrar-nos as suas maravilhas. Passando perto de S. Pedro *in Montorio*, chegamos pela tarde ao *conservatorio Pio*. Dois Pontifices, S. Pio V e Pio VI, de immortal memoria, foram os pais e bemfeitores desta casa: podia ella tomar um nome mais glorioso?

Situado n'um logar encantador, teve o estabelecimento n'outro tempo merecida reputação pela sua fabrica de telas, toalhas e cobertas adamascadas; as perturbaçoens do seculo passado hão destruido esta industria. As orphãosinhas já não teem hoje mais que os trabalhos de agulha, obtidos em geral pelas proprias discipulas; cumpre ajuntar a isso a roupa branca e a lavagem da roupa do collegio da Propaganda. Conhecei-as pelo seu trajo composto d'um vestido côr de café, d'um manteu branco sobre os hombros, e d'um veu na cabeça. Como nos outros asylos, é-lhes permittido o verem seus parentes, mas nunca o irem jantar a casa delleis. O cardeal camarlengo é protector nato do instituto; d'elle dependem as admissões. Não se despede ninguem: porem a morte, o casamento e o claustro fazem muitas vezes vacuos. A priora e as mestras são escolhi-

das entre as antigas pensionistas; o que dá à casa o ar, o tom e o espirito d'uma verdadeira familia.

Na mesma collina está o conservatorio de *Santa Maria do Refugio*. Remonta a 1703, e deve a sua origem ao pio oratoriano Alexandre Bussi, o pai dos pobres e o amigo dos papas Clemente XI e Benedicto XIII. Estabelecido em bases mais amplas do que os outros asylos, recebe este conservatorio as donzellas de treze a vinte e seis annos, orphans e privadas de amparo. O costume geral de admittir as educandas mais moças é de certo mui louvavel; porem é tambem muito util que haja um logar como aquelle que visitamos n'esta occasião para salvar de todos os perigos as mulheres um pouco mais edosas. Contam-se n'elle cerca de cincoenta pensionistas educadas na piedade, no trabalho e no habito das occupaçoens domesticas. Ellas proprias compram o seu uniforme preto do salario dos seus trabalhos em roupa branca, bordado e ornamentos sagrados.

Estava o sol na sua declinação quando des-cemos do Janiculo. O dia tinha sido bom: tinhamos feito uma rica colheita, e uma troca continua de observaçoens occupou o longo espaço que tinhamos a percorrer até à rua dos *Mucelli*. Em todos os pontos da cidade tinhamos visto a charidade romana postada para tomar e esconder no seu seio maternal a menina abandonada e a innocente orphan. Intelligente na sua ternura, proporciona a educação á posição futura das suas pupillas; nada de luxo de instrucção, nada de delicadeza nos habitos, nada de affectação nos vestidos; a educação é á letra o tirocinio da vida.

Mas o que principalmente nos havia impressionado, fôra o cuidado de assegurar o porvir da joven orphan. Roma não faz as coisas a meias; ao passo que n'outras partes a adopção é só temporaria, é aqui perpetua. Se isso lhe convem, a joven pôde viver e morrer no asylo que acolheu a sua infancia. Se os seus gostos a chamam a outra parte, não lhe deixam transpor o lumiar do conservatorio senão no momento em que a sua sorte está segura, quer pelo casamento, quer pela profissão religiosa. Assim são prevenidos os terribes perigos preparados á donzella pobre, em todas as partes onde é desconhecido este sabio procedimento: com effeito que succede as mais das vezes entre nós? Pela idade de dezeseis a dezoito annos despede-se do hospicio a menica orphan ou abandonada. Só, sem arrimo, sem experiencia, entra como criada na primeira casa que lhe abre a porta. Em breve estará perdida; tornar-se-ha um escandalo publico, e tingirá talvez as mãos homicidas no sangue da innocencia ou entregará filhos a cargo da charidade publica, no entretanto que ella propria não vai povoar as prisoes ou morrer no hospicio. Deste modo, debaixo do ponto de vista moral e até debaixo do ponto de vista economico, é incontestavelmente preferivel a adopção perpetua.

Finalmente, o que é digno de toda a attenção dos economistas verdadeiramente dignos deste nome, é o dote tam generosamente concedido em todos os conservatorios á joven' noiva ou á futura religiosa. Ha n'isso, parece-me a mim, a um tempo um profundo conhecimento do coração humano, uma vontade bem decidida de assegurar o pleno bom exito da primeira educação e uma po-

derosa garantia para os bons costumes : é este o caracter proprio da charidade romana. Em parte nenhuma ella se mostra mais generosa do que na creação dos dotes para as donzellas pobres que querem casar-se ou entrar em religião. Pelo que seria impossivel fazer uma enumeração exacta de todos os dotes que se distribuem todos os annos nessa Roma tam maternal, tam previdente e com-tudo tam pouco conhecida. Alem daquelles que algumas familias ricas hão constituido, conviria contar os donativos matrimoniaes dos mosteiros, dos capitulos, das congregaçoes, das numerosas confrarias : basta dizer que quasi todas as obras de religião e de charidade teem que satisfazer legados pios feitos com este objecto. Até mesmo a loteria deve subministrar soccorros dotaes.

Em cada extracção de Roma, deve ella dar 500 dotes de 30 escudos a outras tantas jovens Romanas indigentes eujos nomes se acham ligados aos cinco numeros que sabem. As extracções que se fazem nas outras cidades são sujeitas à mesma obrigação. Alem disto, o senador de Roma distribue todos os mezes tres dotes a tres filhas dos membros da milicia urbana. Pio VII creou diversos para as filhas e netas dos infelizes naufragos perdidos nas costas do Adriatico. N'uma palavra, Roma distribue tódos os annos mil e duzentos dotes, e como o numero dos casamentos é de mil e quatrocentos, quasi todas as donzellas os podem aproveitar : 32,000 escudos são consagrados a esta obra (1).

O beneficio estende-se não só ás donzellas educadas nos conservatorios, senão tambem áquel-

---

(1) Morich., p. 20.

las que habitam no seio de sua familia. Aqui se manifesta com novo brilho o lado moral da doção. A celebre confraria da *Annunziacão*, que distribue todos os annos quatrocentos dotes, exige, para admittir a donzella a suas liberalidades, que ella seja pobre, de boa reputação, romana, nascida de casamento legitimo, e que não habite com pessoas suspeitas. As orphans são preferidas a todas as outras; e se são estrangeiras, consideram-as, pelo só facto do seu abandono, como romanas. A fim de obrigar os pais a velar effizantemente por suas filhas afastando-as de toda a profissão suspeita, a confraria exclue aquellas que vivem nas hospedarias, vão trabalhar nas vindimas, nos cortes de lenha, nas colheitas, as estalajadeiras, taverneiros, lavadeiras e negociantes de grãos. Desde a idade de quinze annos, aquellas que não estão em nenhum caso de exclusão podem depositar nas mãos da archiconfraria os seus attestados. Os visitantes, escolhidos entre os homens mais maduros e mais probos da sociedade, vão certificar-se na propria casa da pobreza e do comportamento dellas. Depois de tres annos de vigilancia e prova, obteem o seu dote. Esta especie de patronato, que se exerce durante os tres annos mais perigosos da vida sobre as donzellas que sollicitam dotes e que são muito numerosas na cidade, deve influir muito vantajosamente na moral publica.

No dia da *Annunziacão*, entrega-se o diploma dotal, e devo dizer que se é feliz em estar em Roma naquelle dia. Pela manhan, o Santo Padre dirige-se á egreja da *Minerya*; alli celebra capella papal, isto é, assiste, rodeado do sacro Collegio, á missa que é celebrada por um dos

cardeaes. A vasta igreja esta cheia de gente ; nos logares de honra estão todas as donzellas vestidas de branco. Depois da missa, o Santo Padre admittre ao osculo dos pés algumas destas felizes meninas. Ellas representam aquellas de suas companheiras que, como ellas, se destinam á vida religiosa. No mesmo dia, fazem todas juntas uma procissão solemne ; depois separam-se, umas para entrarem no mundo, e outras para se retirarem à sombra do claustro : muitas lagrimas correm dos olhos das meninas, dos pais e dos espectadores. Todavia, se ha separação, não ha isolamento. Estas duas jovens gerações, reunidas um instante no caminho da vida, continuarão a prestar-se mutuo apoio : uma orará sobre a montanha em tanto que a outra combaterá na planicie, até ao dia solemne em que reunidas de novo diante do Deus da eternidade, hão de receber a mesma corôa obtida em combates differentes.

---

#### 4 de Fevereiro.

Charidade romana para com os enfermos. — Hospital de S. Salvador, — de S. Thiago, — de S. Gallicano.

Nos dias precedentes haviamos seguido a charidade romana no limiar da vida. O que ella faz para salvar da morte a criança recém-nascida, ou proteger o orphão contra a cruel miseria, e a orphan contra a miseria e a seducção, é-nos conhecido. Proseguindo hoje no nosso itinerario, chegamos em breve a uma nova estação. Mal o homem entrou na sua peregrinação, a dor physica, a doença debaixo de todas as formas, o

espera e assalta, como o cruel abutre empolga a presa para despedaçal-a e fazel-a expirar inteiramente viva. A fim de subtrahil-o aos seus funestos ataques restituindo-lhe a saude, preparou-lhe Roma, dezenove hospitaes onde o esperam socorros de todas as especies. Dois são destinados especialmente aos doentes *medicaes*: o *Espirito Santo* para os homens, e *S. Salvador* para as mulheres. Aqui ainda se manifesta o caracter verdadeiramente catholico da charidade romana.

Sois subitamente assaltado pela febre tam commum na Italia pelo fim do verão; sois estrangeiro, sois pobre, mas não importa, apresentai-vos no hospital do *Espirito Santo*. Quem quer que sejaes, quaesquer que sejam a vossa idade, a vossa patria, a vossa condição, a vossa religião, a porta se abrija immediatamente ante vós.

Não se vos pedirá nem passaporte, nem attestado, nem profissão de fè, nem recommendação alguma; estais doente, e este titulo vos faz as vezes de tudo: a charidade vos recebe com os olhos fechados e os braços abertos. Ainda mais; se só vos julgais doente, sem terdes certeza disso, batei tambem; sereis acolhido com diligencia. Com receio de communicar-vos a molestia que talvez não tenhais, collocar-vos hão n'uma sala particular de observação. O medico vos visitará, assiduos cuidados se vos prodigalisarão, até que, tornando-se em certeza a duvida, devais entrar definitivamente no hospicio ou possais voltar com confiança aos vossos negocios.

Como haviamos ja' visitado o hospital do *Espirito Santo*, dirigimo'-nos directamente a *S. Salvador*. Atravessando pela vigesima vez o *Capitolio*, o *Foro* e o *Coliseu*, chegamos ao hospital,

sito não longe daquelles logares tam tristemente celebres pelas crueldades da antiga Roma. E', como dissemos, exclusivamente destinado a's mulheres: admittem-n'as n'elle, segundo o generoso costume da charidade romana, sem distincção de idade, condição, patria e religião, logo que são atacadas de doencas medicaes, agudas ou chronicas. O estabelecimento conta quatro grandes sallas, que podem receber juntas 578 doentes. Um exquisito asseio faz o adorno deste vasto hospital. Confesso que ficamos encantados de encontrarmos aqui esta qualidade supereminente e tam util dos nossos hospitaes francezes. Entre os meios empregados para obtel-a, notam-se os pequenos boracos feitos debaixo das camas, na parte inferior das paredes. Este meio, desusado, creio eu, em outra parte, é utilissimo para a salubridade e renovação do ar, assim como os canos murados no pavimento das sallas para afastar dellas qualquer causa de humidade.

Na grande salla, como em Genova, e em geral nos hospitaes d'Italia, numerosas inscripçoens recordam os nomes dos bemfeitores. Na primeira ordem, cumpre contar a piedosa princeza Thereza Doria Pamphili. O hospital de S. Salvador lhe deve o seu mais bello ornamento: as Irmans hospitaleiras. Formadas segundo o modelo das nossas Filhas de S. Vicente de Paulo, dedicam-se ao cuidado dos doentes; fazem os quatro votos simplices de pobreza, castidade, obediencia e hospitalidade: o nosso Santo Padre Gregorio XVI confirmou o seu instituto. Alem dos maternacs cuidados das religiosas, os doentes de S. Salvador recebem, como os do Espirito Santo e dos outros hospitaes de Roma, os charidosos serviços



das associações pias Nos dias marcados, as nobres mulheres que fazem parte dellas vão pagar o seu tributo de zelo e affectuosa dedicação. Sete sacerdotes habitam o estabelecimento: um, como prior, está encarregado da disciplina; os outros assistem aos moribundos. O zelo conduz muitas vezes em seu auxilio outros obreiros evangelicos do clero secular e regular, que vão proporcionar nos enfermos a abundancia das consolações espirituaes: um grande exemplo os alenta. Lêmos com felicidade, na *Salla Nova*, uma inscripção que bem merece ser conservada. Recorda que o Papa Clemente XI, tendo ido visitar o hospital, encontrou um doente nas agonias e não o deixou mais, prodigalizando-lhe os cuidados e as exhortações religiosas, até que o sentiu expirar-lhe nos braços. Como no Espirito Santo, uma piedosa confraria acompanha charidosamente com suas orações os mortos que se transportam do hospital ao *campo santo*.

O Espirito Santo e S. Salvador, taes são os dois asylos preparados aos doentes ordinarios. Se o pobre filho de Adão é atarado d'uma doença que demanda operações dolorosas e um tractamento especial, a charidade lhe mostra o caminho de S. Thiago, de S. Gallicano e de Santa Maria da Consolação. Tomamos o mesmo caminho e fomos visitar estes novos theatros em que a charidade disputa à doença as suas numerosissimas victimas. A praça Trajana, a praça Colonna, o antigo bairro do Campo de Marte, foram rapidamente atravessados e chegamos não longe do mausoleu d'Augusto: aqui se acha o hospital de S. Thiago, destinado à alta cirurgia. Recebem-se n'elle os doentes d'ambos os sexos, sem distinc-

ção de religião nem de paiz, que teem chagas, úlceras, humores, syphilis, etc. Para ser admittido, basta ser pobre e atacado d'uma moléstia incuravel: S. Thiago pôde conter tresentas e setenta e seis camas.

Os cuidados medicaes são administrados por dois medicos e dois cirurgioens em chefe, dois substitutos, dois assistentes e quinze alumnos addidos ao hospital. Segundo o costume, n'outro tempo geral na Europa, todos estes homens da arte trazem um traje particular. O sobretudo vermelho, cor ordinaria dos cirurgioens, é para os estudantes; o branco para os medicos.

Para fazer accellar ao doente os remedios ás vezes bem amargos, para o consolar, para lhe mexer o leito de dor, e cercal-o de delicadas atenções, encontramos religiosas hospitaieras, ás quaes vão juntar-se muitas vezes as damas romanas da mais alta cathegoria. Uma commissão independente, composta d'um prelado, d'um ecclesiastico e d'um leigo, dirige o hospital: um prior vela pela disciplina: eis pelo que toca ao material. Quatro capellaens administram os soccorros espirituaes aos doentes, visitados alem disso por charidosos sacerdotes e pios leigos. Da sua parte, as damas que vão servir e consolar as mulheres enfermas, se esforçam por conduzi-las a uma vida christã: obteem muitas vezes feliz resultado. Terminemos o que diz respeito aos cuidados espirituaes, com estas tocantes palavras de um historiador: « Felizes, dizia elle, os pobres que acabam os seus dias em S. Thiago; abundantes oraçoens lhes estão seguras depois da morte (1). »

---

(1) Constanzi, t. I, p. 75.

A' testa dos seus bemfeitores , mostra-vos o hospital dois cardeaes e um papa cojos abençoados nomes viverão eternamente no coração dos pobres. Em 1338 , percebeu o cardeal Thiago Colonna que os doentes cobertos de ulceras e de chagas eram , por causa da fealdade e duração de seus males , enjeitados nos hospitaes. Tocado de piedade , mandou , no seu testamento, que lhes fosse aberto um asylo : elevou-se pois S. Thiago appellidado *in Augusta* , em razão da vizinhança do mausoleu d'Augusto. Digno emulo do illustre fundador , o cardeal Salviati , que viveu no XVII.º seculo , aformoseou o hospital e o dotou de consideraveis rendimentos. Finalmente , o excellente Pio VII lhe juntou a escola de clinica cirurgica para os homens e as mulheres. Se ajuntardes uma boa pharmacia , com laboratorio e jardim , uma bibliotheca para uso dos estudantes, um vasto amphitheatro , uma camara de operaçoens e de banhos , tereis uma idéa deste importante hospital (1).

Dando mais um passo no caminho da dor e da charidade , chegamos ao Transtevere para visitarmos o hospicio de S. Gallicano. Em quantos logares o pobre doente que não póde ser recebido em parte alguma , porque está atacado d'uma doença contagiosa ou que demanda um tractamento especial , se vê tristemente abandonado ! Em Roma não conhece elle esta dura condição ; eis um asylo creado mui de proposito para elle. S. Gallicano traz consigo duas recordaçoens que nós recolhemos com felicidade. Na idade media , um leproso francez tinha ido refugiar-se álem da Porta

---

(1) Morich. , p. 35.

*Angelica.* A curiosidade e a compaixão lhe atrahiam numerosas visitas. Reuniu esmollas suficientes para estabelecer elle proprio um pequeno hospital de leprosos, onde seus infelizes compa-  
nheiros podiam encontrar cuidados e um abrigo: o hospicio tomou o nome de *Lazaro*, o leproso do Evangelho. Comtudo tendo a lepra desappa-  
recido pouco a pouco, ao passo que a sarna e a tinha se tornavam mais communs, começaram a tractar alli estas molestias. O afastamento do hospital era um inconveniente; fizeram-o desap-  
parecer transportando os doentes para o Espirito Santo. Alli ficaram até 1724, em que o Papa Benedicto XIII lhes mandou edificar no Transtevere um hospicio especial, um dos mais bellos da Europa. Como todos os Pontifices romanos, Benedicto XIII, desejoso de conservar nobres recordaçoes, dedicou o hospital sob a invocação de S. Gallicano, personagem consular do IV.º seculo, que fôra o primeiro que abrija em Ostia um asylo para os viajantes e para os enfermos. Terminado o edificio, n'elle estabeleceram todas as molestias cutaneas.

Fomos recebidos por um dos capellaens que teve a bondade de nol-o fazer ver com a maior minuciosidade. S. Gallicano compõe-se de duas grandes salias situadas na mesma linha, uma para os homens, de tresentos e sessenta palmos de comprimento, outra para as mulheres, de duzentos e quarenta; são separadas por uma igreja quadrangular, um lado da qual tem uma porta para a rua; os outros tres são terminados por altares. Largas janellas bem rasgadas, uma de-  
frente da outra, allumiam e refrescam as salias; no exterior ha um balcão d'onde se podem fa-

cilmente abrir e fechar as janelas sem incommodar os doentes.

A sala dos homens póde conter cento e vinte camas ; a das mulheres oitenta e oito. Das salas conservadas com exquisito asseio , passamos ao bello amphitheatro com que Leão XII enriqueceu o estabelecimento. Preparaçoens anatomicas, seis tinhas de banhos de marmore , uma rica pharmacia com um laboratorio e uma camara d'operações, proporcionam aos medicos os recursos , e aos doentes todos os cuidados que podem reclamar.

Na sua previdente sollicitude , regulou Benedicto XIII as condiçoens d'admissão. Os doentes que teem ao mesmo tempo sarna ou tinha , ou lepra com febre , são admittidos immediatamente quaesquer que sejam os seus nomes , o seu paiz e a sua religião ; aquelles que teem doenças cutaneas sem febre , vão fazer-se curar todos os dias , se habitam em Roma ; se vão de fóra, são recebidos com uma ordem dos superiores : não se limita a isso a charidade romana. Observou-se que a tinha nasce principalmente da porcaria da cabeça , e se encontra commummente entre os filhos da classe pobre. Posto que nem sempre tenham febre , admittem-os todavia no hospicio até estarem curados : formam alli uma casa a parte. Todas as manhans assistem á missa com os outros doentes ; curam-se depois os seus males e se conduzem à escola. Teem um refeitório geral , e para dormitorio a magnifica sala de Benedicto XIV. Durante o dia, podem passear pelos patios interiores , e até sahir todos juntos. As raparigas vivem da mesma forma no seu quarteirão. Um conselho de tres membros governa o hospital ; um prior ecclesiastico dirige a parte dos

homens; as mulheres' estão confiadas a Irmãs hospitaleiras que teem o seu noviciado na casa. Dois capellaens e dois confessores estão encarregados dos cuidados espirituaes: quanto aos do corpo, tendes um medico em chefe, um assistente interino, um cirurgião que faz os cursos d'anatomia e dois substitutos.

---

### 5 de Fevereiro.

Charidade romana para com os doentes que teem precisão de promptos soccorros. — Hospicio de Santa Maria da Consolação, — dos *Benfrutelli*, — para os doentes chronicos; — para os que só teem precisão de remedios ou cuidados domesticos, as visitas e esmolaria apostolicas.

Cada povo tem seus defeitos particulares, e o Romano como os outros. O deploravel habito de se bater á faca parece natural ao povo italiano, como ás outras naçoens meridionaes. Vi um Francez e um Romano disputarem por causa d'algumas peças de moeda. Na sua impacienciã, o nosso compatriota dizia: « Eu te pagarei com pauladas. » O Romano, pallido de colera, lhe respondeu friamente: « E eu com a faca: *Ed io con coltello.* » Os *gaiatos*, na rua, recorrem a esta arma, a proposito de tudo e a proposito de nada. Prevenir por' todos os meios semelhantes excessos, e, se os não póde impedir, curar os seus tristes resultados; tal é o dever d'um bom governo: assim o entende Roma. Diremos mais tarde o que ella faz para destruir o abuso que

indicamos; a ordem das nossas excursões exige que fallemos hoje do remedio que lhe prepara.

Quando desceis ao Velabro, mostram-vos, não longe da Rocha Tarpeia, um hospital em que brilha a ordem, o asseio e a elegancia. Se perguntardes o seu nome, responder-se-vos-ha: *E' o hospital de Santa Maria da Consolação*; e abençoareis o genio catholico unico capaz de dar aos asylos da dor nomes tam graciosos e doces. Todavia a augusta Virgem não faz esquecer a heroína que outr'ora consagrou estes logares pelo exercicio da mais admiravel charidade: « Era aqui, dir-vos-ha o homem do povo, que uma nobre matrona, filha de Symmaco, patricio e senador romano, costumava dar de comer a doze pobres: chama-se Santa Galla. Serva dos pobres, consagrou a sua fortuna a seus amos: a sua casa foi a casa delles; concertada, augmentada pelos pontifices, tornou-se com o tempo o hospital que vêdes. »

E' destinado ao tractamento das feridas, fracturas, contusões e de todos os males que exigem os promptos soccorros da cirurgia. Dividido em duas sallass parallelas, largas, asseadas e perfeitamente arejadas, uma para os homens e outra para as mulheres, póde conter cento e cincoenta e seis camas. Raras vezes estão todas occupadas, se não é talvez no carnaval e em outubro, quando o povo se entrega sem comedimento ás suas alegrias sempre loucas e demasiadas vezes sanguinolentas. Todos os dias se apresentam feridos, que se tractam gratuitamente; depois do que os mandam para suas casas ou então lhes dão uma cama, se é necessario. Dez homens da arte, tanto cirurgioens como medicos

e estudantes, habitam no hospital, a fim de que a applicação dos remedios não soffra demora alguma.

Mas, segundo o seu louvavel costume, a charidade romana occupa-se principalmente da saude da alma; e quantas armas homicidas ella faz cahir das mãos dos infelizes que talvez não esperassem senão a cura de suas feridas para saciarem a sua vingança! Lá estão tres sacerdotes, dia e noite, para assistir aos doentes; depois, vêdes chegarem piedosas confrarias que os vão visitar, instruir e alegrar com algumas affabilidades. Feriu a morte uma victima? Uns bons irmãos entrarão ao cahir da noite na capella funebre, amortalharão o cadaver e o levarão orando á sua derradeira morada (1).

Pequena distancia nos separava da ilha do Tibre; chamava-nos lá uma nova obra não menos bella do que as precedentes: é o hospital servido pelos irmãos de S. João de Deus, conhecidos vulgarmente pelo nome dos *Benfratelli*. Fundado em 1581, compõe-se este estabelecimento de duas sallas elevadas, bem claras e bem arejadas, que podem conter juntas setenta e quatro camas. Tractam-se alli os homens só, atacados de moléstias agudas e medicas. É para lá que são transportados os pobres sacerdotes que não podem receber em domicilio os necessarios soccorros. Exceptuando o medico em chefe, que faz a visita do hospital duas vezes por dia, todos os enfermeiros são religiosos que, alternativamente, vélam os doentes e lhes assistem com extrema charidade. O proprio superior procura com sol-

---

(1) Constanzi, t. I, p. 73.



licitude os mais baixos serviços e da' o exemplo a todos. Por uma perfeição, desconhecida ainda mesmo das nossas ordens francezas alia's tam dedicadas, estes religiosos, alem dos votos solemnes de castidade, pobreza e obediencia, fazem o de tractar os doentes. Quasi todos são leigos; só alguns recebem o sacerdocio, a fim de se applicarem a' cura das almas. Irmãos dos pobres doentes, partilham o seu alimento: a mesma cozinha serve para uns e outros. Para que os doentes bebam a agua mais pura, vão todos os dias buscar a da fonte Trevi, chamada virginal, e já reconhecida como a melhor no tempo dos Romanos. Não devo olvidar que a França conserva, no hospital dos Benfratelli, duas camas para pobres Francezes: a despeza é de um franco e treze centimos por dia.

Se a dor, veloz como o abutre, ataca o filho de Adão com a rapidez do raio, Roma não será apanhada desappercebida: Santa Maria da Consolação o prova. Se a doença, semelhante à serpente do deserto, envolve o homem com suas numerosas roscas, e não o conduz à morte senão depois de longos e cruéis apertos, Roma encontrará ainda os meios de arrancar-lhe ou ao menos de consolar as victimas. Posto que a maioria dos hospitaes recebam os doentes chronicos, comtudo a falta d'um logar especial para os tractar; fez nascer a feliz idéa de estabelecer em Roma Irmãos da Charidade. A ordem compõe-se de mulheres viúvas, cazadas ou donzellas, de condição honrada, e de mais de quarenta annos. As freguezias onde ellas estão estabelecidas obram em separado, porem em caso de necessidade, auxiliam-se umas ás outras com emprestimos re-

ciprocos de pessoas e de dinheiro. O parochó é o primeiro superior, e tem ó titulo de director; a priora é a primeira entre todas as religiosas. Logo que ha n'uma freguezia um doente chronico, por exemplo, um apoplectico ou qualquer outro, o parochó o adverte ás Irmans, que o vão visitar duas vezes por semana, dão-lhe meia libra de carne por dia, pagam o medico, os remedios e o cirurgião, ministram a cama e as roup'as necessarias, e finalmente não o deixam senão depois da morte ou da cura. Não se póde dizer com que ardente charidade estas boas Irmans assistem aos enfermos, servindo-os noite e dia, se é preciso. Que diriam os Fabios e os Scipioens, se, tornando a apparecer em Roma, vissem suas esposas e filhas feitas servas desses pobres que o orgulho delles apenas se dignava de olhar, e que demasiadas vezes a sua crueldade mandava morrer de fome na ilha do Tibre? Duvidariam da bondade, e por conseguinte da divindade da religião, que produziu similhante mudança nos costumes do universo?

Os recursos da sociedade compoem-se de contribuiçoens mensaes ou annuaes. Cada freguezia tem sua caixa especial; porem vai na occasião em auxilio das outras. Praza a Deus que os anjos da charidade se torcem assás numerosos, para se espalharem pelas cincoenta e quatro freguezias de Roma (1)!

Ha outra molestia muitas vezes chronica e demasiadas incuravel, cujo tractamento exige cuidados particulares: quero fallar da demencia.

De todas as capitaes, é Roma aquella onde

---

(1) Morich., p. 83.

a loucura faz menos victimas; indiquei a causa disso. Todavia, n'este ponto como nos outros ella se mostrou generosamente previdente, e nós quizemos ver a sua obra. Chegamos á *Longara*, entramos no hospital de *Santa Maria da Piedade, dos pobres doidos*. Eis ahi ainda um desses nomes que revela eloquentemente o maternal coração de Roma christã. O hospicio data de 1548, e não conheço cidade alguma na Europa que os haja tido antes desta epocha. O de Roma foi fundado por tres hespanhoes, Fernando Ruiz, Diego e Angelo Bruno. Parece, por conseguinte, que se póde dar a honra disso a S. João de Deus, tambem hespanhol, e cuja charidade para com os alienados attrahira logo a compaixão de seus compatriotas para esta classe de desgraçados. Como quer que seja, o cardeal Quera, hespanhol, foi o primeiro protector do hospicio de Roma, e S. Carlos Borromeu o magnifico bemfeitor. Os edificios compoem-se de dois patios quadrangulares, em volta dos quaes, nos andares superiores, estão os dormitorios, e ao rez da terra os refeitorios, a cozinha, os banhos e a capella.

Admittem-se gratuitamente os pobres de Roma; os que pertencem aos outros concelhos são alli sustentados por elles, mediante uma pensão annual de cem escudos. O alimento é muito bom e o tractamento muito suave: a camisa e os leitos de força são os unicos meios oppostos á violencia dos furiosos. Santa Maria da Piedade conta cerca de 370 alienados; como no resto da Europa, as mulheres são alli em proporção inferior a' dos homens. Esta observação, junta a muitas outras, estabelece que o excesso das paixoes, as ambições enganadas e principalmente o enfraqueci-

mento da fé, são as causas principaes do augmento geral da loucura. De cem casos de demencia, oitenta são devidos ao desregramento das paixões. *Quanto menos fé ha n'um povo, mais doidos ha*; tal è a formula que resume todas as investigações da sciencia: aviso aos governos, a's familias e aos individuos.

Temos visto o que a charidade faz pelo doente admittido nos hospitaes. Mas quantos desgraçados ha para quem o afastamento de sua familia, a ausencia de sua habitação, por miseravel que seja, se torna um tormento insupportavel! quantos outros ha tambem que, rodeados de attentos cuidados, não teem precisão senão de medicamentos! Boa e terna como uma mãe, respeita Roma as affeições do pobre; os remedios necessarios lhe serão enviados a sua casa, e terá a consolação de sarar ou morrer no meio dos seus. Esta delicada attenção, da charidade romana, personifica-se no excellente pontifice Innocencio XII. Foi elle que primeiro deu á Escolaria apostolica a sua existencia actual. Admiravel instituição! que estende os seus beneficios sobre a cidade inteira, dividida em onze secções chamadas *visitas*.

Cada visita abrange duas, tres, quatro ou cinco freguezias. Onze ecclesiasticos, veneraveis por suas virtudes e por sua charidade, presidem ás visitas e se chamam *visitadores*. Cada uma dellas tem seu medico e seu cirurgião; alem disso, um medico-inspector vai muitas vezes verificar os actos de seus collegas e a qualidade dos remedios. Tres cirurgioens lithotomistas e dez pharmaceuticos completam o pessoal e as dependencias da obra. Quando um doente reclama os

cuidados da Esmolaria, faz prevenir o seu parochio, que envia um bilhete de aviso à pharmacia. O medico passa alli todas as manhans; encontra o bilhete com o endereço do doente, e vai-o visitar. Se a doença tem um caracter tam grave que não pôde ser tractada em domicilio, ou se o enfermo carece da gente necessaria, levam-o, à custa da Esmolaria, para um hospicio. Ordinariamente tractam-se assim, em suas casas, as pessoas que pertencem a familias distinctas, mas pobres, que corariam de serem confundidas com o povo, na salla publica d'um hospital; é um novo rasgo de delicadeza da charidade romana. O seguinte prova a sua generosidade: alguns castellos e villas dos arredores de Roma tem seus hospitaes particulares; se, nos logares onde elles faltam, bem como os soccorros necessarios, se encontra um doente, a Esmolaria o faz transportar para os hospicios de Rôma: a Dataria apostolica consagra, a esta boa obra, coisa de sete mil escudos por anno.

---

### 6 de Fevereiro.

Charidade romana para com o convalescente, — para com o pobre curado. — Trabalhos publicos. — Soccorros particulares. — Esmolaria apostolica.

Durante os tres primeiros seculos, podia-se seguir a religião christan pelo rasto do seu sangue e distinguil-a assim das seitas estranhas. Hoje pôde-se reconhecê-la ainda pelo caracter incommunicavel de suas obras.

Havia oito dias que a seguíamos na grande Roma, pelo rasto dos seus beneficios, e a nossa excursão não estava terminada. Os maternas cuidados, de que a charidade cerca o homem no berço e no seu leito de dor, eram-nos conhecidos; porem se o pobre doente recupera a saude, será lançado á rua e abandonado a si mesmo logo que as suas forças, imperfeitamente restabelecidas, lhe permittirem regressar á sua habitação? E' assim que succede na maioria das naçoens civilisadas; Roma porem observa outro procedimento. E' verdade que o doente esta em convalescência; mas ainda está fraco, e ainda não pôde ganhar o pão de cada dia e um trabalho demasiado prompto pôde produzir terriveis recahidas: o tempo, um alimento sadio e abundante, um ar puro, sómente lhe podem tornar o seu primitivo vigor.

« E eis, diz M. de Tournon, que a charidade romana que, com mão tam liberal, cria estabelecimentos em que os doentes encontram socorros, completa a sua obra com uma fundação que devem invejar todas as nossas grandes cidades. Nas margens do Tibre ergue-se um vasto e bello edificio destinado aos convalescentes, isto é àquelles que, nos hospitaes, chegaram ao momento em que são inuteis os remedios, e para os quaes um ar puro, um alimento sadio, a ausencia dos trabalhos e cuidados domesticos, são os unicos tractamentos. O convalescente, recebido na casa *della Santissima Trinità de' Pellegrini*, longe das funebres imagens que, nos hospitaes, lhe rodeavam o leito, abre o coração á esperanza e alegria, e pouco depois a sociedade o encontra

n'um estado de saude firme e prompto a ser-lhe util (1). »

Foi um santo que primeiro teve o pensamento deste estabelecimento. Tocado de compaixão, ao ver sahir dos hospitaes uns homens apenas restabelecidos da doença, extēnuados, languidos, privados ainda das forças necessarias ao trabalho, S. Philippe de Neri se poz a recolhel-os na casa que lhe deu generosamente a nobre dama Helena Orsini, nas Thermas d'Aggripina. Conservava-os até que houvessem recobrado as forças e fossem capazes de trabalho: isto passava-se em 1651. A liberalidade dos Summos Pontifices augmentou de tal modo a casa primitiva, que se tornou o magnifico hospicio dos peregrinos e dos convalescentes. Quando pois um doente deve ser despedido do hospital, eis que chega uma carroça que pára no limiar; o doente entra n'ella, e como um grande personagem conduzem o filho da charidade a uma soberba habitação. Todos os hospitaes de Roma teem uma carruagem semelhante, destinada ao mesmo uso. Estes doentes são recebidos com disvelo pelos confrades, e os conservam em tanto que não estão inteiramente restabelecidos. O seu alimento consiste, pela manhã, n'um caldo e onça e meia de pão; ao jantar, uma sopa, dez onças de pão, seis de carne, meio quartilho de vinho e fructa; à ceia, uma sopa, tres onças de carne, seis de pão, uma salada, e um quarteirão de vinho.

Um medico visita todos os dias o estabelecimento: se o convalescente experimenta recaída, transportam-o de novo ao hospital, ou então con-

---

(1) *Etudes statistiques*, t. II, p. 118.

servam-o no hospicio quando se não acha em estado de supportar a caminhada. O numero medio dos convalescentes é de coisa de setenta (1). Não farei aqui a descripção do hospital; reservo-a para o dia em que formos fazer a nossa visita aos peregrinos.

Eis pois o doente perfeitamente curado; pôde, com confiança, voltar á sua familia. Mas para viver, é-lhe necessario trabalho, e quem sabe se o encontrará? A charidade não quiz deixar-lhe esta cruel inquietação. Intelligente, quanto generosa, comprehende Roma, e talvez fosse a primeira, que a esmola mais util ao pobre valido, é a do trabalho. Desta maxima, tam chara aos modernos economistas, vêde que magnifica applicação na cidade dos Pontifices! Em materia de trabalhos publicos, rivalisa Roma christan com as capitaes da Europa, ou antes excede-as a todas. Os papas teem comprehendido obras seculares, não só para espalharem sobre a sua cidade a gloria e o esplendor; mas tambem para offerecerem aos pobres desoccupados um meio de provelto e allivio. Tal foi, em particular, o objecto de Sixto V, Innocencio XII, Pio VI e Pio VII, em suas immortaes emprezas. Posto que pobre, Gregorio XVI consagra a este objecto uma quantia annual de 33,293 escudos.

Os operarios são ordinariamente em numero de seiscentos; dão-lhes, por dia, doze baiocos e um pão. A fim de impedir o mau proceder ou a preguiça, despedem aquelle que falta tres vezes seguidas. A administração compõe-se de dois inspectores, oito olheiros, trinta e dois cabos,

---

(1) Morich., p. 80.



alguns apontadores e guardas, os quaes todos, excepto os inspectores, são tomados entre os proprios operarios.

Durante a nossa estada em Roma, estavam os pobres occupados nas excavaçoens do Foro; os velhos arrancavam as hervas da Via Sacra ou alimpavam os fossos do Palatino; outros estavam empregados na edificação de S. Paulo fora dos Muris, e uns sessenta pouco mais ou menos nas forjas de Tivoli. Cumpre notar que todos os trabalhos publicos de conservação, de desentulho e de construcçoens romanas, aproveitam á Europa inteira: todos os annos, milhares de sabios e artista vão estudar-os; e se alguma coisa admira, é que só um pequeno numero pensem em abençoar a mão, duas vezes benefica, que realiza estas uteis obras.

Apezar da sua boa vontade, pôde ser que o operario não possa pelo seu trabalho prover ás necessidades da sua familia. A charidade romana vai intão em seu auxilio, e resolve do modo mais liberal o formidavel problema das sociedades modernas: a abundancia d'uns suppre em justos limites a indigencia dos outros. Seria demasiado longo nomear por meudo todas as obras charitativa que teem por objecto os soccorros em domicilio. Só direi que á pessoa do Summo Pontífice está annexo um prelado encarregado de distribir as esmolas do pai commum. A instituição d'um esmoler secreto, *elemonisiere secreto*, do Papá remonta ao septimo seculo, sob o pontificado de Conon. O exemplo do Santo Padre foi imitado pelos reis e principes christãos; porem Roma tem a gloria da iniciativa. O esmoler apostolico habita o Vaticano, onde se acham a sua

secretaria, os seus archivos e as suas contas. Membro intimo da familia pontificia, acompanha sempre o Santo Padre, quer nas estaçoens solemnes da cidade, quer nas viagens fóra de Roma; porque é o canal forçado das suas innumeradas esmolas.

Quinhentos escudos por mez são distribuidos pelo esmoler em donativos manuaes, segundo a vontade do Papa, e as mais das vezes por um rescripto do mesmo Santo Padre. Não fallo aqui dos soccorros dados para a educação das criaças. Nos días mais prosperos, tambem concedia numerosas pensoens mensaes. Faziam-se estas pensoens, de preferencia, aos pobres envergonhidos, às instituçoens de charidade e aos mosteiros. A dois de fevereiro, dia anniversario da coroação de Gregorio XVI, vimos no grande patio do Beveder, no Vaticano, o sr. esmoler rodeado d'uma multidão de pobres: este espectaculo nos reordava S. Lourenço e a casa de Santa Cyriaca. Os homens estavam de um lado, e as mulheres do outro; cada pobre recebia meio paulo, o que se chama a esmola *del grosso*: no primeiro anno do pontificado dá-se um paulo inteiro por cabeça. Ha pouco, uma esmola, dicta *del lostone* ou dos tres paulos, era concedida nos dias de Pascha e de Natal: paternal attenção dos vigarios de Jesus Christo, que queriam fazer passar alegremente ao povo estes santos dias de festa! a diminuição dos rendimentos pontificios fez cessar o uso della. Ha outra que ainda subsiste, e que tem o mesmo principio. Tres vezes ao anno, na Paschoa, no Natal, e no dia da coroação do papa, o esmoler dá um paulo a todos os presos da cadeia *Innocenciana*, aos mancebos da casa de correcção,

às mulheres do Penitenciario de S. Miguel, e aos presos por dividas do Capitolio.

Citemos ainda um uso secular e bem tocante que a desgraça dos tempos fez supprimir, pelo menos em parte. A' imitação de Nosso Senhor que alimentara e servira á meza os seus doze Apostolos, os papas, desde S. Gregorio Magno, faziam todos os dias jantar doze pobres no seu palacio e os serviam por suas próprias mãos, quando não estavam impedidos: Leão XII deu muitas vezes este tocante exemplo. Hoje a meza está supprimida; mas dá-se todos os dias a doze pobres uma somma equivalente a fim de que possam repartil-a com suas familias (1).

---

### 7 de Fevereiro.

Anecdota. — Outras charidades para com o pobre: visitas em domicilio, — Commissão dos subsidios, — Emprestimo de dinheiro ao pobre, — Cuidado das suas pequenas economias, — Loteria, — Defeza de seus interesses temporaes. — Confraria de Santo Yvo.

Proseguindo na nossa visita de Roma charitativa, descemos ao Corso. Livros velhos estendidos diante da modesta loja d'um alfarrabista atrahiram um instante a nossa curiosidade: eu puz a mão n'um *Macrobio*. Que boa fortuna! e apressei-me a procurar as famosas palavras attribuidas ao imperador Augusto, ácerca da degolla-

---

(1) Constanzi, t. I, p. 21 e 27; Morich., p. 177.

ção dos Innocentes. Estas palavras são de grande importancia, pois comprovam, pelo testemunho da historia profana, um facto christão d'alto valor. Na pagina 159, pois, *livro segundo das Saturnaes*, li: « Augusto, tendo sabido que entre os meninos de menos de dois annos mortos na Syria por ordem de Herodes, rei dos Judeus, este principe tinha feito morrer seu proprio filho, exclamou: Vale mais ser o porco de Herodes que seu filho (1).» Isto é claro.

Em Roma, como nas outras partes, os pobres que estendem a mão na rua nem sempre são os mais dignos de lastima. Alem disso, dar uma peça de moeda raras vezes basta para alliviar o desgraçado; porque o homem não vive só de pão. Mas que o rico se abaixe para o pobre, entre no seu miseravel casebre, se identifique com a sua posição, e lhe deixe, com o pão material, boas e doces palavras que lhe animem a coragem, tal é a verdadeira esmola, a que caracteriza essencialmente a charidade catholica. Roma o comprehendeu, e a *Commissão dos subsidios* desempenha todos esses deveres com intelligencia e actividade. Estabelecida no tempo dos ultimos pontifices, compõe-se d'um cardeal presidente e de quinze membros nomeados pelo Santo Padre. As

---

(1) Cum audisset Augustus inter pueros quos in Syria Herodes rex Judæorum intra bimatam jussit interfici, filium quoque ejus occisum, ait: Melius est Herodis porcum esse quam filium. — Na sua *Historia familiæ sacræ*, pretende Landini que se tracta d'Antipatro, morto por seu pai em consequencia d'uma conjuração; mas as razoens deste auctor parecem-me faceis de refutar.

suas funcçoens duram sómente seis annos, porque se pensou que ao cabo deste tempo o seu zelo poderia afrouxár. A cidade està dividida em doze *regioens*; cada região subdivide-se em freguezias, e um numero correspondente de congregaçõens *regionarias* ou parochiaes reparte as esmolas: os membros destas ultimas permanecem tres annos no cargo.

A commissão reune-se uma vez por mez em casa do cardeal presidente; uma vez por mez tambem se reúnem as congregaçõens parochiaes nas quaes se discutem as petiçoens dos pobres da freguezia. Dois Deputados vão visital-os em suas casas, verificam as suas asserçoens, certificam-se das suas precisoens e propoem a natureza, a quantia e a duração do soccõro necessario; a commissão superior faz depois o abono pedido. Os visitantes occupam-se tambem com cuidado de investigar o estado moral dos pobres; informam-se do seu comportamento, das causas da sua miseria e dos meios de dar-lhe remedio. Os soccorros concedidos compoem-se ordinariamente de vestidos, de provisoens de camas, de roupa branca e de utensilios de differentes misteres. Todos estes objectos são fabricados no hospicio das *Thermas*, marcados com um signal particular, e não podem ser vendidos sob pena de dez dias de prisão. A charidosa commissão espalha annualmente 172,145 escudos, ministrados pela camara apostolica (1).

Ao ler estas particularidades, é muy difficil não reconhecer o typo essencial da nossa admiravel *Sociedade de S. Vicente de Paulo*. N'este

---

(1) *Morich.*, p. 181.

ponto como nos outros, tem pois ainda Roma a gloria da iniciativa.

Sem estar reduzido á mendicidade, tem muitas vezes o pobre operario precisão de dinheiro, quer seja para começar alguma pequena empresa, quer para comprar as materias que põe em obra, ou mesmo os utensilios que emprega. Ainda aqui, foi a charidade romana a primeira que se apresentou ao encontro desta necessidade: os Estados pontificios viram nascer os Montes de Piedade, cuja gloria pertence toda ao padre Barnabé de Terni. Era no principio do decimo quinto seculo; o bom religioso, prégando em Perugia, não podia conter as lagrimas ao ver os enormes juros extorquidos aos pobres pelos usurarios, e principalmente pelos Judeus (1). Não emprestavam a menos de 80 ou 70 por cento. O seu zelo não lhe deu descanso senão depois de haver induzido alguns ricos charidosos a formarem uma caixa de emprestimos para os necessitados, mediante um pequeno juro destinado ao pagamento dos empregados. A coisa sahio maravilhosamente, e esta caixa se chamou *Monte de Piedade*. Por isso, concerto unanime de benções da parte do pobre povo; explosão formidavel de injurias, de accusações, de reclamaçoens e de calumnias da parte dos agiotas. Felizmente que os pequenos e os fracos tinham então um apoio no papado. Os

---

(1) *Montes Pietatis... ut ad ipsa tanquam ad montem confidenter refugere possint indigentes, et ea in promptu sint ad mutuandum sub pignoris cautione ipsis indigentibus, et occurrendum usuris, quas pro sua indigentia usurariis præsertim Judæis solvere cogebantur. Ferraris, t. V.*

Summos Pontifices impozeram silencio aos detractores, approvaram a instituição, e fulminaram de censuras todo aquelle que fallasse mal della. No numero destes bemfeitores do povo, citemos, entre outros, Paulo II, Sixto IV, Innocencio VIII, Julio II e Leão X. Ao ler as sabias e paternaes prescripçoens destes Pontifices, não se póde duvidar de que não ha na historia pagina que dê mais honra á charidade romana (1).

Um Monte de Piedade não tardou em ser estabelecido em Roma, e os cardeaes, protectores da ordem dos Irmãos Menores, o foram tambem da sua obra. Entre estes príncipes da Igreja deve nomear-se, por gratidão, S. Carlos Borromeu que fez perseverantes esforços pela prosperidade da instituição.

Clemente VIII, vendo o numero crescente dos depositos, comprou, para recebê-los, tres grandes palacios, cuja reunião forma hoje o local do Monte de Piedade; visitamol-o com admiração. A capella, destinada aos exercicios religiosos da confraria, resplandece com marmores raros e preciosas esculpturas: todo o edificio está reparado de fresco. Soubemos que o Santo Padre, Gregorio XVI, acabava de dar ao Santo Monte uma prova de sympathia e de deixar-lhe uma recordação da sua generosidade para com os pobres, ordenando, a expensas suas, a restituição gratuita de muitos penhores. Nos tempos mais prosperos da obra, conservavam-se os penhores dezoito mezes gratuitamente, até á concorrência de 30 escudos. Desde as commoçoens politicas, o

---

(1) Vêde entre outros *Ferraris Bibliotheca*, etc., art. *Montes Pietatis*.

penhor d'um anno recebe-se e renova-se só gratuitamente, quando o emprestimo não excede 13 escudos.

Duas coisas distinguem o Monte de Piedade de Roma: a primeira è o estabelecimento d'uma salla particular em que se recebe unicamente o ouro, a prata e as joias de valor que exceda quatro escudos. A facilidade offerecida aos depositantes e a reserva de que se usa a seu respeito, especialmente n'esta *guarda*, aonde vão muitas vezes, levadas da necessidade, pessoas muito de bem, é um novo exemplo de delicadeza da charidade romana. A segunda, é o estabelecimento de *montes* supplementares, nos differentes bairros da cidade. São destinados, pelo proprio Monte de Piedade, a receber provisoriamente os penhores ate' ao valor de quatro escudos, a fim de que os pobres possam encontrar um soccorro instantaneo a toda a hora, e principalmente nos dias santos quando o estabelecimento principal està fechado.

Se o Monte de Piedade offerce ao pobre o meio de subtrahir-se aos estragos da usura, fornece-lhe, talvez com demasiada facilidade, fundos que elle pôde perder em devassidoens e em loucuras. Para compensar os vicios desta instituição, ou antes para a completar, estabeleceu-se em Roma uma caixa economica. Assim, o pobre, o artista, o honrado operario, encontram na previdente cidade o precioso recurso de obterem dinheiro para as suas necessidades, e o meio seguro de conservarem utilmente o fructo das suas economias.

Todavia, o povo e' sempre criança; apezar da activa sollicitude com que se vêla pelos seus interesses, a tentação do jogo pôde arrastal-o a




perdas ruinosas e compromettel-o a elle e á sua familia. Sabe-se que attractivo tem, sobretudo, a loteria para os pobres. Auctorizada em Roma por Innocencio XIII, foi a loteria abolida por Benedicto XIII; o seu successor, Benedicto XVI, vendo o seu povo, apaixonado por este jogo de azar, correr a todos os Estados limitrophes onde elle existia e remover deste modo os capitaes, tornou a toleral-a. Porem obrigou o fisco a dar aos ganhantes um accrescimo de 80 por 100, e a reverter sobre os pobres todos os lucros do jogo, feita deducção das despezas que elle produz. Dest'arte, a loteria de Roma espalha 30,000 escudos por anno, em esmolas manuaes; 15,000 em outras esmolas, e 3,500 escudos em dote a donzellas pobres, como dissemos mais atraz. Tal é a habil combinação em virtude da qual a loteria de Roma cura com uma mão as feridas que póde fazer com a outra. Conheceis meio mais engenhoso de tirar o bem d'um mal necessário?

Protegido contra as suas proprias paixoens, nada mais resta que pôr o pobre a coberto da injustiça d'outrem. Se o rico tem um processo, ou se defende a si mesmo, ou encontra facilmente advogados; porem o pequeno e o fraco, muito pouco illustrado para pleitear a sua causa, ou muito pobre para encontrar uma voz que queira prestar-lhe o seu apoio, vê-se exposto sem defeza a uma ruina completa: Roma veio em seu auxilio. No começo do XVI.º seculo, formou-se uma sociedade de gente togada, advogados ou prelados dos tribunaes e até mesmo da Rota. Reune-se todos os domingos na egreja de S. Carlos onde tem o seu oratorio particular. Depois de ter cumprido os seus exercicios pios, retira-se a

uma sala vizinha para examinar as causas civis em que os pobres se acham empenhados: reconhecido o direito, toma gratuitamente a sua defesa. A Archiconfraria de Santo Yvo não exceptua nenhum pobre do seu patronato, qualquer que seja a sua patria: nova prova de que a charidade romana aspirou sempre a ser catholica.

A Confraria compõe-se d'um cardeal protector, d'um prelado membro da magistratura de Roma, chamado prefeito, e de associados todos homens de lei. O pobre que reclama o seu apoio, dirige directamente a sua supplica ao cardeal protector, que a envia a algum dos legistas da sociedade. Este examina os attestados de indigencia e as allegações apresentadas como prova do seu direito pelo peticionario; depois quando estas duas condições de justiça e de miseria se acham reunidas, a confraria se encarrega da causa, e um dos irmãos apresenta a defesa. Ora, o pobre é eloquentemente sustentado; porque a confraria tem sempre visto entre os seus membros personagens celebres; hoje ainda tem orgulho de haver contado nas suas fileiras o illustre Benedicto XIV, quando não era mais que o advogado Lambertini. Da sua parte, os Soberanos Pontifices não tem cessado de animar esta associação eminentemente christã. Benedicto XIII lhe concedeu o privilegio de poder fazer decorar com a prelatura romana o homem de lei que lhe apraz escolher.



## **8 de Fevereiro.**

Carnaval. — Charidade romana para com o pobre sem abrigo. — Visita a Santa Galla e a S. Luís.

Era perto de meio dia quando sahimos para continuarmos o nosso itinerario ; mas o carnaval estava na rua , e força nos foi bater em retirada. Ora , os mais graves historiadores da antiguidade descreveram as alegrias do povo-rei , e nós devemos agradecer-lh'o ; porque os prazeres dos povos teem tambem a sua instrucção. Tal será a minha desculpa , se fallo do carnaval na moderna Roma.

Dignos herdeiros dos filhos de Romulo , os Romanos d'hoje são ainda doidos por espectaculos ; o carnaval particularmente parece andar-lhes com a cabeça à roda.

A esta festa burlesca , dão elles uma importancia perfeitamente cômica , e o seu enthusiasmo se traduz por um proverbio muito conhecido. Para indicar as grandes epochas do anno , dizem elles : *Il santo Natale , la Pasqua e il santissimo carnevale*. A' aproximação do carnaval a loteria não póde ser sufficiente para os pedidos de bilhetes ; o Monte de Piedade trasborda de objectos muitas vezes de primeira necessidade , que os pobres alli depositam em pehor do dinheiro de que teem precisão ; os cursos publicos estão fechados ; as lojas do Corso não vendem , e se transformam em tribunas e galerias para os espectadores : toda a cidade està de festa.

A abertura do carnaval é annunciada pelo grande sino do Capitolio que não toca senão por esta circumstancia e pela morte do Papa ! E' ao

meio dia exacto que elle se faz ouvir. Então o senador de Roma, de grande manto de seda bordado d'ouro, acompanhado de guardas e de pagens ricamente vestidos, desce a celebre collina, n'uma carruagem scintillante de espelhos e doirados: percorre o *Corso* d'uma extremidade á outra. A sua presença adverte o bom povo de que póde começar. Apenas a carruagem senatorial ha deixado a rua, quando um tiro de peça dá o signal da festa. N'um abrir e fechar d'olhos o *Corso* se enche de duas filas continuas de carruagens que circulam lentamente, e cujos dois movimentos de ida e volta formam uma cadeia movel da praça do Povo á praça de Veneza. Até aos ultimos andares, as janellas e saccadas, ricamente cobertas de estofas vermelhas, estão guarnecidas de espectadores que atiram á porfia *confetti* sobre as carruagens. Os *confetti* são especies de rebuçados de farinha, do tamanho d'um grão d'ervilha ou d'uma pequena avelan, e que se esmigalham ao cahirem. Chovem tambem flores e bocadoinhos de chocolate do mesmo tamanho que os *confetti*. Principes ou princezas, ninguem é poupado. Para se livrarem da saraivada de que são assaltados, os passeadores cobrem a cara com uma mascara de arame; porem nada lhes protege os vestidos, que estão, depois d'alguns minutos, brancos como os dos moleiros. Pela sua parte, as carruagens provêem-se de grandes cestos cheios de innocentes projectis, e respondem do melhor modo que podem.

Pelo meio dos vehiculos circulam, pulam, dançam, cantam, improvisam, myriadas de mascaras de todas as formas e de todas as côres. Nos dois passeios se aperta uma multidão com-

pacta, que devora com os olhos o comico spectaculo, que se apaixona, que freme, que rompe em bravos e em gargalhadas, e que parece ebria de alegria. Nós mesmos postos á varanda isolada d'um terceiro andar, não podemos reprimir a nossa hilaridade, á vista de certas scenas de completa extravagancia. A primeira destas singularidades, ou *excentricidades*, como diz certo orador politico, era um improvisador de trajo de trovador. Posto a modo de jockey atraz d'um carrinho descoberto, cantava os seus versos animando-se com um tambor vasconço. Os lazzi eram tam comicos, tam mordentes; que toda a multidão reunida em torno da carruagem ria a rebentar; o riso se communicava ás saccadas, e se tornava completamente homerico.

Appareceu depois um doutor em medicina, vestido como Sangrado, com a cabeça coberta de um chapéu preto, á Robinson, d'um metro d'altura; o corpo embrulhado n'um largo vestido preto apertado por um cinto, e com o nariz ornado d'um par de oculos, cada vidro dos quaes tinha a largura d'um prato. Ao lado do doutor caminhavam os seus ajudantes e os seus criados: Os primeiros, carregados do livro de magica, faziam dar logar a seu amo; os segundos levavam elevado em cima da cabeça certo instrumento que por suas dimensoens colossaes se parecia menos com os seus semelhantes do que com uma chaminé de barco a vapor. Gritarias e dichotes, alia's muito innocentes, assignalavam em todo o caminho a passagem do discipulo de Hippocrates. Manifestaçoes d'outra ordem recebiam um gracioso personagem, que ia em zig-zag, parando diante das mais largas varandas: era o que se chamava

\*

entre a multidão o jardineiro do papa. Armado d'uma serpente de pau que se estendia e enroscava a' vontade, esta mascara levava até aos segundos andares ramilhetes de violetas e de rosas da primavera. Em recompensa recebia no rosto alguns bons punhados de *confetti*: crueldade!

No meio destes actores ao ar livre, figuravam varios alumnos da Academia de França: representavam uma scena de salteadores. Eis que chega um mascara de proporções herculeas, de carabina ao hombro; conduz pelo freio um soberbo cavallo, em que se acha deitado ao travez e fortemente atado um nobre viajante, com a cabeça envolvida d'um panno ensanguentado.

Em roda do cavallo caminham oito salteadores armados de carabinas e punhaes. Atraz vão duas bestas de carga que levam os ricos despojos do viajante, que o bando infernal finge conduzir ao seu imperio, ao fundo do bosque. De vez em quando terreis visto a infeliz victima fazendo gestos de querer desembaraçar-se dos seus laços; depois todas as carabinas se dirigiam para ella, e todos os punhaes se levantavam contra o seu peito. Tal era a verdade desta scena, que, se os actores não fossem nossos compatriotas, tel-os-hiamos tomado por veteranos no officio

Em quanto ao mais, para ver o carnaval, e para com elle rir de todo o coração, não estava eu em má companhia. A' minha esquerda, estava um professor d'historia ecclesiastica, sacerdote muito respeitavel a todos os respeitos; á minha direita um bispo! sim, um bispo; mas que bispo! para fallar em estylo de Mr. Julio Janin, um bispo da Oceania, um apostolo. Em tanto que aquelle povo de grandes crianças folgava na rua,

nós fallávamos de missoens, de selvajens, de propagação da fé. A nossa conversação continuava havia muito tempo, quando se fez ouvir um tiro de peça: advertia às carruagens que estivessem promptas para sahir do *Corso*; e todos os vehiculos pararam. Alguns minutos depois, segundo tiro de peça deu o signal da sahida: n'um abrir e fechar d'olhos a rua ficou vazia: só os passeios ficaram atulhados de peoens. Dois piquetes de dragoens percorrem a gallope o *Corso* em toda a sua extensão, a fim de varrerem o espaço para a corrida dos cavallos.

Na praça do Povo teem sete cavallos selvajens (*barberi*). Estes animaes, perfeitamente adornados de litas, estão cobertos de folhas de papel e de rosetas de ferro, cujo toque e cuja picadella os espantam e excitam, de modo que antes voam do que correm. Em alguns minutos teem atravessado Roma, sem que se vejam jámais desviarem-se do seu caminho nem á direita nem á esquerda: o primeiro que chega ganha o premio. Terminada a corrida, um novo tiro de peça anuncia o fim dos divertimentos por aquelle dia. Todos voltam a suas casas; cahem todas as mascaras, e só póde conservar-se o disfarce. E védes todo aquelle povo, docil como uma criança, submetter-se exactamente a esta sabia prescripção: no dia seguinte a festa torna a começar e se passa como na vespera. Antes do signal, nem um mascara pelas ruas; depois das *Ave-Marias*, nem uma mascara nas caras. A'vista desta submissão, assim como da ordem e da decencia que reinavam na festa, não podemos deixar de dizer: Se fosse em Paris, em lugar d'alguns dragoens, seriam necessarios regimentos inteiros para conter

a multidão e prevenir a desordem : haveria provavelmente resistencias, rixas, sangue derramado ; aquí, nada de tudo isso : tam certo é que nós não sabemos divertir-nos !

No ultimo dia, á corrida dos cavallos succede o jogo dos *Moccoletti* : é o ramillete do carnaval. Os *moccoletti* são pequenas velas que cada qual tem na mão : contam-se myriadas dellas, se bem que desde a calçada da rua até aos ultimos andares, o *Corso* se ache illuminado como por encanto. Ora, é a ver quem apagará o *moccolo* do seu visinho. Tudo serve para isto ; ramos de flores ou punhados de *confetti*, o chapéu e o lenço de assoar. Este o sopra sem cerimonia para o nariz do portador ; aquelle trepa à trazeira das carruagens, e d'um só golpe apaga os *moccoli* de todos os que estão dentro ; em quanto elle préga esta peça, outro lhe paga na mesma moeda ; vêem-se alguns que, armados de compridas varas, vão fazer *razzia* ás varandas, e cada triumpho é sandado com estrondosas gargalhadas, e pelas palavras motejadoras dirigidas àquelle cuja tocha está apagada : *Senza moccolo, senza moccolo !* Ora, todo este povo agitando-se em sentidos diversos, estes gritos d'alegria, estes risos prolongados, estes milhares de tochas apagadas, depois tornadas a accender, depois de novo apagadas para ainda se tornarem a accender, formam de certo o espectáculo mais animado e curioso que imaginar-se pôde. De graciosa que é considerada n'um só ponto, esta scena se torna de repente magnifica, quando, estendendo ao longe os olhos, o espectador vê desenrolar-se diante de si essa immensa illuminação, cujos movimentos dão ao *Corso* os ares d'um rio de fogo



agitado pelas ondas. Pela meia hora da noite, um ultimo tiro de peça annuncia o fim, e todos os *moccoletti* se apagam. Tal é o carnaval de Roma, do qual não posso dizer nada, senão que e' perfeitamente bello e perfeitamente louco.

Todavia, ao lado frivolo destes divertimentos soube a religião juntar um caracter de gravidade que não se encontra senão em Roma. Assim as sextas feiras, os domingos e os dias santos que se encontram durante o carnaval são guardados, isto e', não ha nem mascaras, nem jogos, nem corridas.

Se por esta razão o carnaval não póde durar dez dias completos, o excedente do premio da corrida, que é, creio eu, de mil piastras, é dado em esmolas a pobres commuidades. O Santo Padre tambem faz o seu carnaval: todas as manhãs vem á cidade, mostra-se ao seu povo, e visita algumas casas religiosas, onde deixa benções e beneficios. Em certo dia, convida os cardeaes e algumas pessoas conhecidas para uma loteria tirada a favor dos pobres aos seus aposentos. Vê-se que Roma nada tem desprezado para tornar o menos prejudiciaes que é possível divertimentos cujo uso seria certamente perigoso querer abolir. Accrescentarei que de manhã, ao chegarmos a S. Pedro, tínhamos visto uma longa procissão que subia os degraus do vestibulo. Compunha-se d'uma corporação cujos membros, vestidos de longos *saccos* vermelhos, eram precedidos d'uma cruz de quinze pés d'altura e de uma grossura proporcionada. Esta cruz de cartão, côr de casca de pau, redonda, nodosa, parece-se completamente com duas arvores juntas á pressa para formar um instrumento de supplicio: não se

póde vel-a sem experimentar uma impressão de terror, tam propria é para commover os sentidos. Esta procissão vinha assistir á benção do Santissimo Sacramento e as Quarenta Horas, que teem logar para servir de contrapezo aos perigos do carnaval. Foi o Santo Padre em pessoa que veio expor o Santissimo Sacramento. Similhaate a Job que offerencia sacrificios ao Senhor depois dos innocentes festins em que seus filhos se tinham reunido, a fim de expiar as faltas de que n'elle houvessem podido tornar-se culpados; a Igreja, inquieta do procedimento de seus filhos durante estes dias de dissipação e prazer, offerece a Deus uma victima de expiação, e ordena oraçoens mais longas e mais solémpnes. Não sei, mas é isso, segundo me parece, uma bella harmonia.

Depois dos *moccoletti*, em vez de tomarmos outra vez o caminho da nossa hospedaria, dirigimo'-nos para dois asylos preparados pela charidade romana ao pobre sem abrigo. Quando ao cahir da noite percorreis certas ruas de Paris ou de Londres, vêdes desembocar de todas as partes um povo de homens, de mulheres, e de crianças cobertas de farrapos; depois repentinamente desaparecem em lojas subterraneas insalubres, em casebres immundos. Uma pouca de palha os espera; é alli que por alguns penis ou soldos dormem de involta, ate' que o dia chame de novo ás ruas esses rebanhos de seres degradados cujo só aspecto devêra fazer córar as duas Capitaes que se proclamam rainhas da civilisação. Que espectáculo tam differente apresenta Roma!

Chegados álem do Velabro, junto do portico d'Octavia, ouvimos o passo de grande numero de homens e de crianças que resoavam na calçada da

rua e da encruzilhada : eram pobres. Aonde iam ? Iam como nós ao hospicio de Santa Galla. Vou contar-vos a historia desta tocante creação. Pelo meado do decimo-septimo seculo , o charidoso sacerdote , Marco Antonio Odelcaschi , abriu em Santa Galla um refugio nocturno para todos os pobres sem asylo , especialmente no inverno. Via-se este santo homem , indo elle proprio procural-os pelas ruas e pelos bécos , fazel-os entrar na sua carroça e conduzil-os ao seu hospicio (1). Chegou a recolher até quinhentos ou seiscentos , dos quaes reparava os farrapos descosidos , concertava os sapatos , e aos quaes dava uma cama, lume e uma sopa que lhes offerencia por suas proprias mãos ; porem o seu principal fim era instruil-os nas coisas da fé. Innocencio X, D. Livio e D. Baldassaro Odelcaschi , todos membros da illustre familia tam conhecida em Roma pela sua generosa charidade , asseguraram a perpetuidade desta obra.

Hoje , os pobres encontram pois em Santa Galla um abrigo para o somno, e uma cama composta de bancos , taboas , um enxergão , lençoes e cobertores. No verão , recebem-os até ás oito horas da noite , e no inverno até às oito e meia. Contam-se 224 camas distribuidas em cinco dormitorios: tres são communs ; outro serve para as mplestias de pelle ; o quinto é destinado aos ecclesiasticos : este ultimo é de onze camas. O refugio está aberto em quanto o pobre tem precisão delle.

---

(1) Egli medesimo si andava cercando per le vie è per le piazze di Roma, è ritrovandone li conduceva in corarzza in quest'ospizio. — Const., 209.

Entramos com estes *membros soffredores do Salvador*, ou antes com nossos amos, segundo a evangelica expressão de S. João o Esmoler. Estavam lá varios ecclesiasticos que os recebiam com grande cordialidade. Fizeram-lhes tomar logar, depois começaram a partir-lhes o pão da charidade espiritual. Um dia, é o cathecismo; outro dia, o rosario; ao sabbado, um trecho d' historia relativo á Santa Virgem: confessam-os quando ha logar.

Estes differentes exercicios, acompanhados algumas vezes de cantos, se prolongam muito pela noite adiante. Todos os annos lhes dão um pequeno retiro religioso, e a 5 d'outubro, dia da festa de Santa Galla, tiram á sorte uma lista de doze pobres, aos quaes servem um bom jantar.

Esta maternal charidade que acolhe os homens em Santa Galla, encontramol-a em S. Luis, exercendo-se a respeito das mulheres. Este novo hospicio, visinho do primeiro, foi fundado no principio do seculo passado pelo veneravel padre Gallazi de Florença. Compõe-se de dois dormitorios, uma capella, uma salla de recreio e um jardim. Os rendimentos actuaes não permitem ter mais de trinta camas; porem o local conteria o dobro. As pobres mulheres, que pelas *Ave-Marias* da tarde se apresentam, são admittidas em quanto ha logar. Excluem-se somente as doentes, as mulheres gravidas, e as affectadas de doenças cutaneas, pois leem refugios especiaes. Pessoas charitativas as recebem e instruem. Depois da instrucção e oração, mandam-as para as suas camas compostas de enxergoens, lençoes e cobertores. Pela manhan, apenas se levantam, sahem e vão para os seus trabalhos. Uma vez

por mez ouvem todas missa e commungam no hospicio. Nesse dia lhes dão meio paulo por cabeça (25 cent.) em compensação do que teriam podido ganhar durante esse tempo (1). A' vista de tantos cuidados, de tantos respeitos para com o pobre, outr'ora tam profundamente desprezado pela sociedade pagan, e hoje tam mal comprehendido nas nossas sociedades materialistas, os olhos do viajante se banham de doces lagrimas, e a sua memoria lhe recorda o oraculo do Propheta, do qual faz com felicidade applicação a esta Egreja romana, sua mãe e modelo dos povos: *« Foi a vós que foi confiado o pobre, e vós sereis o apoio do orphão. Se se experimenta um pezar, é em pensar que alem dos Alpes, no bello reino de França, não se encontra nada semelhante.*

---

### 9 de Fevereiro.

Quarta feira de Cinza. — Capella papal. — Charidade romana para com os velhos, — para com as viuvas. — Asylo Barberini para os moribundos. — Ministros dos enfermos, — para os mortos. — Archiconfraria da Morte, — do Suffragio. — A *Ave-Maria* dos mortos.

Haviamos adormecido no Carnaval, e despertamos na Quaresma. A' meia noite, os sinos da cidade santa se pozeram todos em movimento e annunciaram solememente a abertura da grande quarentena. Não sei que impressão produz esse immenso toque de sinos, a uma hora tam fóra

---

(1) Constanzi, p. 209; Morich., p. 134.

de costume. Graves e santos pensamentos vos assaltam, e ainda o homem mais considerado deve ter difficuldade em defender-se delles. Ao primeiro som dos sinos, bailes, espectaculos, seroens, tudo acaba; e acaba até á Paschoa, pelo menos os espectaculos e os bailes. O jejum catholico substitue as alegrias loucas e os pensamentos mundanos. O povo romano que havia tomado a serio o carnaval, toma tambem do mesmo modo a Quaresma. Na manha da quarta feira de Cinza, enche as egrejas, e recebe na frente o signal solemne da penitencia. Tudo é socego na cidade, ainda hontem tam ruidosa: Roma recobrou a sua physionomia de grave e casta matrona; dir-se-hia que o carnaval está passado ha um anno.

Nós proprio fomos buscar as cinzas à capella Sixtina: e foi-nos dado recebê-las da mão do Summo Pontifice. Se em todas as partes a lugubre cerimonia é magestosa, em nenhuma da terra o é tanto como em S. Pedro. O Sacro Collegio, os geraes d'ordem, os embaizadores, os prelados romanos, os bispos estrangeiros, velhos de cabellos brancos ou mancebos, a flor das naçoens, guardam o recinto reservado da magnifica capella: o Santo Padre estava no seu throno. De repente desce delle, e deixa-vos que penseis que sentimento deve ter de si mesmo o viajante obscuro, quando vê o cardeal, penitenciario-mór, caminhar ao encontro do vigario de Jesus Christo e dizer-lhe, lançando cinzas sobre a cabeça mais angusta do universo: *Lembra-te, homem, que és pó, e que ao pó voltarás* (1)! Confesso que de-

---

(1) Comtudo, em signal da sua dignidade

pois de semelhante exemplo, custa pouco a humilhar-se a gente. Assim que apenas o Summo Pontifice tornou a subir ao seu throno, toda a assemblea foi com profundo recolhimento prostrar-se aos seus pés, e receber da sua mão sagrada o signal da penitencia.

Ao sahirmos da cerimonia, um dos nossos amigos de Roma teve a bondade de dirigir a nossa excursão para os hospicios que nos restavam por visitar.

Quando iamnos andando, cahiu a conversação sobre o respeito á auctoridade, respeito eminentemente social, do qual acabavamos de ter um exemplo na maneira por que o Santo Padre recebe as cinzas. « Estas salutarez tradiçoens, ajuntou o nosso guia, conservam-se ainda nas nossas familias; em geral a auctoridade paterna é muito respeitada. Entre os pais e ãs filhos não reina aquella familiaridade, visinha da egualdade; nada de tractar por tu os filhos aos pais, nem os pais às mães; o filho não abraça seu pai nem pela manhan nem á noite: contenta-se com beijar-lhe a mão. » Assim que, quando os Romanos vêem o modo como os nossos Francezes se hão com seus filhos, dizem todos admirados: *E' un dar troppo confidenza ai figli.* Não terão razão?

Entretanto chegavamos ao alvo da nossa viagem. Antes de tocar a sua ultima hora, quando as suas forças, exhaustas pela idade, já lhe não permittem bastar a si mesmo, encontra o pobre, graças á charidade romana, um abrigo para a velhice; assim como encontrou um berço para a

---

suprema, o Santo Padre não se põe de joelhos para receber as Cinzas, e permanece em pé.

infancia, um soccorro para as suas miserias e remédios para as suas doenças. Temol-o visto em S. Miguel, em Santa Maria dos Anjos, passando tranquillamente os seus velhos dias, cercado de todos os cuidados do corpo e da alma; parece que n'esta longa cadêa de beneficios, não falta um só anel. Comtudo os olhos maternas de Roma entrevêem uma solução de continuidade, uma necessidade a que não sei que os outros paizes prestem attenção. Multissimas vezes mulheres do povo, esposas laboriosas de honrados artistas, ficam viúvas antes de tempo. Auxiliadas por seus maridos, proviam às suas necessidades; sós não o podem fazer: se permanecem no meio do mundo, quantos perigos as esperam? Mas como arrancal-as a elles? demasiado moças ainda, não podem ser collocadas nos hospícios dos velhos. Que meio ha de preservar a sua virtude e assegurar a sua existencia? Este grave problema, tam interessante para os costumes publicos, resolve-o Roma. No seu seio existem piedosas casas que recolhem gratuitamente as pobres viúvas, e lhes proporcionam um asylo, sem comtudo lhes darem o sustento, nem o vestido. Vivem alli em communidade, com a liberdade de sahirem, de trabalharem como lhes apraz e de se occuparem como quizerem. Visitamos primeiro a casa desta especie, fundada pelo charidoso medico José Ghistieri, em Torre-del-Grillo; serve de habitação a seis pobres viúvas. D'alli, dirigindo-nos para o foro de Trajano, vimos o asylo aberto pelos principes Ruspoli, no qual cada viúva occupa um quarto separado. Veio depois o *Boschetto*, que serve de morada a dez pobres viúvas; depois o asylo parochial de S. Lourenço *in Lucina*, cujo



excellente cura nos fez o mais gracioso acolhimento ; finalmente o Refugio dos principes Barberini, em *Santa Maria in via* : é o melhor de Roma, pois cada viuva tem para si só dois quartos e uma cozinha (1).

Por fim annuncia-se a grande catastrophe : precedida da doença, a morte tam cruel para todos, tam penosa para o pobre, vem procurar as suas victimas. Mas em Roma a charidade a precede ; está assentada junto do leito de dor. Seu filho morrerá, que assim é necessario ; mas morrerá nos braços de sua mãe, rodeado das suas caricias e dos seus cuidados. Não fallarei aqui dos cuidados materiaes ; graças ao christianismo, são geralmente os mesmos em todas as naçoens civilisadas. Quanto aos cuidados espirituaes, decisivos, nesses momentos supremos, como dizer a terna sollicitude com que Roma os prodigaliza ? Para não ser extenso, omitto as piedosas confrarias dos agonizantes, as que frequentam os hospitaes, e as obras particulares, que teem por objecto obter para os doentes a graça d'uma santa morte : limito-me a mencionar a instituição de S. Camillo de Lellis.

Difficilmente podeis descer a um bairro de Roma sem encontrardes um religioso de presença grave e modesta. Sobrè a sua sutana preta, coberta d'uma capa da mesma côr, se desenham duas grandes cruces vermelhas ; estão postas uma sobre o coração, e outra sobre o hombro. Este religioso, venerado de todos, é um filho de S. Camillo de Lellis, aliàs um *ministro dos enfermos*. A todas as horas da noite e do dia, elle e seus

---

(1) Constanzi, 130 ; Morich. 157.

confrades estão ás ordens dos doentes. A charidade os prende ao leito delles ; e todos os tratamentos corporaes e os soccorros espirituaes que o zelo e a dedicação podem inspirar, elles os prodigalizam aos doentes, ricos ou pobres, estrangeiros ou nacionaes.

Não importa que a molestia seja contagiosa ; soldados intrepididos, affrontarão o perigo e nunca abandonarão o posto de honra que lhes está confiado. Por um desses rasgos bastante communs na idade media, porem muito raros hoje, os ministros dos enfermos ajuntam aos votos ordinarios o de nunca abandonarem os pestiferos. Terei occasião de fallar mais tarde da sua casa e do seu santo fundador.

Finalmente morre o pobre ; porem não é abandonado. Eis que chegam não sei quantos piedosos confrades que entre si disputam a honra de lhe prestarem os ultimos deveres, de lhe lavarem, de lhe amortalharem o corpo, e de o levarem aos hombros ao *campo santo*. Porem elle morre nos campos, no meio dessa Campina romana tam temivel, tanto pela sua solidão como pelo *mal aria* que n'ella se respira : não receeis ; como Tobias em Ninive, a charidade arrostará todos os perigos. Convem saber que na epocha das colheitas, numerosos operarios descem da Sabina e vão offerecer os seus braços aos proprietarios das partes cultivadas da Campina romana : logo que se desenvolve o calor, grandes males os opprimem.

« Os seus pulmoens, habituados ao ar subtil das montanhas, não estão á vontade na pesada atmosphaera da planicie. O seu corpo, ao qual o sol abriu os póros, se constipa repentinamente

pelo contacto immediato d'um fresco orvalho ou da terra que lhes serve de leito. A febre ataca todos os dias alguns, que o *Caporale*, quasi tam digno de lastima como elles, transporta á sua tenda, pondo-lhes ao lado uma pouca d'agua acidulada. A' noite todas as victimas do dia são conduzidas n'uma carreta ao hospital mais visinho, distante ás vezes dez a doze leguas. A nobre e piedosa familia Doria Pamphili deu o bom, mas unico exemplo de estabelecer, em cada uma das suas quintas, um vehiculo commodo para preencher este charidoso dever; mas muitissimas vezes chega-se ao logar onde se encontram os soccorros, quando elles se hão tornado inuteis. A's vezes, no paroxismo da febre, estes pobres homens se afastam do seu bando, e não é raro que a morte os fira longe dos seus amigos.

« Estes tristes acontecimentos são bastante frequentes, pelo que alguns homens piedosos formaram uma confraria que percorre as aldêas para recolher n'ellas e transportar os doentes ao hospital, e para sepultar os corpos daquelles que morrem ignorados. Assim n'essas campinas romanas d'onde outr'ora os palacios e os jardins haviam expulsado a charrua, o homem pôde morrer só, e o seu cadaver seria entregue às aves de rapina, se o Christianismo não houvesse enchido alguns coraçoes d'uma sublime charidade. Mas devo apressar-me a dizer que se não podem accusar inteiramente os homens destas desgraças, que resultam em grande parte da natureza das coisas que, necessitando d'immensa reunião de operarios em logares insalubres, mal providos de habitaçoens e collocados longe das cidades, torna difficillimo o prestar cuidados a oitocentos ou no-

vecentos segadores que empregam alguns rendeiros. Contudo está reconhecido que o mal pôde ser diminuído e a sorte desses operarios melhorada por algumas precauçoens que o governo pontificio e a administração franceza tem egualmente recommendado (1). »

Desejosos de conhecermos a piedosa confraria que, indo buscar longe pelas campinas doentes que alliviar ou mortos que sepultar, dá ao mundo tam magnifico exemplo de charidade, dirigimo'-nos á *Via Giulia*, onde está a sua igreja. Alli soubemos que a associação remonta ao anno de 1551. E' numerosissima e compõe-se de pessoas de condição honrada, e até muitas vezes elevada. Entre os seus membros mais zelosos esteve S. Carlos Borromeu, sobrinho do papa então reinante. O trajo consiste n'um comprido sacco de tela branca. Quando estavamos na igreja, acabava-se de saber a nova d'um accidente succedido na campina. Prevenidos immediatamente, alguns irmãos chegaram a toda a pressa; cobriram-se do seu sacco e pozeram-se a caminho. Obram assim por todos os tempos e em todas as estaçoens, e vão buscar o corpo até vinte e trinta milhas de Roma. Tem direito de o fazer enterrar no cemiterio que julgarem conveniente; termo medio, a confraria recolhe annualmente treze mortos na campina, na distancia de nove a dezeseite milhas.

No interior de Roma os confrades acompanham estes sequitos funebres, como o fazem tambem varias outras associaçoens.

---

(1) M. de Tournon, *Etud. stat. sur. Rome*, t. I, p. 285.

Revestidos do seu sacco sahem dois a dois, precedidos d'um estandarte comprido e estreito, com a face coberta d'um capuz com dois boracos que deixam ver os olhos; dirigem-se assim para a casa designada, levam o morto para a egreja, recitando psalmos e levando tochas na mão. As confrarias de Roma acompanham deste modo, á sua sepultura, não só os membros, mas tambem os estranhos.

Eis ahí pois o pobre recebido á sua entrada na vida, sustentado, abrigado, soccorrido nas suas necessidades e doenças, assistido á hora da morte, depositado com respeito na terra santa d'onde deve tornar-se a erguer um dia; tal é para o ultimo dos filhos de Adão a profunda e constante veneração da Roma christian. Comparado com o da Roma imperial, este procedimento forma um contraste tam inexplicavel, que sóra necessario ser muito cego para ahí não ver sob uma das suas faces mais divinas, o brilhante milagre que transformou os costumes e as idéas do genero humano. A admiração e o reconhecimento que elle excita se tornam ainda mais vivos, quando se pensa que a charidade romana, transpondo o limiar do tumulo, vai alliviar o filho da sua ternura até ao seio da eternidade. Porque não tenho eu uma penna assaz eloquente que pinte dignamente o maternal amor de Roma para com os fallecidos! O' vós! que amais as piedosas recordações dos seculos de fé e os tocantes costumes de nossos pais, vinde á Cidade santa; e quando vos for dado contemplal-a, por favor, tende olhos para verdes n'ella outra coisa sem serem palacios, paineis, estatuas, obeliscos, theatros e naumachias: sabeí ver Roma em Roma.

Terna Rachel, a Igreja mãe e senhora das outras igrejas está continuamente em movimento para communicar a sua sollicitude a favor dos seus filhos que já não tem vida. Que consolação para ella em ver o bom exito coroar os seus esforços! Nós quizemos ser felizes testemunhas delles. N'uma das bellas igrejas da *Via Giulia* está estabelecida, ha tres seculos, a archiconfraria do *Suffragio*: immensa associação rica de indulgencias, que estende as suas filiaçoens nas partes mais remotas do mundo catholico. D'ahi dimana incessantemente um rio de oraçoens, de esmolas, de boas obras, de missas, que vai levar o refrigerio e a paz ás almas retidas nos fogos expiadores. Não haveis esquecido ess'outra confraria, tam respeitavel pelo numero, tam admiravel pelo fervor dos seus membros que, todas as tardes, acode ao hospital do Espirito Santo; depois, quando é chegada a noite, subindo piedosamente a crista escarpada do Janiculo, vai orar sobre as sepulturas. Juntai-lhe vinte outras associaçoens que podeis ver todas as tardes nos diferentes hospicios, nos oratorios nocturnos, recitando os santos officios pelas almas do purgatorio. Finalmente, quando o outono traz consigo a solemne festa dos fideis Defunctos, trasladai-vos à *Via Giulia*, aos cemiterios do Janiculo, de S. Salvador, da Consolação e de Santa Maria in *Trastevere*. Uma multidão immensa e recolhida enche essas habitaçoens ou, para melhor dizer, esses vastos dormitorios dos mortos. A fim de mover a sua piedade, fazem-se succeder ás orações, representaçoens de scenas tiradas da Escripura. Os personagens tem a cabeça, as mãos e os pés de cêra, coisas que se trabalham muito bem em

Roma ; o seu vestido é apropriado á circumstancia , e vêem-se no momento mais importante da acção : o fiel acha ahí um motivo de terna compaixão e o proprio artista um assumpto de estado. A festa dos fieis Defunctos continua com a mesma pompa e a mesma diligencia durante toda a oitava (1).

Mas não basta á Egreja fazer orar uma vez cada anno por almas que soffrem continuamente, e eis que outro costume vem todos os dias repetir aos vivos a recordação de seus irmãos defunctos e sollicitar a sua piedade. Em 1480, pois, nasceu na Italia um santo que devia ser a gloria do seu seculo e da Egreja: chamava-se *Gaetano ai Tiena*. A ternura do seu coração teve principalmente por objecto as almas do Purgatorio. Chegado a Roma, estabeleceu um piedoso costume que ainda lá achareis : é o que se chama a *Ave Maria* dos Defunctos (2). Depois que a noite, descida das sete collinas, envolveu a cidade com seus escuros veus, os sinos fazem ouvir um som lugubre.

Advertem aos christãos que pensem pela ultima vez, antes de irem repouisar, n'aquelles de seus irmãos que não tiverem por leito senão chamas ardentes; e os bons fieis se apressam a recitar o *De profundis*, ou a pequena oração indicada para cada dia da semana n'um livrinho perfeitamente popular (3). Eis ahí algumas das

---

(1) Constanzi, t. I, p. 72, 222, 251.

(2) *Raccolta di Indulgenze*, p. 486. Roma, 1841.

(3) *Il Purgatorio aperto alla pietà de' viventi*.

piadosas practicas estabelecidas na Cidade santa a bem das almas que soffrem. Confessar-se-ha sem trabalho que a vista destes tocantes costumes, faz mais bem ao coração do que o aspecto dos soberbos monumentos e até mesmo das magnificas festas de que Roma tem o glorioso privilegio. Pelo menos demonstram ao viajante mais indifferente que a mestra da fè é tambem mãe da charidade, e que desde o limiar da vida até' além da sepultura, o pobre não escapa um só instante à sua intelligente charidade. Ora, no seculo em que vivemos, similhante conhecimento vale alguma coisa.

---

### 10 de Fevereiro.

Os Sacconi. — Esmolas particulares. — Reflexoens sobre a charidade romana.

O tempo estava frio, o ceu annuviado, e a calçada coberta de lama. Noto todas estas circumstancias, porque realçam a meus olhos a admiravel obra de que vou fallar. Quando passavamos no cume do Capitolio, junto da prisão dos devedores, vimos a alguns passos dois homens caminhando silenciosamente diante de nós, de cada lado da rua. Iam descalços, com o corpo inteiramente coberto d'um sacco de tela branca, terminado por uma mascara do mesmo estoffo e com dois boracos feitos na altura dos olhos, de modo que era impossivel ver-se-lhes o rosto. Um e outro tinham na mão uma bolsa e se apresentavam ao limiar de cada porta onde paravam, sem pronunciarem uma só palavra; a porta se abria; uma



peça de moeda lhes cahia na bolsa; e, expresso o seu agradecimento por uma profunda saudação, iam apresentar-se á porta vizinha. « Que homens são estes? que fazem? » taes foram as perguntas que dirigimos todos a uma voz ao excellente amigo que nos acompanhava. « Estes homens, nos disse elle, são *Sacconi*: devem este nome ao grande sacco que os envolve. Sabereis que existe aqui uma associação pia, composta da flor da nobreza, do clero secular e dos cardeaes; tem por objecto o allivio dos pobres e principalmente dos presos por dividas. Todos os mezes os seus membros percorrem as ruas pedindo esmola. No dia determinado, tanto de verão como de inverno, ainda que faça frio ou chova, vão, como vêdes, descalços, pedir de porta em porta por todos os bairros de Roma. Vêdes tambem que toda a gente os recebe bem; o povo tem-lhes grande veneração, e os ricos se exporiam, recusando-lhes esmola, a perder um dos seus parentes ou amigos: estes dois *Sacconi* que nos precedem são talvez dois cardeaes, ou dois principes romanos. »

Eis ahi, se me não engano, uma charidade de bom quilate. E não se diga, como certos *touristas*, que para os Romanos tudo é espectáculo e momice; que amigos do confortavel não conhecem a charidade que exige dedicação e o sacrificio do *eu*. Certamente, nisto não se encontra, nem pôde encontrar-se ostentação. Aqui, estes homens não podem ser conhecidos por ninguem, nem ainda mesmo pelos seus amigos; não dizem uma palavra, e ninguem pôde ver-lhes as feições do rosto. Na verdade que vantagem ha para a vaidade e para o bem-estar destes grandes, se-

nhores, em percorrerem assim, envolvidos n'um mau sacco de tela, descalços, por tempo de inverno, durante grande parte do dia, pedindo esmola, as ruas mais obscuras da cidade? Os detractores systematicos de tudo o que é inspirado pela religião, teriam animo de fazerem outro tanto? Vaidosos como todos os filhos d'Adão, que tentem pois conquistar a popularidade por esse preço! Quando os tivermos visto de mãos á obra, poderemos pensar que podem motivos humanos inspirar similhante dedicação; até então permittir-nos-hão crermos que só o Evangelho é capaz de obter, e de obter constantemente, ha muitos seculos, um sacrificio duplicadamente custoso á natureza.

O espectáculo tam moral que tinhamos diante dos olhos, nos conduziu a fallarmos das esmolas particulares que se fazem em Roma. Esta pagina devia completar a nossa historia da charidade corporat na cidade de S. Pedro.

Em França, abençoamos Henrique IV por haver desejado que todos os seus subditos tivessem uma gallinha para comerem ao domingo; em Roma os soccorros são tam abundantes, que cada pobre pôde todos os dias ter uma excellente comida. E primeiramente, duas bellas instituicoens tomam especial cuidado dos infelizes que, nascidos na abundancia e educados nos habitos do mundo, sentem pesar mais gravemente sobre si o fardo da miseria. Graças a' *Archiconfraria dos Santos Apostolos* e de *Divina Piedade*, soccorros, muitas vezes consideraveis, vão inesperados e até desconhecidos, buscar na sua altiva indigencia viúvas honestas e desgraçados pais de familia: a primeira remonta ao anno de 1564. Foi fundada por al-

guns piedosos christãos que tomavam particular cuidado da capella do Santissimo Sacramento, na igreja dos Santos Apostolos. Achando se associados, por essa practica de piedade, quizeram ajuntar aos actos de devoção as obras d'uma activa charidade; é assim que o christianismo procede sempre e em todas as partes. Consagraram-se pois ao alivio dos pobres, e especialmente dos pobres envergonhados. Descendentes todos de nobres e ricas familias, os membros actuaes são quatorze em numero, um por bairro, e cada um delles distribue por anno cem francos em esmolos.

A Congregação da *Divina Piedade* deve a sua origem ao veneravel sacerdote Giovanni Stan-  
chi de Castel-Nuovo. Em 1679, reuniu este santo homem algumas pessoas escolhidas entre o clero e entre os leigos, para ajuntarem esmolos destinadas a's familias envergonhadas, cuja miseria contrasta com a sua abundancia passada. Graças a' generosa protecção dos Summos Pontifices Innocencio XI, Clemente XII e Benedicto XIII, conservou-se sempre a congregação n'um estado prospero. Foi-nos mui agradavel conhecê-la, porque offerece mais uma prova da prioridade de Roma e da sua intelligencia em materia de boas obras. Os seus membros são trinta a quarenta em numero, e devem ter vinte e cinco annos completos: são sacerdotes ou seculares.

«O seu methodo, diz Mons. Morichini, na distribuição dos soccorros é, creio eu, o melhor que se pôde seguir; e Roma pôde gabar-se de ter posto em practica, ha cento e cincoenta annos, aquellas maximas da charidade publica e privada, cuja theoria desenvolveu ha pouco o barão de Gerando no seu *Visitador do pobre*. Cada bair-

ro da cidade tem o seu *deputado*, assistido de dois outros *membros visitantes*. Nenhuma esmola se concede antes que um *visitador* haja, por seus próprios olhos, verificado a miseria e precisão. Os socorros dão-se antes em especie do que em dinheiro; antes a um pequeno numero de pessoas que com elles se acham verdadeiramente alliviadas, do que a numerosas familias para as quaes não seriam mais que uma gota de agua. Camas, vestidos, o resgate dos penhores do Monte de Piedade, o pagamento dos allugueres, vales de pão, são as esmolas mais ordinarias. Segundo os seus estatutos, a obra deve assistir especialmente os enfermos, as donzellas em perigo, as viúvas, as mulheres abandonadas por seus maridos, os presos, os penitentes, os mancebos privados de emprego e os viajantes.

• Tres vezes por anno cada *visitador* tem uma quantia para distribuir no seu bairro. Cada uma destas distribuições póde montar a 700 escudos, o que forma ao anno 2,100 escudos, bem que a Congregação possua um rendimento duplicado pelo menos, porem gravado de legados e de serviços religiosos. No dia da festa de Sant'Anna faz-se uma distribuição de pão, e socorros particulares bastante consideraveis se dão tambem em caso d'urgencia no decurso do anno, quando se tem conhecimento da posição critica d'alguma honrada familia. N'este caso as esmolas são levadas aos necessitados pelos *deputados* designados antecipadamente com o titulo de *deputados dos casos secretos*, que não dão conta do dinheiro a elles confiado, a fim de que nunca o nome dos infelizes a quem socorreram appareça nos registros da sociedade (1).»

---

(1) P. 188.

Eu accrescentaria longas paginas às que precedem, se quizesse fallar de todas as outras esmo-las, boas obras e instituçoens de charidade que fazem a gloria e a vida de Roma christã; conten-tar-me-hei com algumas reflexoens proprias para ca-racterisar este magnifico systema de *philanthropia*, tam pouco conhecido na Europa e tam pouco em harmo-nia com os principios dos nossos modernos economistas.

E primeiramente tudo parte em Roma da inspiração religiosa: aquillo que, entre outros po-vos, se faz pelo sentimento natural de dever e humanidade, tira aqui a vida de motivos de fe'. A' frente de todas as instituçoens de charidade, encontraes o nome d'um santo, d'um piedoso sa-cerdote, d'um fervoroso christão, que concebeu a idéa dellas; todas conservam o sello da sua ori-gem, quer no seu nome de confrarias, quer na sua organização de certo modo ecclesiastico. A bandeira d'um santo lhes serve de reunião como a sua vida de modelo; uma capella particular está ordinariamente affecta às suas reunioens, e os seus regulamentos teem um sello inteiramente catholico. No exercicio exterior das suas boas obras, as confrarias se occultam geralmente de-baixo d'um vestido muito feio em si mesmo, porem favoravel á humanidade: o sacco de penitente que as cobre não deixa ver senão os olhos, e homens do mundo, altos dignatarios, occultam muitas ve-zes, debaixo deste grosseiro habito, o seu gene-roso concurso para o allivio da miseria. Para nós outros, Francezes do XIX.º seculo, e' a appa-rição d'um tempo que já não existe, uma recordação dos seculos de fe', uma visão da idade media (1).

---

(1) De Bazel., pref. p. XXXIII.

Esta origem da charidade romana explica tres outros caracteres que a distinguem. O primeiro e' a prioridade. As instituicoens de charidade de Roma são as primogenitas de todas as obras de beneficencia espalhadas pelo Occidente : serviram-lhes de modelo , e muitos annos e ate' seculos antes que os economistas houvessem apprehendido traçar às *leis da charidade*, havia-as a fe' revelado aos papas ; é uma consequencia da missão civilisadora que lhes foi confiada.

O segundo , é a superabundancia dos socorros : vimos que entre as cidades da Europa, é Roma a mais charidosa. Nas mesmas fontes da fé , nos tumulos dos seus innumeraveis martyres, bebe ella incessantemente o espirito de sacrificio que tresporda , como o licor precioso d'um vaso cheio de mais , em mil creaçoens de charidade espirital e corporal.

O terceiro , é a distribuição das esmolas , menos regular do que se desejara. A alma abraçada pela charidade, a alma que se dà a si mesma, sujeita-se pouco aos frios calculos da prudencia humana : vê a dor antes de tudo , sem se inquietar sufficientemente de moderar o seu zelo. Sempre e' certo que se alliviam entes que soffrem, e que se cumpre a grande obrigação do homem para com seu irmão (1).

D'ahi ainda a presença de mendigos nas ruas de Roma. Se a philanthropia inspirasse a beneficencia romana , teria encerrado os pobres a fim de tirar este objecto importuno da vista do viajante ; porque a philanthropia não e' mãe. Succede outra coisa com a charidade : exhorta o po-

---

(1) De Bazél. , pref. , p. XX.

bre ao trabalho, subministra-lhe os meios d'elle, e se elle não pôde trabalhar, o induz a receber soccorros em domicilio antes que arrancal-os aos transeuntes; mas e'-lhe custoso ir mais longe, e usar de rigor contra um ente duas vezes sagrado para ella. Assim e' que Leão XII, organisando a commissão dos subsidios, permittiu aos pobres reconhecidos verdadeiramente dignos de soccorro, escolherem entre as esmolas em domicilio e as vicissitudes da mendicidade. Aquelles que tomaram este ultimo partido foram registados, e deram-lhes uma chapa de cobre que tinha gravadas estas palavras: *Questuante in Roma N....* Elles sós tinham direito de mendigar; mas ao cabo de algum tempo toleraram a intrusão de outros novamente chegados, não submettidos às formalidades previas, e viram-se d'ahi em diante assaltados por uma multidão talvez estranha às verdadeiras necessidades (1).

As coisas achavam-se n'este ponto quando nós estávamos em Roma. E na verdade quando se hão visto de perto as difficuldades e os embaraços de toda a especie creados pela politica geral da Europa ao governo pontificio, quando se conhece o seu caracter essencialmente paternal, comprehende-se muito bem essa especie de desleixo sobre uma medida de policia, cuja utilidade absoluta talvez não seja tam evidente como se podera crer. Não, não está ainda claramente demonstrado que o systema dos depositos de mendicidade seja muito mais moral, muito mais humano, muito menos custoso do que a propria mendicidade. O systema de deposito traz consigo debaixo deste

---

(1) De Bazel., pref., p. CIV.

ou daquelle nome o tributo dos pobres; transforma em delicto o que muitas vezes não e' senão uma desgraça; priva o pobre da liberdade, arranca-o á sua familia e o expõe aos inconvenientes do contacto muitas vezes perigosissimo de numerosos companheiros corruptos e corruptores. A vista dos nossos depositos de França ou das *Workhouses* d'Inglaterra faz a este respeito bem tristes revelações.

Alem disso, admittindo a superioridade do systema moderno, restaria, antes de condemnar Roma, saber se lhe é possível estabelecê-lo. Encarcerar milhares de pobres em prisoes, humidas e obscuras, com o alimento strictamente necessario ao sustento da sua miseravel existencia; na verdade não é difficil abolir assim a mendicidade; basta para isso ter no peito um coração inglez. Mas applicar na Italia similhante systema! mais facilmente roubariam a vida ao homem do que a vista do seu bello ceu e os raios do sol.

Alem disso, a liberdade individual é alli ainda demasiado respeitada e o egoismo demasiado desconhecido, pelo que os felizes do seculo não se julgam com liberdade de comprar os seus gozos à custa das dores de seus irmãos (1).

Finalmente não se deve crer, como contam certos viajantes, que Roma seja o foco da mendicidade. « Graças ás suas numerosas casas de trabalho, está ella longe, diz um celebre economista, de sustentar tantos pobres ociosos como muitas cidades afamadas pela sua opulencia e boa policia. Não se contam alli mais mendigos do que

---

(1) De Bazelaire, pref., p. CV.



nas principaes cidades de França (1). » Duas coisas multiplicam os pobres á vista: a primeira, é que Roma os deixa pela rua em tanto que Paris os mette em prisoes; a segunda, é que estão habitualmente concentrados n'um só bairro, aquelle que habitam ou atravessam continuamente os estrangeiros, no Corso, da praça d'Hispanha á de Veneza. Em todas as outras partes encontramos poucos mendigos. E depois, as mais das vezes esses pobres vão dos paizes visinhos, dos duquados de Italia septentrional, da Lombardia, do reino de Napoles e até de Paris; mais d'um Francez alli reconheceu esse *cul-de-jatte* (aleijado das pernas) que toda a gente viu ha pouco arrastado pelos *bulevares* no seu grotesco vehiculo. Poder-se-hia livrar delles a Roma, pouco mais ou menos como Esopo propunha beber o mar, se quizessem suspender primeiro todos os rios que a elle se dirigem (2).

« Taes são no seu encadeamento e no seu espirito as instituçoens charitativas de Roma, cujo objecto é o allivio da miseria physica. Para apreciar-as bem, é mister distinguir n'ellas dois elementos: o elemento catholico e o elemento italiano, isto é as coisas em si mesmas, e estas coisas traduzidas em factos por homens; a mesma distincção se deve fazer pelo que toca ás instituçoens de qualquer outro paiz. Em principio, pôde dizer-se que tudo é bom, até muitas vezes admiravel e sublime nas instituçoens romanas, porque a idéa é filha do genio catholico;

---

(1) M. de Villeneuve, *du Paupér.*, t: II, p. 385.

(2) De Bazel., pref., p. CIII.

mas em applicação, o genio italiano se trahe e demasiadas vezes desfigura pelo seu desleixo as mais bellas obras. Assim é que as instituições francezas, allemans e hespanholas, teem em si o sello dos defeitos do character nacional, que as tornam frequentemente imperfeitas assim na essencia como na forma. Aqui elles não tocam senão na forma, de modo que Roma, se todas as leis e todos os regulamentos n'ella se executassem, seria um typo ideal de governo (1). Poderíamos dizer o mesmo da França? » Esta observação, cuja justeza tivemos vinte vezes occasião de verificar, se applica em geral a todos os outros aspectos da cidade dos Pontífices.

---

## 11 de Fevereiro.

Rotunda de S. João diante da Porta-Latina. — Columbario de Pomponio Hylas, — da familia Volusia. — Tumulo dos Scipioens. — Caminho da Cruz no Coliseu.

Conhecendo as obras de *charidade corporal* que Roma christan estacionou em todos os caminhos da vida, desde o berço até á sepultura, tinhamos acabado a primeira parte do nosso itinerario. Antes de estudarmos a *charidade intellectual e moral*, fizemos uma paragem havia muito desejada.

A capella de S. João diante da Porta Latina foi o objecto da nossa peregrinação. Visitar o logar consagrado pelo martyrio do mesmo Apos-

---

(1) De Bazel., pref., p. XXIII.

tolo da Charidade , era , sem nos afastarmos do nosso itinerario , reparar felizmente uma lacuna.

O viajante que vem do Coliseu pela via dos Triumphos se acha em breve' na via Appia. Esta, tão celebre na historia da antiga Roma , é hoje guarnecida d'um largo passeio formado de bellos fragmentos de marmores antigos. Depois de a termos seguido até á altura das Thermas de Caracalla , voltamos á esquerda e pozemos pé na via Latina , que conduz á porta do mesmo nome: esta porta foi fechada pelos Francezes durante a occupação imperial. Ora , trilhando este antigo caminho , como se não ha de a gente recordar do discipulo muito amado , que tambem o percorreu quando ia para o supplicio? Sem respeito para com este veneravel ancião , o mandára Diocleciano trazer a Roma , encadeado como um malfeditor.

Conduzido a alguns passos de distancia da Porta Latina , foi , segundo o costume romano , açoitado , rapado por ignominia , e depois lançado n'uma caldeira d'azeite a ferver. Sahiu della são e salvo , como os moços Hebreus da fornalha de Babilonia ; porem foi para ser desterrado para a ilha de Pathmos , até que Nerva aboliu os sangrentos decretos do seu barbaro predecessor.

No mesmo logar do martyrio , um dos nossos compatriotas , chamado Adão , auditor de Rotã no decimo-sexto seculo , mandou erguer uma pequena capella em forma de rotunda , na qual se conservam os instrumentos do martyrio. No interior lê-se a seguinte inscripção :

Martyrii palmam tulit hic athleta Joannes,  
Principii verbum cernere qui meruit.

Verberat hic fuste proconsul, forcipe tondet,  
Quem fervens oleum lædere non valuit.  
Conditur hic oleum, dolium, cruor atque capilli  
Quæ consecravit inclyta Roma tibi.

Esta visita nos grangeou dois prazeres. Primeiramente, foi-nos dado orar ao discipulo muito amado do Salvador, no proprio sitio onde elle havia dado ao seu terno Mestre uma prova tam brilhante do seu amor. Ora, é esse um delicioso gozo: porque na sepultura dos martyres ora-se melhor, e alguma coisa vos diz que se é escutado mais facilmente do que n'outra parte. Depois, eu via n'esta capella um monumento de justa gratidão, e isso me enchia de orgulho. A nós outros Sequanezes, veio-nos a luz evangelica de S. João: Santo Ireneu, seu discipulo; nos enviou Ferreol e Fergeox, nossos primeiros missionarios.

Com a alma cheia destes bons e doces pensamentos, entramos n'um jardim, distante só alguns passos: era para visitar um monumento de especie inteiramente differente. Por cima da porta d'uma escada de caracol que desce a um profundo subterraneo, lê-se: *Columbarium libertorum domus Augustæ*. Estavamos no sepulcro dos libertos da casa de Augusto. Chegando á camara mortuaria, *area*, que forma um quadrilatero, reconhecemos, ao clarão dos nossos archotes, grande quantidade de pequenos nichos, semelhantes a ninhos de pombas, *columbarium*, abertos nas quatro paredes; estes pequenos nichos, terminados em arco, *arcuatæ*, podem ter pé e meio de altura por egual largura. Na base ha dois boraços abertos no interior da parede, cada um dos

quaes contem um vaso de barro cozido, *olla*, que encerra cinzas e restos d'ossadas calcinadas, segundo o costume dos Romanos. Uma simples tapadoira de barro cozido, *operculum*, fecha o vaso ou urna funeraria. O mesmo nicho se acha fechado por uma prancha de pedra ou marmore, na qual se lêem os nomes e as qualidades do morto, *tituli*. N'uma destas pranchas, collocada diante d'um nicho ainda não aberto, estão as duas seguintes inscripçoens: a primeira pertence a uma das numerosas escravas empregadas no tocador das matronas romanas, e por consequente d'Octavia; a segunda é a do thesoureiro da prata ou do escravo nomeado para a guarda da prata da mesma princeza. Ambas ellas poderiam servir de texto a um longo commentario, pois revelam costumes intimos da vida romana e certas condiçoens da escravidão (1).

PESVSÆ OCTAVIÆ  
CÆSARIS AVGVSTI F.  
ORNATRICI  
VIX ANN. XVIII.

PHILETVS OCTAVIÆ  
CÆSARIS AVGVSTI F.  
ARGENTORATO. FECIT  
CONTVBERNALI SVÆ  
CARISSIMÆ ET SIBI.

A' abobada do calumbario estão suspensas duas lampadas de bronze de seis ou sete bicos. Estavam, segundo se diz, guarnecidas de pavios d'amiantho, a fim de arderem *sempre*. Em quanto ao mais a forma destas lampadas é ainda muito commum em Roma; é uma prova entre mil da tenacidade dos habitos populares. Nas paredes vêem-se algumas pinturas bastante conservadas,

---

(1) Vêde Pignorio, *De Servis*.

que representam genios. Todo este espectáculo de morte, onde nenhum pensamento de immortalidade vem consolar a vossa alma, tem alguma coisa que géla e que *faz mal*. A visita ao monumento do apóstolo S. João nos tornava mais viva esta impressão; mas foi-o muito mais, quando depois de havermos atravessado uma pequena vinha, chegamos ao Columbario da familia Volusia, particularmente celebre no tempo de Nero.

O grandioso aspecto do monumento annuncia que aqui repoisam grandezas humanas aniquiladas. Este Columbario póde ter quarenta pés de altura, e forma um parallelogrammo de cerca de trinta pés de comprimento por vinte de largura.

A abobada pendente descança sobre um largo pilar collocado no meio. Em consequencia das alluvioens, a parte superior do Columbario não excede senão cerca de tres pés o nivel do solo. Descemos ao subterraneo, onde podemos contar cerca de mil e quinhentos nichos. Allí, muitos nomes conhecidos na historia se offerecem aos olhos e ás meditaçoens do viajante. No massiço do pilar central está um nicho maior que os outros, que contem uma bella urna de marmore branco, a qual tem por inscripção estas palavras:

NE TANGITO  
O MORTALIS  
REVERERE  
MANES DEOS.

« Não me toques, ó mortal, respeita os deuses manes. »

Os archeologos pretendem que ella contem as

cinzas d'um sacerdote dos idolos. Sempre e' certo que os mesmos Pagãos punham as cinzas dos mortos debaixo da guarda dos deuses: o respeito das sepulturas e' uma lei da humanidade, e uma lição util aos vivos. Não se póde lel-a gravada ha dezoito seculos n'uma urna pagan, por uma mão pagan, sem fazer mais d'uma reflexão com destino aos nossos contemporaneos. Esquecia-me dizer que o Columbario só foi descoberto ha alguns annos; esta circumstancia explica a perfeita conservação do monumento, e a frescura das pinturas que o decoram.

Todas as vinhas circumvisinhas são verdadeiras minas de Columbarios. Devem este privilegio á vizinhança da via Appia, ponto de reunião geral dos tumulos na antiga Roma. Assim que basta excavar para encontrar lapides monumentaes, baixos-relevos, lampadas, utensilios, restos de adornos e muitos outros objectos interessantes. Vimos entre outros um magnifico sarcophago de marmore, de exquisito lavor e perfeita conservação, no qual se representa uma batalha dos Romanos com os Gaulezes: reconhecem-se os nossos avós pelo *torques* ou collar entrelaçado, passado em volta do pescoço.

Como estavamos visitando os mortos, dirigimo'-nos para a via Appia, e, em poucos instantes, chegamos ao tumulo dos Scipioens. Descobriu-se este celebre monumento em 1780. Tinha dois andares; o primeiro é cavado no tufo *lithoide*; quasi já nada resta do segundo, ornado de meias columnas de marmores, e de nichos destinados ás estatuas dos membros da familia. Armados de brandeons, descemos ao andar inferior, por um caminho tortuoso cavado de pouco. O

primeiro tumulo que encontramos foi o de Publio Cornelio Scipião, *flamen dialis* (gran'-sacerdote de Jupiter); a inscripção o prova. Observamos tambem os do vencedor de Hespanha e de Lucio Cornelio Scipião, filho de Scipião Asiatico e neto do Africano. Todos os sarcophagos estavam collocados no tufo, mas não se parecem em nada com os nossos *loculi* das catacumbas, bem que a raça *Cornelia* conservasse até Sylla o uso excepcional de não queimar os seus defunctos. Tumulos em ruinas! eis ahí pois, illustre familia, mãe de tantos grandes homens que durante muitos seculos encheram a terra com o estrondo do teu nome, eis ahí tudo o que de ti resta! Vaidade é toda a gloria que o christianismo não immortalisou consagrando-a.

Voltando á via dos Triumphos, um novo contraste nos esperava no Coliseu. Grande numero de elegantes carrinhos estacionavam em torno dos vastos porticos: tinham conduzido um povo de nobres peregrinos. Era sexta feira; eram coisa de tres horas: fazia-se o Caminho da Cruz. O Caminho da Cruz no Coliseu! concebéis alguma coisa mais solemne, mais arrebatadora! Sim alli, no meio d'aquella arena tantas vezes ensanguentada, está uma grande cruz, em pé sobre o seu pedestal de pedra; em torno desse *podium* contra o qual foram esmagadas tantas desgraçadas victimas da barbaridade romana, estão as estaçoens do Caminho da Cruz: a cruz em toda a parte, a cruz só de 'pe' no Coliseu! Depois, por essa terra ensopada até tam grande profundidade pelo sangue dos martyres, uma multidão piedosa, sem distincção de classe ou sexo, ajoelhada, recolhida, caminhando vagarosamente a derramar lagrimas e



orações, atraz d'uma grande cruz de pau, levada por um pobre religioso de S. Francisco, descalço e coberto o corpo d'um grosseiro burel.

Os vastos degraus aos quaes abalaram tantas vezes os rugidos dos lieens, os gemidos dos moribundos, os gritos furiosos e as palmas d'um povo inteiro sedento de sangue, resoam com estas doces e fraternas palavras, repetidas em commum por homens de todas as naçoens: *Padre nosso que estais no ceu*; a oração do amor, em logar das vociferaçoens do odio, o christianismo triumphante no mesmo sitio onde o paganismo quizera affogal-o no sangue dos seus martyres: oh! na verdade, é esse um contraste, um espectáculo, por cujo preço nunca será comprada cara de mais a viagem de Roma.

---

### 12 de Fevereiro.

Miseria intellectual. — Charidade romana a respeito dos ignorantes. — Escolas regionarias, — Sua disciplina, — Seu numero. — Escolas gratuitas. — S. José de Calasanz; — origem da sua obra. — Seus desenvolvimentos. — Outras escolas gratuitas para os rapazes pequenos. — Os Doctrinarios, — Os Irmãos das escolas christans.

O tempo estava magnifico e nos convidava a sahirmos. Aproveitamol-o para continuarmos a nossa visita de Roma charitativa. Acima das miserias physicas, a doença, a pobreza e a morte, estão as miserias da intelligencia e do coração. A ignorancia e o erro, as paixoens e os seus tristes effeitos; taes são os males que atormentam o ho-

mem na mais nobre parte de si mesmo: chegára o momento de investigar o que Roma faz para prevenil-os e reparal-os. A ignorancia dissipa-se por meio da instrucção. Ora, quaesquer que sejam a sua fortuna e condição, o joven Romano encontra, no umbral da vida, abundantes fontes onde pode beber a verdade; quizepoõ nós proprios visitar algumas.

Sem sahirmos do bairro, vimos, diante d'uma casa de boa apparencia, uma taboleta de madeira pintada e com grandes letras: indicava que alli era uma escola *regionaria*. As escolas regionarias são asssim chamadas porque d'antes existia uma em cada bairro ou região. A completa ausencia de documentos não permite determinar-lhes a origem: varios historiadores as ligam às antigas escolas instituidas pelo senado romano. Seja como for, as escolas regionarias, bem que destinadas aos filhos do povo, nunca foram inteiramente gratuitas: não o são ainda hoje. O mestre recebe de cada discipulo uma retribuição mensal que varia de quatro a dez paulos (2 a 5 francos). N'ellas se ensina a doutrina christã, a leitura, a escripta, os elementos das linguas italiana e franceza, a arithmetica, os principios da geographia, e da historia tanto sagrada como profana. O mestre deve alem disso ter um livro de civilidade que instrua nas boas maneiras, e fazel-o ler uma vez por semana. Admittem-se as crianças desde a idade de cinco annos completos, com tanto que não tenham molestia alguma immunda ou contagiosa. A aula dura tres horas de manhan e tres de tarde; começa e termina pela reza, e pela manhan as crianças vão á missa a alguma egreja visinha.

Ha vinte e cinco annos que o numero das escholas regionarias tem augmentado notavelmente : contam-se hoje cincoenta e cinco em Roma, e se não existisse no regulamento um artigo que exige entre as escholas uma distancia de cem varas architectonicas, o seu numero seria de certo mais consideravel (1). Todas estão collocadas, na cidade, sob a dependencia do cardeal vigario, e em todas as outras partes sob a dos bispos. Uma commissão, composta de ecclesiasticos distinctos, vigia directamente as escholas e as visita com frequencia. Examina os candidatos e os approva como instituidores, dando-lhes um diploma que se renova todos os annos. Distribue os premios aos discipulos e se reune uma vez por semana para discutir os assumptos relativos á instrucção primaria. A esta mesma commissão está confiada a escolha dos livros e tudo o que diz respeito às escholas, debaixo do ponto de vista literario e disciplinar (2).

Até ao meado do seculo passado, as funcçoens de instituidor eram desempenhadas por estrangeiros, achando-as os Romanos abaixo da sua dignidade. Não se diria que elles leram todos Virgilio, e que o seu papel é sempre mandarem as naçoens? Hoje, já não desdenham consagrarse a essas funcçoens, porque ellas com effeito são nobres, mui charitativas e dignas de respeito; alem disso, a sollicitude pontificia garante o futuro daquelles que a ellas se dedicam. Uma contribuição mensal de tres paulos lançados por elles n'uma caixa de prevenção, que o thesoiro publico

---

(1) Constanzi, t. I, p. 158—160.

(2) Morich., p. 217.

alimenta com outros dez escudos, forma um fundo de reforma e subvenção para os enfermos e para aquelles a quem um accidente obriga a suspenderem as suas licçoens. Demais, dois mestres substitutos, pagos pelo Estado, fazem as vezes dos professores afastados das suas aulas por alguma doença.

Tambem existem em todos os bairros de Roma escholas regionarias para as meninas. São occupadas por mestras sujeitas aos regulamentos de que acabamos de fallar. Estas escholas são egualmente numerosissimas. Umas e outras teem conservado o seu character municipal, isto è, não são inteiramente gratuitas. Fioalmente a religião abriu aos pobres escholas publicas, sem exigir retribuição alguma: aqui ainda Roma deu o primeiro exemplo dessa charidade superior; data do pontificado de Clemente VIII, pelo fim do XVI.º seculo.

Em 1592 chegava a Roma Joseph de Calasanz. Nascido no reino d'Aragão, juntava à sciencia dos doutores à humildade dos santos e o nobre enthusiasmo pelo bem de que o seu compatriota, Ignacio do Loyola, dava tam felizes exemplos. A sua profunda sciencia o fez nomear theologal, pelo cardeal Marco Antonio Calonna; mas o resplendor das suas brilhantes funcçoens era para elle motivo de buscar, com mais ardor, as obras obscuras. Entrou na archiconfraria dos Santos Apostolos, que distribue esmolos aos indigentes. No exercicio desta charidade, percebeu que a ignorancia era mãe fecunda do vicio e da miseria. O coração despedaçava-se-lhe ao ver uma multidão de rapazinhos, abandonados pelas ruas pela descuidosa complicitade de seus pais, passarem os

dias inteiros na vagabundagem, sob o pretexto de mendigarem o seu pão. O ensino do cathecismo, repetido sómente todos os domingos nas freguezias, não podia fructificar durante toda a semana; alem disso, Roma não tinha nessa epocha outros mestres que os instituidores regionarios, muito mal retribuidos pelo senado. José lhes rogo que recebessem, nas suas escholas, esses pobres desgraçadinhos; porem elles recusaram encarregar-se delles, se lhes não augmentassem o salario. Este terno amigo das crianças bateu successivamente a todas as portas; em todas as partes foi despedido, sob pretextos mais ou menos plausiveis.

Vendo serem inuteis todos os seus esforços, resolveu emprehender elle proprio a realisação dos seus anhelos. No mez de novembro de 1897, fundou a primeira eschola publica gratuita, em Santa Dorothea *in Trastevere*; escolheu este bairro, como que era aquelle de Roma onde mais vivamente se fazia sentir a necessidade de instrucção. O diguo cura da freguezia, Antonio Brendoni, poz à sua disposição duas salas, e se associou elle proprio à sua generosa empreza. Pouco depois outros dois bons sacerdotes se reuniram aos fundadores, e a eschola contou em breve alguns centenaes de alumnos. Sendo a instrucção dos pobres primeiro que tudo uma obra de piedade, S. José deu à sua instituição o nome de *Escholas pias*. Poz-se pois a ensinar às crianças o cathecismo, a leitura, escripta e arithmetica; ao ensino, juntava o santo fundador o fornecimento dos livros e de todos os outros objectos miudos, que a pobreza daquelles caros meninos não lhes teria permittido proporcionarem-se.

Em breve as escholas pias passaram ao palacio Vestri, ao pé da egreja de Santo André della Valle. Alli, teve origem uma sociedade de sacerdotes instituidores, e S. José recebeu o titulo de prefeito das *escholas pias*. Deu à sua congregação o tocante nome dos *Pobres da Mãe de Deus das escholas pias*. A pobreza, Maria, a infancia, estas tres palavras iam direitas á alma e attrahiam benções e soccorros abundantes aos homens dedicados que as adoptavam por divisa.

Ajuntai que, por um rasgo de charidade bem digno d'um santo, José admittia as mesmas crianças judias, e muitas vezes se lhe ouviu trovejar, nas suas prégaçoens, contra o costume da populaça romana que perseguia com seus insultos estes pobres desgraçadinhos, por causa da sua religião. Clemente VIII approvou a nova congregação, que se tornou uma ordem regular com os tres votos ordinarios, e alem disso com a consagração ao ensino.

O santo applicava-se principalmente a educar as crianças sob o imperio d'uma sabia disciplina; os religiosos (*Scolopii*) observam ainda o mesmo methodo. Recebem gratuitamente os meninos de todas as condiçoens, desde a idade de sete annos, e lhes dão tres horas de lição de manhan e outras tantas de tarde. Os discipulos vão à missa todos os dias, e rezam as suas oraçoens no principio e fim da aula; reúnem-se, ainda mesmo ao domingo, nas suas sallas, para se entregarem a diversos exercicios religiosos, entre outros, para recitarem o pequeno officio da Santa Virgem. Todos os annos, nas proximidades da Paschoa, dão

a todos estes meninos os exercicios do retiro (1).

Quantas vezes nós vimos, ao passarmos por diante de S. Pantaleão, no fim das aulas, os bons religiosos, fiéis ao exemplo de seu pai, acompanhando os alumnos até casa de seus pais! Para isto, os meninos sahem em fileira, e se dirigem dois a dois para os differentes bairros de Roma; a fila diminue pouco a pouco, á proporção que elles chegam ás suas respectivas habitações. Assim se evita a algazarra, a desordem e os accidentes que não deixariam de succeder entre aquella multidão de crianças abandonadas a si mesmas. Ao ensino elementar, juntam as escholas de S. Pantaleão a instrucção superior, e até os elementos da grammatica latina.

Que a França esteja orgulhosa com as suas escholas christãs, pode-o fazer com justa razão. Porem, filha respeitosa, ainda aqui ceda a vez a sua mãe. Roma tem sobre ella, como sobre todas as outras egrejas, a gloriosa vantagem de ter aberto primeiro escholas gratuitas para os filhos do povo. Foi um santo sacerdote que, lutando com coragem contra todos os obstaculos, deixou ao mundo este bello exemplo, e a religião pôde dizer que o ensino dos pobres lhe pertence por direito de nascimento e por direito de conquista. Duplicada injustiça è o querer tirar-lh'o; mas tambem duplicado castigo e duplicada desgraça: desejo não ser propheta.

Pelos vestigios de S. José de Calasanz viram-se correr santos sacerdotes e virtuosos leigos, anciosos de partilhar tanto os penosos trabalhos, como as recompensas eternas do generoso amigo

---

(1) Constanzi, t. I, p. 145—6.

da infancia. Em 1727, deu Benedicto XIII aos padres doctrinarios, filhos do veneravel Cesar de Bus, a antiga egreja de Santa Maria *in Monticelli*. Vinte e cinco annos antes, em 1702, M. de la Salle tinha vindo, na pessoa dos seus religiosos, trabalhar na mesma vinha. Os bons frades abriram a sua primeira escola ao pé da praça *Barberini*, a segunda na Trindade dos Montes que ainda hoje habitam. Em 1793, Pio VI lhes deu outra, junto de S. Salvador *in Laurus*; finalmente Leão XII lhes forneceu o quarto estabelecimento ao pé da Madona dos Montes, sob o titulo de *Santo Antonio de Padua*. Só o receio de ser demasiado longo me faz passar em silencio outros recursos gratuitamente offercidos aos filhos do povo, para lhes dissipar a ignorancia, primeira miseria espiritual dos filhos d'Adão. Alem disso, fôra necessario voltar á maior parte das instituicoens já visitadas, onde o menino e o pobre recebem, não só o pão do corpo, como tambem o pão da alma.



### 13 de Fevereiro.

Visita ás escolas de meninas. — Fundação da B. Angela de Merici. — Escolas pontificias. — Escolas das pias mestras. — Outros estabelecimentos. — Observaçoes. — Resumo.

Bem que fosse domingo e vespera da nossa partida para Napoles, tivemos vagar de visitar novas escolas. Sabiamos o que Roma faz a favor dos rapazes pobres, restava-nos ver que cui-



dados prodigaliza a sua maternal ternura ás meninas. Os numerosos conservatorios já mencionados pareceriam dispensar-nos de novas particularidades; todos os recursos da charidade mais engenhosa se acham como que esgotados n'elles: contudo não é nada disso. De Roma as escolas de S. José se espalharam em breve por toda a Italia; mas não se occupavam senão dos rapaziños: restavam as meninas. Ainda mais fracas, e por isso mesmo expostas a mais perigos, deviam attrahir a attenção particular da Igreja e ser objecto da sua activa sollicitude: ainda aqui os factos estão d'acordo com a logica.

Muito tempo antes de S. José de Calasanz, havia nascido em Dezenzano, no lago de Garda, a bemaventurada Angela de Merici. Esta santa virgem, cuja memoria e' de veneração particular em Roma, foi alli fundar, em 1537, uma instituição destinada á instrucção gratuita das meninas pobres.

Sómente se reservou o ensino da escripta para aquellas das discipulas que se propunham abraçar a vida monastica: não se ensinava ás outras senão o cathecismo, a leitura e o trabalho de mãos; era o primeiro passo. No seculo seguinte, em 1655, abriu-se em Roma a primeira escola gratuita para as meninas pobres, segundo o plano das escolas pias de S. José: deveu-se á generosidade do papa Alexandre VII. Consolado pelo bom exito que ella obteve, o intelligente Pontifice estabeleceu outras semelhantes em todos os bairros de Roma. A esmolaria apostolica se encarregou, como ainda se encarrega, de todas as despesas. D'onde o nome tam bem merecido de *Escolas pontificias* (*Scuole pontificie*) que ellas

ainda teem. Visitamos muitas, e em verdade que não sei o que os nossos inspectores universitarios lhes poderiam censurar. Comtudo, è certo que não se ensina n'ellas nem a mythologia, nem a astronomia, nem outras uteis sciencias da mesma especie; tudo se limita ao ensino da religião, á leitura, á escripta, ao calculo e às obras de mãos (1).

O que nós tinhamos visto nas escholas pontificias, encontramos-o entre as *Mestras pias Operarias* (*Maestre pie Operarie*). Nascida em Montefiascone, foi esta ordem estabelecer-se em Roma, sob o pontificado de Clemente XII; a esmolaria apostolica proviu às suas necessidades. A grande eschola, e, por assim dizer, a casa-mãe é em Santa Agatha ai Monti; é alli que reside a superiora geral. E' eleita de tres em tres annos, e dirige toda a communidade com o seu conselho composto de tres ajudantas. E' d'alli que se enviam as mestras necessarias as differentes escholas da cidade e até das cidades vizinhas. Recebem gratuitamente todas as meninas pobres, de idade de cinco annos, que habitam no bairro: as aulas duram seis horas por dia, e os objectos do ensino são os mesmos que nas outras escholas. Observamos o tocante cuidado com que se formam os teuos coraçoes na pratica da religião. Assim, alem d'um cathecismo muito claro, ensinam-lhes as disposicoens necessarias para os sacramentos da Penitencia e da Eucharistia; a practica das virtudes christans; a devoção á Santa Virgem e ao Anjo da Guarda; a modestia no porte, principalmente na rua e na igreja. Não

---

(1) Constanzi, t. I, p. 27, 29 e 156.

me admiro da approvação dada pelos papas a esta util congregação (1). Conta em Roma sete escholas que recebem mil meninas.

Ao lado destes pios estabelecimentos, florescem as escholas *parochiales* estabelecidas em quasi todas as freguezias de Roma, e que teem o mesmo objecto. Veem ainda as das *Damas do Sagrado Coração* na Trindade dos Montes e em *Santa Rufina in Trastevere*; de *S. Pascal*; das religiosas do *Amor Divino*; das mestras pias no *Gesú*, das quaes umas dão o ensino elementar ás meninas pobres; em tanto que as outras educam as donzellas das classes superiores.

A' vista destes numerosos estabelecimentos, duas observaçoens se nos apresentaram ao espirito: primeiramente, a data dos primeiros. Era no começo do XVI.º seculo, na epocha em que o protestantismo vinha lançar á face da Igreja romana a' exprobração de obscurantismo, que Roma abria gratuitamente ao povo as primeiras escholas publicas da Europa! Ella não temia por tanto a luz; não temia principalmente, como a accusavam os chefes da Reforma, que seus filhos aprendessem a ler, ainda mesmo a Biblia, pois que foi na Italia que appareceu a primeira traducção da Escriptura em lingua vulgar. Depois, Roma que deu o movimento, ha tres seculos, tem continuado a caminhar; e não sei se ha alguma capital que possa rivalisar com ella na via do progresso. Para uma população de 170,000 almas, conta Roma hoje 374 escholas primarias, dirigidas por 484 mestres e povoadas por mais de 14,000

---

Vêde a bulla: *Experientia rerum omnium magistra*, de Clemente XII. 8 de set. de 1760,

crianças! Para um milhão de habitantes, não contava Paris, no 1.º de julho de 1844, senão 24,137 discipulos nas escholas populares. Alem das escholas regionarias, . que chegam ao numero de 55, se teem fundado varias sallas d'asylo; teem-se aberto novas escholas parochiaes; teem-se erigido cinco ou seis outras instituicoens, que teem o mesmo objecto. N'este numero não se comprehendem as escholas primarias, chamadas *Abusivas*, porque se formaram sem auctorisação, e contam pelo menos 20 mestres e 300 discipulos (1). Taes são, em summa, os meios que Roma emprega para dissipar a ignorancia nas classes inferiores da sociedade: é assim que a mãe das egrejas responde ainda hoje áquelles que ousam accusal-a de ser estacionaria, retrograda e inimiga das luzes. O Apollinario, a Universidade, o Collegio romano nos dirão mais tarde o que ella faz pela instrucção das classes elevadas.

Mas não basta dissipar a ignorancia; para conservar a alma humana no seu estado normal, é mister ainda preserval-a do erro, e sobretudo do erro em materia de religião. O espirito mais illustrado póde ser atacado desta cholera-morbo, de que parece impregnada a atmospherá da Europa actual, e que mata o coração depois de haver alterado a virgindade da intelligencia.

A fim de afastal-a das suas fronteiras, não ha medida que Roma não prescreva. As suas alfandegas visitam com rigoroso cuidado todas as obras vindas de fóra; a congregação do Index véla dia e noite para suspender a sua propagação e para as assignalar, fulminando-as, ao horror pu-

---

(1) Morich., p. 217.

blico. Em Roma, nenhuma obra se pôde publicar sem haver sido submettida ao exame dos mestres da doutrina: gravuras, trechos de musica, peças de theatro, tudo é examinado. Com receio que os espectaculos, ainda mesmo permittidos, prejudiquem os pensamentos graves que devem formar a essencia da intelligencia christan, cessam as representações nas epochas e nos dias consagrados ao recolhimento e à oração; taes como o Advento, a Quaresma, a sexta feira de cada semana e o domingo.



### 14 de Fevereiro.

Partida para Napoles. — Albano. — Recordações de S. Boaventura. — A Palazzola. — Ruínas d'Alba Longa. — Monte Cavo. — Lago d'Albano. — Os Nymphæus. — O emissario. — Castel-Gandolfo. — Pretendidos tumulos d'Ascanio e dos Curiacios. — Horacio e S. Paulo. — Aricia. — Genzano. — Lago Nemi. — Cività Lanivia.

A's sete horas da manhan, por um frio bastante penetrante, deixavamos nós o palacio Conti n'uma larga carruagem de oito logares: todos eram occupados por amigos nossos. Era uma caravana franceza, isto é alegre e ligeira que partia para Napoles. Sahimos de Roma pela antiga porta *Cælimontana*, hoje de S. João, e brevemente trotamos pela via Appia. Esta via, real entre todas as outras (*regina viarum*) (1), estendia-se, como já disse, de Roma até Brindes, e

---

(1) Stat. Sylv., II, 12; Marl., IX, 104.

cada pedra parece ter uma bôcca para recordar alguma grande memoria. Depois dos senhores do mundo material, os Cesares e as suas legioens triumphantes, vê-se passarem por ella os reis do mundo moral, Pedro e Paulo, vencedores dos Cesares e dos seus exercitos; após os christãos de Roma, que vão ao encontro do Apostolo desembarcado em Pazzola: finalmente essas velhas la-geas parecem ainda marcadas com nodos de sangue que redizem o povo de martyres cujos combates e triumphos ellas contemplaram. Todas estas grandes recordações, sagradas e profanas, tiram não sei que magestade da solidão e das ruinas que vos cercam. Aqui, se mostra a Campina romana, talvez mais que, em outra parte, solitaria, irregular, revolvida, excavada e coberta d'antigos destroços. Como complemento do quadro, o immenso aqueducto de Claudio sulca a vasta planicie, elevando até ás nuvens essas gigantes-cas arcadas por sobre as quaes passam as aguas do Lacio, levadas em tributo á Cidade eterna.

Pelas dez horas chegavamos a Albano. É uma villa de cinco mil almas, edificada na extremidade do deserto, não longe das ruinas de *Alba Longa*. Depois d'uma modesta refeição na *hospedaria da Cidade de Paris*, dirigimo'-nos à igreja principal, chamada *Santa Maria da Rotunda*. A frontaria é ornada de bellos ornatos de marmore, esculpidos em folha d'acantho, tomados d'algum antigo edificio. O interior offerece poucas riquezas artisticas, comtudo o viajante christão deve uma visita á cathedral d'Albano. Ella recorda um nome cuja grata e gloriosa memoria não se póde esquecer.

No XIII.º seculo viviam na Universidade de

Paris, da qual formam a immortal aureola, dois illustres amigos, a quem suas virtudes collocaram sobre os altares do mundo catholico, e a quem seu genio poz na primeira ordem dos doutores. A maravilhosa penetração do seu espirito valen a um o titulo de doutor *angelico*; e o de doutor *seraphico* foi adquirido para o outro pela arrebatadora unção de seus escriptos. Filhos espirituaes de dois pais egualmente illustres, Domingos e Francisco, continuaram com gloria a sustentar a Egreja de Deus, em auxilio da qual elles, e seus pais, e seus irmãos, eram enviados. Ambos elles beberam a sua doutrina no mesmo livro! o Crucifixo. E por uma rara felicidade para o viajante christão, a sua recordação marca de distancia a distancia o caminho que conduz de Roma a Napoles por Terracina. Tenho necessidade de nomeal-os? S. Boaventura e S. Thomaz d'Aquino não são por todos conhecidos?

O primeiro, humilde filho de S. Francisco, casado como seu pai com uma gloriosa princeza que se chama a pobreza evangelica, procurava em balde esconder debaixo do habito de burel, o fulgor que brotava do seu genio e da sua virtude. A vista penetrante do vigario de Jesus Christo descobre enterrado o thesoiro, e por uma ordem suprema faz sahir a luz de baixo do alqueire.

Occulto em Paris, recebe S. Boaventura ao mesmo tempo o chapéu de cardeal, a sua nomeação para o bispado suburbicario d'Albano, e a ordem de acceitar: parte para a Italia. Gregorio X vai ao seu encontro e lhe dá elle proprio a unção episcopal. Conhece-se a vida do novo principe da Egreja, e a sua morte não menos

bella que a vida. Cahindo doente no meio do Concilio geral de Lyão, onde tinha contribuido mais que qualquer outro para a união do Oriente e Occidente, teve ainda força de assistir á abjuração do chancellér-mór de Constantinopla, nobre conquista sua; e pôde-se dizer delie o que se disse de Tureane, que morreu sepultado no seu triumpho. Ora as egrejas e ruas d'Albano nos recordavam uma phrase consoladora do grande bispo. Entre os religiosos da sua ordem havia um chamado Egidio, que tinha profunda veneração pelo illustre e santo doutor. Um dia Egidio, com uma simplicidade de criança, andava em volta do santo, desejando dirigir-lhe uma questão, mas não sabendo bem como havia de formular a sua pergunta: tam tolo se é quando se quer ter espirito! Por fim, reunindo todos os recursos do seu genio: « Meu irmão Boaventura, disse-lhe, Deus fez-vos grandes graças a vós outros sabios; mas nós, pobres ignorantes, que faremos para nos salvarmos? » O santo respondeu: « Quando Nosso Senhor não houvesse dado aos homens senão o seu amor, isso bastára. — Um ignorante pôde amar a Deus tanto como um sabio? — Uma velha pôde amar tanto a Deus como um doutor em theologia ou ainda mais. » A estas palavras Egidio, transportado de felicidade, corre ao jardim, sito do lado de Roma, e pondo-se á porta, começa a gritar: « Homens simples e ignorantes, pobres e miseraveis boas mulheres, vós podeis amar a Deus tanto como frei Boaventura (1); » e cahiu n'um delicioso extase que durou tres horas.

---

(1) Acta SS., 23 d'abril.



Estas recordações da idade media nos acompanhavam em quanto subiamos a aspera encosta dos montes do Lacio, na fralda dos quaes está sita a moderna Albano. Em breve chegamos á *Palazzola*, humilde convento de Franciscanos, construido sobre as proprias ruinas d'Alba Longa. Esta cidade importante, tantas vezes nomeada nos primeiros tempos da republica romana, diz-se que foi fundada por Ascanio, filho de Eneas, e destruida por Tullio Hostilio. Ao pé do convento vê-se ainda um antigo tumulo aberto na rocha, com as fascas consulares e a cadeira curul. D'alli, avançamos álem de *Rocca di Papa*, até ao cume do *Monte Cavo*. Foi aqui, n'uma especie de plata-forma em semi-circulo, que Romulo inaugurou a religião dos povos aborigenes; aqui que o seu successor, Tarquinio Prisco, edificou o famoso templo de *Jupiter Latialis*, dividade cruel que queria sangue humano na abertura dos jogos estabelecidos em honra sua. Para honrarem a memoria de seus avôs e o berço da sua religião, vinham os Romanos a esta montanha celebrar as *Ferias latinas*; os proprios triumphadores eram obrigados a dirigir-se alli, alguns dias depois dos seus triumphos, a fim de offerecerem um sacrificio d'acção de graças; e finalmente os consules deviam tomar alli posse da sua dignidade. A tanto ruido e movimento succedeu o silencio eterno da solidão.

Voltando para traz, visitamos o lago d'Albano ou *di Castello*. Acha-se elle junto da aldêa de *Castel-Gandolfo*, no topo d'um monte, e occupa a cratera extincta d'um volcão. Rodeado de carvalhos verdes e oliveiras selvagens, está profundamente cavado e forma um oval cuja cir-

cumferencia pôde ter duas leguas e meia : a sua profundidade é de 480 pés. Descendo até á borda, vimos dois *Nymphæus*, isto é diferentes saillas abertas na lava e que serviam aos voluptuosos Romanos para tomarem o fresco. Aquella que os aldeoens chamam *Grotta di Bergantino*, construcção reticular, coberta d'uma vigorosa vegetação, offerece um aspecto singularmente pitoresco ; mas a maravilha do lago é o canal, ou emissario, que descarrega as suas aguas na Campina romana. Eis aqui a origem delle: Estavam os Romanos occupados no cerco de Veios, quando as aguas do lago subiram d'um modo assustador e ameaçaram todo o paiz com uma inundaçãõ geral. Enviaram-se deputados a Delphos para consultar o oraculo d'Apollo. Elle respondeu que os Romanos não seriam senhores de Veios, senão depois de haverem aberto um despejo ás aguas do lago. Immediatamente parte do exercito poz mãos a' obra ; a outra continuou a observar a praça. Abriu-se o monte, e fez-se um canal de uma milha de comprimento por quatro pe's de largura e seis d'altura.

A' vista deste tunnel ainda bem conservado, posto que date de 2240 annos, como se não ha de admirar o poderoso genio do povo-rei, e a habilidade de Camillo que, illudindo a impaciencia do seu exercito, soube occupal-o n'um trabalho de longa duração esperando o momento favoravel para tomar a cidade inimiga ?

Finalmente chegamos a Castel-Gandolfo, humilde aldêa aonde o Summo Pontifice vai passar alguns mezes no fim do verão. O exterior do seu palacio é muito simples, mas o ponto de vista é magnifico ; da plata-forma abarca-se toda a Cam-

pina romana, deserto de ruínas, no meio do qual a cidade eterna, com seus zimbórios dourados, seus obeliscos e palacios, parece como um magestoso oasis de monumentos. A igreja de Castel-Gandolfo é uma cruz grega, da architectura do Bernino. Por cima do altar-mor vimos um bello painel que se diz de Pedro de Cortona; o altar à esquerda tem uma *Assumpção* de Carlos Marrate.

Descendo a collina, para voltar a Albano, sauda o viajante o pretendido *tumulo d'Ascanio*. Este antigo monumento, ao qual a falta d'inscripção não permite assignar nem data, nem nome, compõe-se d'um torre collossal, terminada em cone. Os reforços de marmore e os outros ornatos que o decoravam, desappareceram: é triste como a morte. Outro tanto se deve dizer d'outra ruina sita alem d'Albano, e que tem, não se sabe porque, o nome de *Tumulo dos Curiacios*.

Havendo chegado a hora da partida, tomamos os nossos logares na berlinda, e eu apressei-me a consultar dois guias de que tivera cuidado de fazer-me acompanhar: um estava á minha direita, e outro á minha esquerda, nas bolsas da carruagem. Vós todos que fizerdes a mesma jornada, rogo-vos que os não esqueçaes: o primeiro é *Horacio*, o segundo, os *Actos dos Apostolos*. Sim, este caminho que vós seguis, o seguiram Horacio e S. Paulo, ha mil e oitocentos annos: as suas memorias estão n'elle marcadas. Ora, não conheço nada mais interessante e agradável do que caminhar por essa mesma via Appia com dois peregrinos tam celebres e tam differentes. Alem disso, vou dizer-vos em que occasião fazia Horacio esta viagem; quanto a S. Paulo, breve sabe-

reis porque elle se encontra n'uma estrada illustrada por todos os conquistadores do mundo. No anno de Roma 713, Mecenas, Cocceio e Capito foram enviados pelo senado a Brindes, a fim de reconciliarem com Octavio, Antonio que então se achava naquella cidade. Horacio, amigo delles, foi da viagem. Partindo de Roma com o rhetorico Heliodoro, foi pilhar os diplomatas em Terracina. Ao sahir d'Albano, a estrada atravessa um paiz montanhoso, plantado de oliveiras e arvores verdes e soffrivelmente cultivado. Duas milhas para là, sobe-se uma crista sobre que está assentada, qual ninho d'aguia no topo de um rochedo, a moderna *Aricia*. Esta graciosa aldêa-sinha occupa o lugar da fortaleza da antiga *Aricia*, cujo nome conserva. Diz-se que *Aricia* foi fundada duzentos annos antes da guerra de Troia por Archiloco da Sicilia. Como quer que seja, esta cidade foi patria de *Acia*, mãe do imperador Augusto. O seu territorio produzia excellentes cebolas que mereceram ser cantadas por varios poetas e amaldiçoadas por Horacio que fazia profissão de detestar cordialmente todos os pimpolhos desta familia leguminosa, até ao quinto grau, e ainda alem. As ruinas apenas reconheciveis da cidade vêem-se abaixo da aldêa, no sitio chamado o Jardim do meio, *l'Orto di Mezzo*. Quando nos aproximavamos, abri o meu Horacio, que falla assim d'*Aricia*:

Egressum magna me excepit *Aricia* Roma  
Hospicio modico (1).

As palavras do poeta viajante ainda se veri-

---

(1) Lib. I, satyr. V.

ficam ; Aricia é ainda um cochicholo , e as suas estalagens nos parecêram de mui mediocre apparencia ; não posso dizer dellas outra coisa ; porque mais felizes que Horacio , ou mais apressados , passamos sem lhes deixarmos ver a cor dos nossos baiocos : não pozemos pé em terra senão para visitarmos a egreja e o severo palacio Chigi. Estas duas obras do Bernino apresentam um todo bem entendido , mas parecem peccar pelas partes : a cupula só parece irreprehensivel.

Horacio e Heliodoro a quem elle acompanhava , pernoitaram em Aricia. Como verdadeiros ociosos , estes senhores viajavam a pequenas jornadas , e provavelmente à custa do Estado : não estando nas mesmas condiçoens , nós continuamos até Velletri.

Antes de là se chegar, visita-se Genzano (antiga Genciano), linda villa situada ao pé do lago Nemi. Este mesmo lago deve á sua forma, ás roseiras que o cercam e á limpidez das suas aguas, o gracioso nome de Espelho de Diana, *Speculum Dianæ*. Não longe da estrada, foi-nos ainda permittido ver a *Cività Lanivia (Lanuvium)*, patria d'Antonino Pio, e daquelle Milo, assassino de Claudio, tam conhecido dos rhetoricos. Soavam cinco horas, quando entramos em Velletri, patria do imperador Augusto.



## 15 de Fevereiro.

Velletri. — Cisterna. — Recordação de S. Paulo. — As Lagoas pontinas. — Ardea, Antium, Sezzia. — Linea Pia. — Forappio. — Recordação de S. Paulo. — Fossa nuova. — Recordação de S. Thomaz. — Terracina. — Templo de Jupiter Anxurus e de Minerva. — Castello de Theodorico. — Cathedral. — Hospital e Palacio da Residencia.

Hontem pela manhã, haviamos almoçado na *Estalagem da Cidade de Paris*: a sobredita taboleta estava em bom francez, e, não o esqueças, era em Albano; á noite, o nosso phae-tonte nos introduzia rapidamente, fazendo estalar o seu chicote, na grande *Hospedaria da Russia*: era em Velletri, cidade importante dos antigos Volscos (*Velitræ*), e esta segunda taboleta era tambem em bom francez. Notaes a influencia das grandes naçoens, e da França em particular? Até nas mais pequenas particularidades, tudo annuncia o ascendente da lingua e por conseguinte do pensamento francez sobre as populaçoens italianas. Ha ahi, parece-me a mim, para a nossa patria uma grande lição e uma grave responsabilidade. A primeira pessoa que vi á entrada de Velletri, foi um pobre padre Capuchinho, velho de barba branca, descalço e d'alforge às costas. Este rei da pobreza pareceu-me admiravelmente collocado na patria do senhor do mundo: em parte nenhuma, por ventura, sustem o sublime representante do poder espiritual com mais graça o sceptro que escapou aos imperadores da força. Soubemos da sua bôcca que a Egreja contava hoje 18,000 de seus semelhantes, milagres vivos dos seculos da fé, divididos em quarenta provincias,

e espalhados por todas as plagas do antigo e novo mundo, até mesmo em França!

Velletri, que faz parte do bispado d'Ostia, conta dez a doze mil almas. Do outeiro que lhe serve de base, goza-se uma vista magnifica. Quando, ao pôr do sol, o viajante dirige os seus olhares para o Oriente, vê a seus pés profundos barrancos que se unem por um vasto plaino a's montanhas da Sabina, cujo topo coberto de neve se confunde com a neblina da noite, e forma uma especie de veu que, aos ultimos raios do crepusculo, toma uma côr de amarantho do mais bello effeito. Os principaes monumentos de Velletri são a columna do papa Urbano VIII na praça do Mercado, as fontes publicas de boa construcção, e o palacio *Lancelotti* com a sua bella escada de marmore. A igreja de Santa Maria *dell'Orto* encerra alguns bons quadros. Ao passarmos pelos arredores, vimos o lugar onde foi encontrada a *Pallas Veliterna*, uma das bellas estatuas do Museu de Paris; depois algumas ruinas informes de monumentos antigos, que junctavam o solo, e recordavam grandes nomes e tristes memorias. Foi talvez em memoria d'Augusto, de quem foi berço Velletri, que Tiberio, Nerva, Caligula e Othão fizeram desta cidade a sua residencia favorita, e a adornaram com magnificas villas.

Todavia, nem tudo é côr de rosa para os viajantes; em vez de dormirmos na Hospedaria da Russia, haviamos bivacado, e eis a causa disso. Mas ha compensação para tudo, até mesmo para uma má noite. Aos primeiros alvares da aurora descemos á praça, e foi-nos possivel gozar um magnifico nascer do sol. Graças aos pobres lei-

tos da hospedaria da Russia, pois sem elles teriamos perdido este magnifico espectáculo. Deixamos Velletri, ficando-nos à esquerda, do lado da Sabina, a villa de Cori, antiga Cora, celebre pelos seus templos d'Hercules e de Castor e Pollux: a *area* do primeiro é occupada pelo baptisterio da egreja. Pelas nove horas, passamos o rio Astura, e brevemente entramos em *Cisterna*. Um accidente por muita felicidade succedido ao nosso tiro, nos permittiu pararmos uma hora. Vou explicar-vos porque assim fallo d'um facto que contrariava soffrivelmente o nosso digno cocheiro. Levavamos connosco, como disse, os Actos dos Apostolos que nos mencionam a passagem de S. Paulo pela via Appia. Ora, vós sabeis, até talvez não sabeis que os christãos de Roma, informados da chegada tam desejada do grande Apostolo, foram ao seu encontro, como os filhos vão ao encontro de seu pai, ausente ha muito. Sem duvida, a fim de não despertarem desconfiança alguma, elles se dividiram em dois bandos: uns pararam *ad tres Tabernas*, nas tres hospedarias; os outros caminharam até ao *Foro d'Appio* (2).

Ora, as *tres Tabernas* d'outr'ora são, segundo a constante tradição, a *Cisterna* d'hoje (1).

---

(1) *Frates occurrerunt nobis usque ad Appii forum ac tres Tabernas. Act. XXVIII, 13.*

(2) *Erat Appii forum (ut colligitur ex Plinio, lib. XIV, c. 6) in agro Setino, in via Appia locus positus; tres Tabernæ vero contra Antium. Unde et Cicero (Ad Atticum, epist. XIX, lib. 2): Emersimus commode ex Antio in Appiam ad tres Tabernas. Distans erat ab Urbe forum*



Atiramos comnosco fóra da carruagem, e n'um momento estavamos na igreja. Prostrado nas lagoas do modesto sanctuario, cada um de nós dizia : « Tu estás talvez de joelhos no mesmos sitio onde S. Paulo e os christãos de Roma se encontraram, se abraçaram, se regozijaram e oraram juntos ! » Quando se tem a ventura de estar em corpo e alma em logares d'onde sahem semelhantes recordações, convir-se-ha em que basta, para experimentar ineffaveis impressões, deixar ir o coração para a fé. Cisterna é uma pequena aldeia, situada n'uma altura, na margem da via Appia. Nós a seguimos de novo, e em breve appareceu aos nossos olhares avidos *Torre de'tre Ponti*, simples estação de posta, d'onde se começam a descobrir as famosas Lagoas pontinas : antes de as atravessarmos, é agradável conhecermos-lhes a historia.

As Lagoas pontinas formam uma vasta planicie de tres leguas de largura por oito de comprimento. Occupam o espaço comprehendido entre o paiz dos antigos Rutulos e dos Volscos ; isto é

---

Appii quinquaginta et unum millia passuum. Tres Tabernæ vero positæ erant ad tregesimum tertium lapidem. Sic enim Antonius Appiæ viæ numerat milliaria, nimirum ab Urbe ad Ariciam sexdecim millia passuum, ab Aricia ad tres Tabernas decem et septem, unde vero ad Appii forum decem et octo. De foro Appii nulla sunt vestigia, vel si quæ existant, paludi pontina facta sunt inaccessa. Tres vero Tabernas illam esse ferunt, quæ hodie vulgo dicitur, corrupto vocabulo, Cisterna. — Baron., an. 59, n. 11. b.

entre Ardea , Ancio , Terracina , d'uma parte ; os montes Lepini e o mar Tyrrheno , do outro.

Para restituir à cultura as Lagoas pontinas , era necessario vencer obstaculos de todas as especies : um solo quasi sem declive nem solidez , uma massa d'agua pluvial que desce incessantemente das montanhas da Sabina e do Lacio , quatro rios e varias torrentes que convergem para estas lagoas , e cujas aguas , não encontrando sufficiente inclinação , ficam nas terras , as penetram e corrompem. Estes rios são o Pedicata , o Amazeno , o Cavata , o Cavatella , o Uffente , o Niofa e o Tepia (1). Muito tempo antes da fundação de Roma , os Volscos e os Rutulos haviam conseguido , com o auxilio de trabalhos cujo segredo nos escapa , desseccar estas lagoas a ponto de construirem n'ellas vinte e tres cidades , entre as quaes se contavam Pomecia , Longula , Volusca , Mugilla , etc. , a primeira dos quaes oppoz longa resistencia a Tarquínio Prisco (2). Desprezadas depois da conquista , tornaram as terras pontinas a cahir no seu primitivo estado. Saneal-os de novo era empreza digna dos Romanos : no anno de Roma 442 , o censor Appio Claudio as fez atravessar pela magnifica estrada que tem o seu nome ; cento e cincoenta annos mais tarde , o consul Cornelio Cethego foi o primeiro que em-

---

(1) E não , como diz M. Bouillet , o Liris , ou Garigliano que corre a mais de dez leguas de alli. E' assim que a Universidade faz a geographia , atè mesmo da Europa.

(2) Plinio , *Hist. nat.*

prehenderam grandes trabalhos de saneamento (1): Julio Cesar e Augusto os levaram até onde elles poderam ir (2); finalmente, Trajano veio aformosear com estradas, edificios e soberbas pontes estes logares muito tempo considerados como inacessiveis (3).

Desejosos de terem nos arredores de Roma habitaçoens e propriedades dignas da sua opulencia, semearam os senhores do mundo esta planicie de villas immensas, de foros, de parques e de jardins. As naçoens vencidas pagavam estas construcçoens e um povo de escravos cultivava com cuidado estes sitios encantadores. Entretanto o imperio romano desaba sob os golpes dos barbaros. As cidades são saqueadas, os palacios incendiados, as villas abandonadas: e os altivos descendentes de Romulo, expulsos como um vil rebanho pelos terriveis guerreiros d'Alarico e de Totila, tomam o caminho do exilio: n'essa epocha acabou a gloria das Lagoas pontinas. Os rios que, bem dirigidos, fertilisavam aformoseando-a a vasta campina, e cujas aguas reunidas formavam um canal navegavel, inundaram de novo a planicie e a transformaram n'uma vasta lagoa. Algumas tentativas de esgotamento foram feitas

---

(1) Pontinæ paludes a Cornelio Cethego consule, cui ea provincia evererat, siccatae, agerque ex iis factus. — *Epitom. Livii*, 26.

(2) Suet. c. 43. — ..... Sterilisque diu palus aptaque remis

Vicinas urbes alit, etc. — Horat. *Art. poet.*

(3) Per pontinas paludes viam saxo stravit, extruxitque juxta vias. ædificia, pontesque magnificentissimos fecit. — *Dio.*, lib. 68.

pelo patricio Decio, sob Theodorico, rei dos Godos (1); mas a honra do triumpho estava reservada para outros. A religião que reparou tantos desastres, salvou tantas ruinas, arroteou tantas terras, devia tambem restituir à agricultura esta fertil campina.

Os papas Bonifacio VIII, Martinho V e Sixto V, sanearam a parte superior das lagoas e fizeram escoar as aguas para o mar, por um canal que ainda se chama o *Fiume Sisto*. O immortal Pio VI teve a gloria de acabar a obra de seus predecessores. Foi elle que, por meio de trabalhos habilmente dirigidos, conseguiu dessecar as Lagoas pontinas em quatro quintos da sua superficie, e fazer crescer alli bellas searas e pastar numerosos rebanhos. Desobstruiu a via Appia, e mandou-a continuar em linha recta em toda a extensão das lagoas: e esta soberba estrada (*Linea Pia*) é a mais exteasa linha sem desvio que existe. Honra tambem a Gregorio XVI que, apesar da sua modica renda, continua e, com a ajuda de Deus, adiantará muito a nobre tarefa do pontifice martyr.

Ao sahir de *Torre de' tre Ponti*, deixam-se a' esquerda as ruinas d'Ardea, capital dos Rutulos, celebre pelo sitio que sustentou contra Tarquinio Soberbo, e durante o qual succedeu a aventura de Lucrecia. A' direita, tendes *Nettuno*, a antiga *Antium*, capital dos Volscos, asylo de Coriolano exilado, patria de Caligula e Nero: foi nas ruinas desta cidade que se achou, ha dois seculos, o Apollo de Belveder. A' entrada das Lagoas, desenha-se sobre uma eminencia a villa de Sezzia

---

(1) Cassiod., lib. 11 Var., epist. 31, 32.

(*Suessia Pometia*), com o seu convento de Franciscanos, destinado a soccorrer os pobres habitantes daquelles logares em que as molestias escrofulosas são muito communs. Finalmente entramos na *Linea Pia*, estrada magnifica, como acabo de dizer, ou antes graciosa rua de jardins, guarneçada de arvores, e d'om canal que corre a tresbordar, e atravessa as Lagoas pontinas em toda a sua extensão. A' direita e esquerda, viamos levantarem-se bandos de gansos selvagens; manadas de bufalos vagueavam ao longe naquelles vastos pantanos que são aformoseados, de distancia a distancia, por largas porçoens de terreno cultivadas e cobertas de verdura. Da banda do mar, tinhamos em perspectiva o cabo de Circe, famoso na Fabula pela metamorphose dos companheiros d'Ulysses, assim como a villa de S. Felix que se ergue a' esquerda n'uma grande altura acima do nivel do mar: tal è o espectaculo de que se goza até *Forappio*.

Situado no meio das Lagoas pontinas, não se compõe *Forappio* senão de tres casas; e comtudo este logar nos offerencia vivo interesse! Aqui se emprazam as tradiçoens sagrada e profana: Horacio e S. Paulo vos apparecem. Pegando nos Actos dos Apostolos, II: « Os irmãos vieram ao nosso encontro até o *Foro d'Appio*. Paulo, tendo-os visto, deu graças a Deus e tomou confiança (1). » Foi pois aqui, pela primeira vez, que o grande Apostolo teve a consolação tanto tempo

---

(1) Fratres occurrerunt nobis usque ad Appii forum ac tres Tabernas. Quos cum vidisset Paulus gratias agens Deo, suscepit fiduciam. — Cap. XXVIII, 13.

desejada de ver esses christãos de Roma cuja fê era ja' afamada por todo o universo. Foi aqui que esses christãos para os quaes os trabalhos, o genio, a coragem e as cadêas do illustre prisioneiro eram objecto d'admiração, contemplaram, pela vez primeira, suas venerandas e queridas feiçoens. Que effusões d'amor e de felicidade de parte a parte! Que lagrimas! que conversações! E eu estava la' no mesmo sitio onde se havia realisado esta scena; trilhava o mesmo solo, via as mesmas montanhas testemunhas deste spectaculo. O' meu Deus, que doces commoçoens faz experimentar a fé viva ao christão! Julio Cesar havia alli passado; Augusto havia alli passado; Trajano, Nerva, Cicero, Horacio, Virgilio, Mecenas, Appio haviam alli passado; porem todos esses grandes homens da terra desappareciam aos meus olhos diante do meu heroe, do meu grande homem, vencedor dos Cesares, dos poetas, dos oradores e dos philosophos, Paulo, prisioneiro do Christo (1).

Tres casas modernas indicam o logar occu-

---

(1) Quando Baronio escrevia, não estava operado o grande esgotamento das Lagoas pontinas; podia por isso dizer que nem existiam vestigios do *Foro d'Appio*; os auctores da mesma epocha podiam dividir-se acerca da situação deste celebre Foro; porem hoje as duvidas ja' não parecem possiveis. O nome mui reconhecivel do logar, a sua posição nas Lagoas pontinas, ao pé do canal de que falla Horacio, a sua distancia indicada pelo itinerario do imperador Antonino, são testemunhos de incontestavel valor, e, creio eu, quasi incontestado nos nossos dias.

pado outr'ora pelo Foro d'Appio. Ora, se havemos de julgal-o pelos outros, não era este *Forum* nada menos que uma soberba praça cujo ornato era a estatua d'Appio, fundador da via Appia, e segundo todas as apparencias fazia parte d'algu-  
ma *villa* magnifica. Os fragmentos de columnas, os frisos de marmore que cobrem o solo circumvisinho pareceria darem credito a esta opinião; eu tive o pezar de não encontrar n'um canto de granito senão nma inscripção apagada, excepto o nome de Nerva que se lê muito bem; fiz saltar um bocado delle que conservo em memoria de S. Paulo.

Depois de havermos satisfeito a necessidade do nosso coração, foi necessario cuidar em aplacar a nossa fome. Ora, não havia nem provisões nem ainda lume na *Locanda*. Mui felizmente que era a hora em que o negociante de peixe subia do mar Tyrrheno, trazendo, n'uma mula, não sei que peixe meudo, aos raros habitantes das Lagoas. Com muita instancia foi-nos possivel obter, para merenda, seis peixinhos para repartir por oito. Tomamos logar a uma meza flanqueada por dois bancos de carvalho e coberta nas tres quartas partes d'uma toalha d'uma porcaria *impossivel de descrever*; o resto do serviço era á proporção. A esta primeira *disgrazia*, juntou-se outra maior e muito mais antiga, attendendo a que já tinha o privilegio de condemnar Horacio à dieta, ha dois mil annos. O poeta estava á meza connosco, interrogamol-o, e eis o que elle nos disse da sua dormida no Foro d'Appio:

. . . . . Inde Forum Appii,  
Differtum nautis, cauponibus atque malignis.

. . . . .  
. . . . .

Hic ego propter aquam, quod erat deterrima, ventri  
Indico bellum, cœcantes haud animo æquo  
Expectans comitès.....

Hor. Satyr. lib. V, sat. 5.

A agua do *Forappio* era tam má quando lá passamos, a 15 de fevereiro de 1842, que teríamos sido obrigados como Horacio a declarar guerra ao nosso estomago, a não ser uma charidosa advertencia do nosso patrão. Posto que descendente talvez em linha recta desses malignos estalajadeiros de que falla o poeta, teve a consciencia de nos prevenir que a não bebessemos: um pouco de vinho puro de soffrivel qualidade orvalhou os nossos peixinhos. Quanto aos barqueiros gritadores que impediram que Horacio dormisse, já delles não existem vestigios: este logar tam animado, aonde vinham ancorar os numerosos bateis que subiam do mar *Tyrrheno*, está hoje silencioso e deserto. Todavia o canal, chamado *Naviglio Grande*, formado pela reunião dos rios e pelas sargetas das lagoas, esse canal em que Horacio se embarcou para *Terracina*, ainda corre no mesmo sitio, tornado a abrir e concertado pelos *Summos Pontifices*.

Ao sahir-se de *Forappio*, torna-se a seguir a *Linea Pia*, sempre bella e graciosa. As montanhas que formam um semicirculo em volta das Lagoas pontinas vão-se abaixando á proporção que se aproximam do mar, onde mergulham as bases e os flancos meio desnudados. A' esquerda deixa-se *Fossa Nuova*, celebre mosteiro onde S. Thomaz d'Aquino, dirigindo-se ao Concilio de Lyão, cahiu doente e morreu. Em frente do viajante mostra-se *Terracina*, a velha *Anxur*,



encerrada na circumferencia do arco e galantemente posta em amphitheatro sobre os seus rochedos alvacentos. A physionomia é ainda a mesma que no tempo d'Horacio. Abri com effeito o poeta de Tivoli que não presumia que um dia serviria de cicerone a um conego francez, e elle me disse :

*Milia tum pransi tria repimus, atque subimus  
Impositum saxis late candentibus Anxur.*

*Hor. Satyr. lib. V, sat. 5.*

Na vespera tinha elle dormido no Foro d'Appio e queixára-se do barulho dos mosquitos e das rans que lhe haviam perturbado o somno. Nós não tivemos occasião de tomarmos conhecimento com esta amavel sociedade; e como Horacio não disse mais nada della, estamos auctorizados a crer que a não encontrou em Terracina. Em compensação, achou alli os seus illustres companheiros de viagem, e o vagar de untar com um collyrio negro seus olhos remellosos.

*Hic oculis ego nigra meis collyria lippus  
Illinere*

Mais feliz que Horacio, a nossa pequena caravana tinha bom olho e bom pé; se não teve a vantagem de encontrar em Terracina Mecenas, Fonteio e Capito, là achamos o excellente abbade Raffaello Mariotti, conego da collegiada, moço ecclesiastico mui distincto, que nos fez com perfeita galanteria as honras da sua cidade natal. Com elle visitamos as ruinas cruelmente desfiguradas do templo de Jupiter *Anxurus*, depois a *arca* de

bello mosaico do templo de Minerva. A' deusa da Sabedoria succederam n'este logar os excellentes Padres doctriarios, fundados pelo B. Cesar de Bus. D'alli, subindo a escarpada encosta da Montanha Branca, chegamos às ruinas bem conservadas do castello de Theodorico. Senhor de Terracina, mandou o rei dos Godos construir esta cidadella para conservar a cidade que acabou por escapar-lhe, como havia escapado aos Volscos seus fundadores e aos Romanos seus segundos senhores.

Da altura em que estavamos, a vista abrange as Lagoas pontinas e grande extensão do mar Tyrreno. No meio das ondas parece balancear-se, como um oasis de verdura, a ilha Pouzia cuja vista nos fez estremecer. Fôra para alli que o feroz Domiciano desterrára sua doce parenta, Santa Flavia Domitilla, que depois mandou queimar em Terracina com muitos outros martyres. Depois de havermos saudado os heroes da fé e o theatro do seu glorioso combate, descemos á cathedra. Está edificada sobre as ruinas do templo d'Apollo. Conjuntamente com o conego Mariotti, o senhor cura leve a bondade de explicar-nos a origem e os diversos monumentos della.

Terracina recebeu do apostolo S. Pedro o presente da fé e o seu primeiro bispo, Santo Epaphrodito, um dos setenta e dois discipulos de Nosso Senhor. E' certo que o pescador da Galilea, durante vinte e cinco annos de estada em Roma, nada poupou para propagar o Evangelho; que fundou egrejas e estabeleceu bispos. Por um lado, tudo leva a crer, ainda na falta d'outras provas, que a maior parte das cidades d'Italia foram visitadas e evangelisadas por S. Pedro em

pessoa, ou por seus discipulos; por outro lado, Terracina, apolada n'uma tradição constante, affirma que a cadeia dos seus pontifices começa em Santo Epaphrodito. Não vejo que se possa oppôr a esta legitima pretenção (1).

No arco de circulo do côro conserva-se a cadeira pontificia, que a mesma tradição affirma haver sido occupada por S. Pedro. É de marmore branco, e d'uma forma que recorda perfeitamente os assentos episcopaes, conservados nas catacumbas. Ao lado do altar-mor ergue-se um docel sustentado pelas mesmas columnas do antigo altar d'Apollo. Debaxo deste monumento repoisam os corpos d'uma familia inteira de martyres, coroados na mesma Terracina. Eleutherio, chefe da familia; santa Silvia sua mãe, e santa Rufina sua irman; taes são os sagrados nomes destas gloriosas testemunhas da nossa fé. As columnas de granito que sustentam a nave e o mosaico do pavimento, tirados ao templo d'Apollo, são outros monumentos da victoria do christianismo. Em quanto á propria cathedral, viu realisarem-se dois factos memoraveis. Foi aqui que o papa S Victor III se demittiu do soberano pontificado em 1086, e que o papa Urbano II foi eleito em 1088. Aprazia-nos o recordarmos que Urbano II, amigo de S. Gregorio VII e uma das glorias da idade media, era compatriota nosso. Nascido em Châtillon-sur-Marne e religioso de Cluny antes de ser elevado á cadeira de S. Pedro, foi auctor da primeira cruzada prégada solemnemente no concilio de Clermont em 1095. Uma inscripção gra-

---

(1) Vêde Ugelli, *Italia sacra*, t. 1, p. 1278.

vada no marmore do sanctuario proclama a gloria differente dos dois pontifices :

**S. VICTOR III A SUMMO-PONTIFICATU SE DEMISIT 1086**  
**B. URBANUS II ELECTUS 1088.**

O grande exemplo de abnegação e humildade christã dado por Victor não se perdeu : a feliz egreja de Terracina o encontra hoje em Mr. Siliani, seu primeiro pastor. Este bispo, digno dos tempos apostolicos, goza d'um mui modico rendimento, do qual não couserva para si senão o stritamente necessario : a sua familia compõe-se de um só criado. Austero como um anachoreta, jeja quasi continuamente e não toma para refeição senão meia *pagnotta* com um pouco d'azete. Cheio de zelo, não só pela salvação do seu rebanho, mas ainda pelo bem da Egreja inteira, ordenou que todos os annos, durante a Quaresma, todos os prégadores da sua diocese fizessem duas instrucçoens a favor da obra franceza e catholica da Propagação da Fé.

Debaixo do vestibulo da cathedral, fizeram-nos observar um grande vaso antigo, de basalto, e que tem a forma d'uma urna sepulcral. O seu comprimento é de coisa de quatro pés, por uma altura proporcionada. Pagão d'origem e consagrado, segundo a tradição, ao culto d'Apollo, foi este vaso muitas vezes cheio do sangue dos martyres. Na paz da Egreja, recebeu'a agua santa com que os christãos lavavam as mãos e a cara, antes d'entrarem no templo : as inscripçoens seguintes perpetuam estas duas recordaçõens :

**VASO IN CUI DA' GENTILI**  
**FUBANO TORMENTATI E SCANNATI**

MOLTI CRISTIANI  
INNANZI L'IDOLO DI APOLLO (1).

POI COLLOCATO DA' FIDELI  
IN QUESTO ATRIO  
AD USO DI FONTE PER LAVARSI  
E MANI E VOLTO PRIMA D'INTRARE IN CHIESA (2).

Descendo da collina, lançamos ultima vista para Terracina e para o seu antigo porto, do qual não restam senão alguns modilhoens com anneis de ferro, destinados á amarração dos navies. O hospital e o palacio da residencia nos recordaram a memoria de Pio VI. Estes dois edificios devem-se ao excellente Pontifice que ia muitas vezes a Terracina, para vigiar elle proprio e activar os immortaes trabalhos que emprehendêra nas Lagoas pontinas.



### 16 de Fevereiro.

*Guardiole.* — Recordação de Tiberio. — Recordação d'Es-menardo. — Fondi. — Camara de S. Thomàs. — O Corsario Frederico Barbaroxa. — Itri. — Tumulo de Cicero. — Mola di Gaeta. — Villa di Cicero. — Recordaçoes de Gaeta. — Mintarnes. — O Liris. — A Campania.

Antes das seis horas, haviamos nós deixado Terracina. O tempo estava magnifico e nos permitia gozarmos a nova paisagem que se desenrolava diante dos nossos olhos. A estrada actual

---

(1) S. Paulino, *epist.* XII *ad Sever.*

(2) *Contal. Hist. Terrac.*

corre pelo antigo traçado da via Appia, no fundo d'um estreito valle, ornado á direita pelo mar, e à esquerda pelas montanhas cobertas de matas do Lacio. Todos os tres quartos de legua, encontram-se na margem do caminho umas casinhas de pedra com uma porta forrada de ferro e duas janellas guarnecidas de barras de ferro. Na apparencia è uma guarita de alvenaria, d'onde viamos sahir uma cabeça humana adornada d'um bonnet de policia.

Embaraçados com este espectaculo que se renovava desde a entrada das Lagoas pontinas, e que devia continuar até além de Minturnes, nos confins da Campania, perguntamos a causa delle ao nosso cocheiro. « Estas casas, nos disse elle, chamam-se *Guardiole*; são a morada dos guardas estacionados na estrada, para proteger os viajantes. » A explicação não era muito tranquillizadora. Se se ajuntar que o paiz parece formado muito de propósito para servir de fortaleza aos salteadores, convir-se-ha em que a precaução dos governos de Roma e Napoles está longe de ser inutil e que é precisa certa coragem para a gente se entranhar n'aquellas temiveis gargantas. Para verificarmos a resposta do conductor, nós proprios entramos n'uma daquellas guardioles: lá encontramos, com effeito, dois carabineiros assentados sobre um leito de acampamento. Por cima das suas 'cabeças estava um cabide guarnecido de espadas, de pistolas e de varias carabinas:

— Para que estais aqui, meus bravos? — Estamos aqui para dar caça a' *Cattiva gente che talvolta percorre queste montagne*; mas é raro que tenhamos que trabalhar. Desde a capitulação de

Garbaroni, quasi que ja' so não ouve fallar de prissoens. » E fallavam verdade; porque hoje os roubos de mão armada não são mais frequentes na Italia do que nas estradas de França: ha seis annos, as estatisticas não teem verificado senão cinco. Em quanto ao mais os roubos de estrada de que tanto se tem fallado, devem a sua origem, ou, se querem, o seu desenvolvimento, não a uma disposição particular nos habitantes da Peninsula, mas ás guerras de invasão que, em todas as epochas, assolaram este bello paiz.

Demasiado fracos para luctarem corpo a corpo com seus inimigos, e principalmente com os exercitos francezes, os Italianos assim como os Hespanhoes recorreram à guerra de guerrilhas. Depois da conquista, varios bandos armados recusaram dissolver-se, e acabaram, para terem com que subsistir, por atacar os viajantes. Encontravam-se principalmente na Calabria, nos Apeninos e nas montanhas do Lacio, nos confios dos Estados Pontificios e Napolitanos. Escolheram de preferencia esta ultima guarilla, porque não tendo logar a extradição, se punham facilmente em segurança passando d'um territorio ao outro; tal è a razão do estabelecimento das *Guardiolas* nas fronteiras dos dois reinos. Hoje que a extradição está convencionada, os roubos de estrada teem quasi que desaparecido.

Acabavamos de deixar os nossos bravos carabinieri, quando chegamos a *Torre de' Confini*. E' um posto de alfandega reforçado com um destacamento de tropas de linha. A vista de um novo uniforme, d'uma nova bandeira, o pedido de passaportes, n'uma palavra todas as formalidades já conhecidas, nos advertiram de que en-

travamos n'um novo Estado: este era o reino de Napoles. Comtudo nada ainda annuncia a terra promettida d'Italia, o paraizo da Europa. A estrada continua a ser a mesma, correndo invariavelmente por um pequeno valle apertado d'um lado pelo mar, e do outro por uma cadêa de montanhas quasi todas volcanicas. Um pouco para cá de Fondi vê-se á esquerda a famosa gruta em que Sejano salvou a vida a Tiberio. Este principe, acompanhado do seu favorito, se dirigia á Campania. Chegando junto de Fondi, parou n'um sitio chamado a *villa da Caverna*, onde um banquete verdadeiramente romano lhe foi dado assim como a Sejano e a varias outras pessoas, n'uma gruta aberta pela natureza. No meio do banquete, algumas pedras se despegam de repente da abobada, obstruem a porta e matam muitos escravos; o susto se apodera de todos os convivas que procuram a salvação n'uma fuga precipitada. Sejano, apoiado na cabeça, nas mãos e nos joelhos, cobre o imperador e o livra da queda das pedras e do choque dos fugitivos. Foi n'esta posição que o encontraram os guardas que acudiram em socorro do seu senhor. Uma confiança illimitada da parte de Tiberio foi o premio desta dedicação (1). De que dependem as grandes fortunas!

Os arredores de Fondi parecem funestos ao viajante. Não longe da gruta de Tiberio, encontra-se a descida onde Esmenardo pereceu miseravelmente. Exilado na Italia, por ordem de Napoleão, por uma satyra contra o embaixador russo, partia de Napoles o cantor da *Navegação* para regressar a França, quando, na estrada de

---

(1) Tacit. *Annal.* lib, IV, n. 9.



Fondi, foi arrastado por uns cavallos fogosos, cahiu da carruagem e despedaçou a cabeça de encontro a um rochedo: era a 25 de junho de 1811. Lamenta-se que um simples cruz, na falta d'outro monumento, não recorde ao viajante francez o sitio onde pereceu o nosso moço e brilhante poeta.

A's dez horas entravamos nós na villa de Fondi; se é que se deve dar este nome a um montão de casas informes, lançadas sem regularidade na encosta d'uma eminencia arida, e habitadas por uma população miseravel que não parece ter voz senão para pedir *la bottiglia*. Tal é o nome que toma, no reino de Napoles, a *buona mancia* ou o *bicchiere* do oeste e do norte da Italia. Uma reunião consideravel de homens, mulheres e crianças esfarrapadas se formou n'um abrir e fechar d'olhos em volta da carruagem, paradá na praça para soffrer as investigações da alfandega. O chefe do posto, d'ar affectado, embrulhado no seu capote verde, ridiculamente orgulhoso da sua pequena auctoridade, ralhando com os seus subalternos, nos recordou, feição por feição, aquelle Aufidio Lusco, pretor de Fondi, com a sua toga pretexta e o seu laticlavio, de que se riram tam agradavelmente Horacio e seus illustres companheiros:

Fundos Aufidio Lusco prætore libenter  
Linquimus, însani ridentes præmia scribæ,  
Prætextam, et latum clavum, prunæque batillum.

Aproveitando a nossa paragem forçada, fui visitar, no convento dos Dominicós, situado da banda do mar, a camara de S. Thomás.

Quem hoje o suspeita? Allí, n'um cochicholo sem nome, entre as paredes negras d'uma pequena cella de coisa de doze pés de comprimento por cinco de largura, radiou o astro brilhante que alumia a idade media e que ainda alumia com sua viva e pura luz a theologia catholica! E' assim que as ordens religiosas faziam madurecer, no silencio e na obscuridade d'um longo retiro, os poderosos talentos que um dia deviam espantar o mundo e dirigi-lo: o uso da estufa ardente empregada nos nossos dias para com a especie humana, não era conhecido dos antigos senão para os meloens e para as ervilhas. No jardim do convento, ainda se mostra uma laranjeira plantada, com a cabeça para baixo, pela mão do grande doutor. A pobre villa de Fondi conserva a recordação d'outro acontecimento cujos vestigios lamentaveis se vêem na sua physionomia, como os golpes do mar no navio desmastreado. No XVI.º seculo, desembarcou o famoso corsario Barbaroxa de repente, durante a noite, na praia vizinha, e tentou roubar Julia de Gonzaga, viuva de Vespasiano Calonna, condessa de Fondi. A empreza abortou, e o corsario, para se vingar, poz a cidade a fogo e sangue, e levou parte dos habitantes em escravidão; desde essa epocha nunca mais Fondi se tornou a levantar das suas ruinas. A unica gloria que lhe resta, são os *Montes Cœcubi*, outeiros vizinhos que ja produziam, ha dois mil annos, os vinhos generosos tam procurados pelos senhores do mundo (1).

---

(1) *Cœcuba fundanis generosa coquantur amydis.*

Como Horacio deixamos Fondi com prazer, para nos dirigirmos pela mesma estrada que o poeta para Itri, a *Urbs Mamurrarum* dos antigos. Parece que a nobre embaixada não chegou a esta cidade senão pelo fresco da noite, pois que dormiu là; em tanto que nós fizemos a nossa entrada n'ella debaixo das chammas d'um sol ardente. Em quanto ao mais, Itri não é mais que uma pobre aldêa, e tudo annuncia que o viajante procuraria em vão a casa de Murena e a cosinha de Capito.

In Mamurrarum lassì deinde urbe manemus,  
Muræna præbente domum, Capitone culinam.

Todavia ter-nos-hia sido agradavel demorar-nos alli se, como Horacio, tivéssemos podido prometter-nos o prazer de encontrarmos, no dia seguinte, Plocio, Vario e Virgilio, as almas mais candidas que a terra ha produzido: *Animæ quales neque candidiores terra tulit*. Sabindo d'Itri não se tarda a descobrir, atravez das oliveiras selvagens de que está guarneçada a estrada, uma vasta extensão do mar Tyrrheno; é o golfo de Gaeta: Mola não está mais que a algumas milhas de distancia. Antes de entrar n'esta villa deliciosamente situada, o viajante para diacte d'um antigo monumento que passa pelo tumulo de Cicero (1). Posto que sobre este ponto nem todos os archeologos estejam d'acordo, é comtudo certo

---

(1) O auctor das *Antichità Ciceroniane*, etc., o colloca na fralda do monte Acerbara, defronte da torre, á direita da via Appia.

que o illustre orador foi assassinado n'estes logares pelos sicarios d'Antonio e enterrado pelos seus libertos, aos quaes se attribue a erecção do mausoleu cujas grandes ruinas nós saudamos. Como os monumentos funebres da antiga Roma, ergue-se elle em forma de torre redonda, à altura de trinta ou quarenta pés. A sumidade desappareceu, os marmores e as esculpturas foram arrancados, e plantas parasitas escondem hoje a nudez deste tumulo, como elle proprio escondeu o nada do homem cujo nome encheu o universo.

Era pouco mais de meio dia quando por um tempo magnifico entramos em *Mola-di-Gaeta*. O vasto panorama que repentinamente se desenrola é tanto mais arrebatador quanto menos esperado, e quanto melhor contrasta com o estreito horisonte do valle solitario por cujo fundo o viajante, ido de Roma, caminhou tanto tempo.

Diante de nos, o mar, cuja superficie scintillava como um immenso espelho ferido pelos raios do sol; à direita, Gaeta, com as suas torres esguias, que parecia ao longe como uma cidadella edificada no meio das ondas; à esquerda, os montes volcanicos que se prolongam até a's lagoas de Minturnes; Mola plantada na praia como um belveder para abraçar esta grande scena: este espectaculo encantador nos fez comprehender que chegavamos ao paraizo da Europa. Entrados na hospedaria por uma allea guarnecida de loureiros rosas e de myrtos brancos em plena florescencia, tomamos refeição n'uma salla que deitava para o mar. Quanto a' sua posição, ella é como o ponto de reunião das bellezas da natureza e das grandes recordaçoes da historia. Por baixo desta salla onde nós, christãos viajantes,

tomavamos a nossa refeição de penitencia, Cicero, o austero Cicero, nadava nas delicias, banhava-se em tinas forradas de mosaico e se divertia em jardins embalsamados pela laranjeira e pelo limoeiro: estavamos no sitio de *Formia*, ou de *Formianum*, villa do grande orador.

Visitamos com certo interesse os seus vestigios desfigurados; porque a vaidade humana, a loucura do ser d'um dia que passa a sua ephemera existencia a edificar palacios para não deixar seão ruinas, enche a alma christã de graves e saudaveis pensamentos. Nas *Thermas* li a inscripção seguinte posta por cima d'uma fonte de agua doce que sahe da rocha a dois passos do mar:

NYMPHÆ ARTACEÆ  
BIBE, LAVA, TACE.

Segundo os poetas, foi aqui, ao pé da fonte *Artachia*, que *Ulysses* encontrou a filha d'*Antiphates*, rei dos *Lestrigoens*, que ia buscar agua.

Mola offerece ainda alguns restos d'um theatro, d'um amphitheatro, d'um templo de *Nep-tuno* e das villas de *Scauro* e d'*Adriano*. A's recordaçoes de *Lesio* e *Scipião*, grandes homens que, n'estas praias, jogavam a chapeleta como crianças, se ajunta a do papa *Gelasio* e do illustre cardeal *Cajetano*, a quem *Gaéta* se gloria de ter dado a vida. Fitando os olhos n'esta cidade, que o tempo não nos permittiu que visitassemos, podemos avistar o *Corvo*, no qual se ergue a famosa torre de *Rolando*. Não é outra coisa que o tumulo de *Lucio Munacio Planco*, discipulo de

\*

Cicero, e que foi, se me não engano, o fundador de Lyão. Na cathedral de Gaeta se conserva o estandarte offerecido por S. Pio V a D. João d'Austria, generalissimo das tropas christans na batalha de Lepantho.

Quando se ha deixado Mola, cuja pobreza contrasta penosamente com a riqueza do solo, costêa-se, por muitas milhas, essa bella porção do mar Tyrrheno chamada o golfo de Gaeta. Risinhos pensamentos, graciosas recordaçoes acompanham o viajante até *Trajetto*; mas a vista desta pequena povoação causa de subito impressoes bem differentes. *Trajetto* substitue *Minturnes*! Foi nos pantanos visinhos desta cidade que foi obrigado a esconder-se Mario, vencedor dos Cim-bros. Descoberto pelos emissarios de Sylla, foi mettido nas prisoes da cidade, d'onde se escapou para fugir para a Africa. Salve cidade famosa de que já não resta outro vestigio que um longo e bello aqueducto! Salve Mario, cuja grande sombra parece esperar o viajante e dizer-lhe: e Vai dizer aos ambiciosos que visje Mario escondido nas lagoas de *Minturnes*!

Quanto a mim, ficar-me-ha de *Minturnes* outra recordação. Nas suas ruinas perdi.... a minha caixa de rapé. Todos aquelles que são dignos d'apreciar a vantagem de levar uma caixa de rapé na viagem, se associarão à minha justa dor. Uma caixa de rapé é uma boceta de Pandora, na qual se acha sempre a esperanza, porque n'ella se acha o segredo de despertar o espirito e de lhe fazer adivinhar os expedientes mais proprios para vos tirar d'um embaraço; a caixa de rapé é um refrigerio tam util como agradavel; a caixa de rapé é um laço social que vos põe de

subito em relação de intimidade com o homem que nunca vistes: e eu tinha perdido a minha! Adeus, caixa niverneza, preciosa recordação da França! Graças te sejam dadas pelos longos serviços que me prodigalizaste! possas cahir nas mãos d'um amador, que saiba tractar-te com os respetos devidos a uma estrangeira desgraçada! Adeus, Minturnes; ainda por muito tempo, sacrificando a um joce e saudavel habito, eu me recordarei de ti. Em tuas lagoas solitarias, chorou Mario seus infortunios, e eu sobre as tuas ruinas chorei a minha caixa.

Para enxugar as lagrimas, que todavia, peço-vos que o acrediteis, não foram nem muito amargas, nem muito abundantes, nada menos foi necessario que a vista da bella Campania: chegavamos ás margens do Liris, hoje o *Gari-gliano*

Atravessa-se elle por uma ponte d'arame, a unica, com a de Pavia, que possue a Peninsula italica.

As aguas do rio, rechaçadas pelo mar, formam lagoas que offerecem uma posição militar formidavel. Gonçalo de Cordova a comprehendêra perfeitamente, quando se entrincheirou alli com um pequeno corpo de exercito para esperar os Francezes. Accusado de temeridade pelos seus proprios officiaes, respondeu-lhes heroicamente: « Antes quero achar a minha sepultura ganhando um pé de terra ao inimigo, do que prolongar a minha vida por cem annos recuando alguns passos.» O successo justificou esta resolução. Os nossos ardentes compatriotas foram completamente derrotados: era isto em 1503. Ora, era quasi noite quando nós percorriamos estes funestos logares.

Esta circumstancia ajuntava uma triste conveniencia à narração de Brantôme, com o qual cada um de nós podia repetir: « Ai! eu vi aquelles derradeiros logares, e até o Garilhano, e era pela tarde, ao sol posto, quando as sómbrias e os manes começam a apparecer como phantasmas, mais que nas outras horas do dia, em que me parecia que as almas generosas dos nossos valorosos Francezes alli mortos, se elevavam sobre a terra e me fallavam e como que me respondiam ás queixas que eu lhes fazia pelo seu combate e pela sua morte (1). »

Atravessando o Garighano, diz-se adeus ao Lacio; porque da outra banda do rio, põe-se o pé na Campania ou *terra de Lavoira*. Este nome vem-lhe, tanto da admiravel fertilidade do solo, como da intelligente cultura que lhe decupla os productos e a belleza. Na planicie, a vinha se casa constantemente com a oliveira, e assombra uma terra coberta de ricas messes. Os outeiros são cobertos d'uma vegetação não menos vigorosa, e ouvimos ao pé de nós a musa d'Horacio que cantava os vinhos do monte Massico, *veteris pocula Massici*, cujos topos verdejantes se erguiam á nossa esquerda. Em breve ella se callou, desapparecendo com o poeta na sombra da noite que nos envolveu tambem a nós. O frio tornou-se vivissimo, e o ceo scintillante de estrellas nos permittia vermos as duas cordilheiras entre as quaes deviamos viajar muito tempo. O susto se apoderou da caravana; mas ai! não menos felizes que na passagem dos Apeenninos, não podemos ver nem a

---

(1) Vida de Gonçalo de Cordova.



figura nem mesmo a sòmbra d'um lazzarone, d'um birbante ou d'um malandrino. Adeus poeticos episodios: pelas dez horas da noite, chegavamos sãos e salvos ao pequeno povo de Santa Agata, onde passamos a noite.

---

NOTA A' PAGINA 59 DO TOMO III. (1).

O testemunho unanime dos seculos, a palavra solemne dos Summos Pontificios e as homenagens não interrompidas do mundo catholico estabelecem aos olhos de todo o homem sensato a certeza destes venerandos monumentos (2). Reconhecida a authenticidade, deixai-me referir àcerca do *veu sagrado* uma antiquissima tradição (3). O rumor dos milagres de Nosso Senhor havia chegado aos ouvidos de Tiberio. Havendo o imperador cahido doente desejou ver aquelle personagem extraordinario que vivia na Judêa. Se è um Deus, dizia elle, pôde soccorrer-me; se è um homem pôde ajudar-me com seus conselhos. Chamou pois um dos seus officiaes chamado Volusio, e o fez partir para a Palestina com ordem de lhe trazer Jesus. O official embarcou immediatamente; mas contrariado pelo mar perdeu muito tempo e não

---

(1) Esta nota devêra ir no fim do volume III, ficando para este logar por um esquecimento.

(2) Benedict. XIV de *Festis Domini*, etc.; de *Feria VI in Parasceve*, p. 195 e seg.

(3) Foggino, de *Romano*, etc., p. 38 e seg.

chegou á Judéa senão depois da morte de Nosso Senhor. Não podendo desempenhar a sua missão, quiz ao menos levar ao imperador alguma recordação do Nazareno. Soube que uma mulher que habitava a cidade de Tyro tinha sido curada por Jesus e conservava o seu retrato. Volusio a mandou buscar e a obrigou a segui-lo com o retrato que possuia. De volta a Roma, conduziu Volusio a mulher a Tiberio. Ao vê-la, perguntou-lhe o imperador se era verdade que ella houvesse sido curada por Jesus. Assim é, respondeu a mulher; e ao mesmo tempo apresentou a imagem do Salvador a Tiberio que ficou immediatamente curado. Compenetrado de reconhecimento, dirigiu-se o imperador ao senado, e propoz collocar Jesus no numero dos deuses. Os senadores negaram-se a isso; então aquelle principe que até alli se havia mostrado manso e humano, se deixou arrebatado da colera e fez morrer grande numero de senadores e illustres Romanos. Quanto á mulher de Tyro, ficou em Roma e deu a imagem do Salvador ao papa S. Clemente que a conservou preciosamente e a transmittiu a seus successores (1).

Ha varias observaçoens a fazer sobre esta tradição: 1.º Diz que Tiberio conheceu os milagres do Salvador. Este facto nos é attestado alem disso por Tertulliano e S. Justino que dizem, nas suas apologias, que os actos de Nosso Senhor escriptos por Pilatos eram conservados em Roma

---

(1) Vêde *Foggino*, p. 37 e seg. — Possuimos uma excellente dissertação sobre a verdade desta tradição e da authenticidade da imagem, em Zinelli, *Biblioth. Eccl.*, T. III, p. 263, edição de Veneza, 1840, in-8.º

nos archivos do senado ; sabe-se de mais a mais que os governadores de provincias enviavam ao imperador a narração de tudo quanto se passava extraordinario no seu governo : o mesmo se faz ainda hoje em França e em todas as partes. 2.º Não contem particularidade alguma que repugne á razão , ou que contradiga factos conhecidos. 3.º Affirma que Tiberio , irritado com a recusa que o senado fizera de admittir Jesus Christo no numero dos deuses , se viogou -daquelle corpo fazendo morrer muitos dos seus membros. Este particular não tem nada contrario á historia ; longe disso , dá a razão d'um facto relatado por Tacito e por Suetonio , a saber a vingança exercida por Tiberio contra o senado. Seja o que for desta tradição , sempre e' certo que o *veu sagrado* e' venerado no Vaticano desde a mais remota antiguidade. Já no oitavo seculo estava estabelecida em sua honra uma solemne festa.

Não deixam de dizer que se honrava outr'ora em varias cidades o *veu sagrado* ; como certos criticos dos nossos dias não temem affirmar que se venera em varios logares o corpo do mesmo martyr. Uma vez que sou levado ao mesmo terreno cumpre responder brevemente a essas pretendidas difficuldades : 1.º Pouco importa o que se passa nas outras egrejas ; basta saber que o *veu sagrado* , conservado em Roma , reúne ao primeiro artigo as tres provas d'authenticidade : a antiguidade do testemunho , a prioridade do culto e o juizo da auctoridade competente ; 2.º que a existencia simultanea de varios veus ou lenços santificados pelo contacto do Salvador não tem nada de impossivel , direi até que é mui verosimil para quem conhece um pouco a historia dos pri-

meiros christãos; 3.º que varios podiam ser chamados *veu sagrado*, porque continham algum pedaço do verdadeiro. Assim é que se tem muitas vezes tirado dos cravos da Paixão varias parcelas que se tem engastado em cravos profanos, do mesmo modo que engastamos parcelas da verdadeira cruz em outras cruces de diversas materias. Ora, na linguagem christã, estes segundos cravos são chamados sagrados; e bem que não traspassassem nem os pés nem as mãos do Salvador, nem por isso deixam de ser objecto de justa veneração. Haveria muitas outras respostas a dar; mas excederiam os limites d'uma simples nota.

Quanto ao mesmo martyr que se diz honrado em varios logares ao mesmo tempo, respondo 1.º que o facto é falso, se se tracta do corpo inteiro, e os nossos detractores são desafiados a proval-o: 2.º o facto é verdadeiro, se se trata de uma parte do corpo. Estas expressões: Tal igreja possui, honra o corpo, o braço, a cabeça de tal santo, de tal martyr, não significam que essa igreja possua realmente o corpo, a cabeça, o braço inteiro do santo ou do martyr. Ordinariamente, indicam sómente que possui parte. Em uso desde os primeiros seculos, estes modos de fallar, em que se toma a parte pelo todo, são cheios d'um senso profundo: mostram que a virtude do santo está toda na minima parte das suas reliquias (1). Terei occasião de voltar a este assumpto, ao fallar das catacumbas.



---

(1) S. Basilio, *orat. in 40' martyr.*; Bar., An. 35, n. 15; Mazzol., t. 1, p. 3.

# INDICE

DAS

## MATERIAS CONTIDAS

NOS TOMOS III E IV.



### TOMO III.

*Paginas.*

28 *de Dezembro. O Velabro. S. Jorge. Recordações de Santa Bibiana. Arco de Jano quadriforme. O grande canal de Tarquinio, cloaca maxima. Os canaes de Roma em geral. Etymologia d'uma palavra muito conhecida. Santa Maria Egypcia ou a Egreja dos Armenios. .. ..*

29 — *Theatro de Marcello. Forum olitorium. Portico d'Octavia. O. Santo Anjo in Peshiera. Inscrições notaveis. Circo Flaminio. Convento de Santo Ambrosio della Massima. Grande Circo. Dimensão. Des-*

*Dezembro.*

*Paginas.*

cripção dos jogos. Santa Maria in Cosme-	
<i>din...</i> .. .. .	14
30 — Monte Aventino. Recordações pagans.	
Recordações christans. Igreja de Santa	
Prisca. De Santa Sabina. Historia. Mo-	
saico. S. Domingos, sua laranjeira.	
Igreja de Santo Aleixo. Historia. Piora-	
do de Malta. Vista de Roma. O Monte	
<i>Testaccio</i> . Ordem extravagante de Helio-	
<i>gabalo..</i> .. .. .	30
31 — Fim do anno. Impressões. <i>Tè-Deum</i>	
<i>no Gesù.</i> .. .. .	41
1.º de Janeiro de 1842. O primeiro dia do	
anno em Roma. Visita a S. Pedro. Di-	
mensão. Bellezas artisticas. O pulpito de	
S. Pedro. Os fundadores d'ordens. O do-	
cel. A cupula. S. Pedro, imagem do ceu.	
As reliquias. Visita ao Padre V... Vari-	
nha do penitenciario .. .. .	43
2 — Organização do governo ecclesiastico.	
Congregações romanas, seu objecto,	
sua origem, sua constituição. A Propa-	
ganda. O Santo Officio. O <i>Index</i> . Da re-	
sidencia dos bispos. Dos bispos e regula-	
res. Da disciplina dos regulares. Da im-	
munidade ecclesiastica. Congregação con-	
sistorial. Congregação dos ritos. Das in-	
dulgencias e das santas reliquias. Dos	
negocios ecclesiasticos extraordinarios.	
Baptisado d'uma familia judaica, sua his-	
toria. .. .. .	63
3 — A Penitenciaria. A Dataria. A Chancel-	
laria romana. A Rota. As Encyclicas. Os	

	Breves. As Bullas. Os Legados a <i>Latere</i> . Os Nuncios. Os Legados-natos. Os Delegados. Os Cardeaes protectores. Visita à familia judaica. Conservatorio dos neophytos.. .. .	85
4	— <i>Piscina publica</i> . Thermas de Caracalla. Estatuas. Excursão aerea. Recordação de Caracalla. Valle da nympha Egeria. Egreja dos Santos Nereo e Achilleo. As mulas de Sixto V. Foro de Nerva. Templo de Pallas. Açougue dos martyres. .. ..	103
5	— Antiga região da <i>Via Lata</i> . Tumulo de Publicio Bibulo. Basilica dos SS. Apostolos. Casa de Marcial. Templo do Sol. Egreja de S. Marcello. Palacio Doria. Egreja de Santa Maria in <i>Via Lata</i> . Prisão de S. Paulo. Palacio de Veneza. Egreja de S. Marcos... ..	112
6	— A Epiphania em Roma. Missa latina, grega, armenia, maronita. Agapes na Propaganda. Festas das Linguas. Impressoens... ..	123
7	— O Quirinal. Templo do deus Fidio. Templo de Quirino. Praça do Quirinal. Palacio. Pormenores ácerca do Conclave. Recordaçoens. Rapto de Pio VII... ..	130
8	— Fontes de Roma. Aqueductos dos antigos Romanos. Poder da cidade eterna... ..	149
9	— <i>Columna Antonina</i> . A Legião Fulminante. Baixo-relevo. Edicto de Marco-Aurelio. Restauração da columna por Sixto V. Monte-Citorio. A Fonte. O Gnomon. O Campo de Marte. Os septa e a Villa	

<i>Janeiro.</i>	<i>Paginas.</i>
publica. Os Jardins , as Thermas e o lago d'Agrippa... ..	159
10 — O Pantheon , sua historia. Riquezas. Purificação. Milagre. A Minerva. Tumulo do B. Angelico de Fiesola. Quarto de Santa Catherina de Sienna. Praça Navone. Fontes. Mercado. Jogos. Santa Igznez.. ..	168
11 — Palacio Braschi. Anecdota. Praça de Pasquino. <i>Chiesa nuova</i> . Recordaçoes de S. Philippe de Neri. O joven Spazzara. <i>Campo-di-Fiore</i> . Theatro, porticos, curia de Pompeu. Morte de Cesar. Palacio Spada. Estatua de Pompeu. S. Jeronimo da Charidade. Naumachia de Cesar. Combate naval. .. ..	179
12 — Audiencia papal. Impressoens. Acolhimento do Santo Padre. Realeza pontificia. Gabinete particular do papa. Retrato de S. Santidade Gregorio XVI. Ceremonia do osculo dos pés. .. ..	192
13 — Visita ao P. Mantone. Pormenores ácerca de Santo Affonso , e sobre a sua canonisação. Carta do Santo. A sua Theologia é uma Theologia local , nova , perigosa , de contrabando ? Curiosa conversação do bom Padre. Visita a S. Luis dos Francezes. .. ..	199
14 — O abbade Palotta. O Padre Bernardo. O Padre Ventura. Prégação italiana. ..	210
15 — Egreja de Belisario. Santa Maria <i>in Fornica</i> . Fogueira imperial. Descripção.	



<i>Janeiro.</i>	<i>Paginas.</i>
Funeraes de Augusto , seu mausoleu. Pormenores ácerca da camisa d'amiante..	216
16 — Praça do Povo. Obelisco. Santa Ma- ria do Povo. Naumachia de Domiciano. Trindade dos Montes... ..	225
17 — Templo d'Antonino. Ponte e Castello do Santo Anjo. Anecdota ácerca d'uma qua- drilha de salteadores. Santa Maria <i>in Tras-</i> <i>pontina</i> . Columnas de S. Pedro e S. Paulo. <i>Palla</i> . Cemiterio dos Peregrinos...	231
18 — O Trastevere. Ponte Fabricius. Ilha do Tibre. Ponte Cestius. Recordações paganas. Monumentos christãos. Martyrio de Santa Cecilia, seu tumulo. Seu quar- to de banhos. Mosaicos do abside e do côro. Reliquias. Vaso do portico. S. Francisco <i>à Ripa</i> . Quarto de S. Francisco. Claus- tro do convento.. ..	242
19 — Santa Maria <i>in Trastevere</i> . <i>Taberna</i> <i>meritoria</i> . Rescripto d'Alexandre Severo. Milagre da fonte d'oleo. Provas. Primeira egreja de Roma dedicada à Santa Vir- gem. Vista da fonte. Inscriptoens. Mo- zaicos. Tumulos. Reliquias de Martyres. Os Transteverinos. S. Pedro <i>in Monto-</i> <i>rio</i> ... ..	253



TOMO IV.

	<i>Páginas.</i>
20 de Janeiro. Uma execução.. .. .	5
21 — Missa na prisão de Santa Ignez. Benção dos cordeiros em Santa Ignez fóra dos muros. Pormenores ácerca do <i>Pallium</i> . Descrição da igreja. Igreja de Santa Constança. Orações da tarde. Visita ao cardeal Pacca. .. .. .	11
22 — Conversão de M. Ratisbonna. Narracão de M. de Bussiéres. .. .. .	22
23 — Igreja de Santo André <i>delle Fratte</i> . Recordação do cardeal Consalvi. Reflexoens sobre as artes em Roma. Conversacão de Canova com Napoleão. Visita dos palacios e das galerias particulares. Palacio Barberini. Palacio Borghese .. .. .	30
24 — Palacio Ruspoli. Escada. Palacio Chigi. Galeria. Bibliotheca. Palacio Rospi-gliosi. <i>Aurora</i> , do Guido. Busto de Sci-pião africano. Igreja de Santo Ignacio. Tumulo de S. Luis do Gonzaga. Igreja do Gesù. Tumulo de Santo Ignacio. Ther-mas de Nero. Palacio Madama. Igreja de Santo Eustachio... .. .	37
25 — Santa Maria da Paz. Recordação de Sixto V. Sibyllas de Raphael. Palacio Vi-doni. Fastos sagrados de Verrio Flacco. Palacio Mattei. Bustos dos imperadores. Pinturas do Dominiquino. Palacio Corsini.	

*Janeiro.*

*Paginas.*

<i>Ecce Homo</i> , do Guerchino. Pinturas de Paulo Veronese, do Ticiano, etc. Farnesina. Igreja de Santo André <i>della Valle</i> . Pinturas da cupula pelo Dominiquo. .. .. .	46
26 — Palacio Farnesio. Fontes. Portico. Esculpturas, Pinturas. Triumpho dos Romanos. Descripção do triumpho de Tito. Itinerario dos triumphadores. Fim do Triumpho. Reflexoens. .. .. .	51
27 — Consistorio publico no Vaticano. Mais cinco cardeaes. Tradição do chapéu. Anecdota. Volta ao Foro. Segunda pagina do triumpho. Mercado dos escravos. Sorte dos escravos entre os Romanos. .. .. .	62
28 — Segunda parte do triumpho. Mercado dos escravos. Condição do escravo. Empregos. Tractamento. Escravos fugitivos. Castigo. .. .. .	67
29 — Roma puramente christan. Carácter da charidade romana. Roteiro da dor. Charidade romana para o recém-nascido e para o orphão. Gyro do hospital do Espirito Santo. Descripção deste hospital.....	79
30 — Charidade romana para com o recém-nascido e o orphão. Hospital de S. Roque <i>in Ripetta</i> . Santa Maria <i>in Aquiro</i> . Os filhos do Letrado... .. .	93
31 — Baptisado de M. Ratisbonna. Continuação da visita de Roma christan. Charidade romana para o orphão. Hospicio apostolico de S. Miguel. Sua origem. Suas quatro familias. Sua organização... .. .	99

- |     |  |     |
|-----|--|-----|
| 1.º | de Fevereiro. Visita ao cardeal Mai. Origem da fabula da papa Joanna. Charidade romana para com o orphão (continuação). Hospicio de Santa Maria dos Anjos. Hospicio do Tata-Giovanni. ..   | 109 |
| 2   | — Festa da Candelaria. Cirio bento. Charidade romana para com a orphan. Santa Catherina dos Cordoeiros. Os quatro Santos coroados. As mendigas. As Zoccolette. Conservatorio da Virgem das Dores. Conservatorio Borromeu, de Santa Euphemia e da Divina Providencia. .. ..           | 115 |
| 3   | — Visita ao cardeal Mezzofanti. Anecdotas. Charidade romana para com a orphan (continuação). Conservatorio Pio. Santa Maria do Refugio. Dotes. Archiconfraria da Annuenciação. Capella papal na Minerva.... ..   | 125 |
| 4   | — Charidade romana para com os enfermos. Hospital de S. Salvador, de S. Thiago, de S. Gallicano .. ..  | 132 |
| 5   | — Charidade romana para com os doentes que teem precisão de promptos soccorros. Hospicio de Santa Maria da Consolação, dos <i>Benfratelli</i> , para os doentes chronicos; para os que só teem precisão de remedios ou cuidados domesticos, as visitas e esmolaria apostolicas .. .. | 140 |
| 6   | — Charidade romana para com os convalescentes, para com o pobre curado. Trabalhos publicos. Soccorros particulares. Esmolaria apostolica. .. ..  | 147 |
| 7   | — Anecdota. Outras charidades para com   |     |

*Fevereiro.*

*Paginas.*

o pobre; visitas em domicilio, Commis- são dos subsidios, Empréstimo de di- nheiro ao pobre, cuidado das suas pe- quenas economias, Loteria, Deseza de seus interesses temporaes. Confraria de Santo Yvo.. .. .	153
8 — Carnaval. Charidade romana para com o pobre sem abrigo. Visita a Santa Galla e a S. Luis. .. ..	161
9 — Quarta feira de Cinza. Capella papal. Charidade romana para com os velhos, para com as viúvas. Asylo Barberini para os moribundos. Ministros dos enfermos, para os mortos. Archiconfraria da Morte, do Suffragio. A <i>Ave-Maria</i> dos mortos..	171
10 — Os Sacconi. Esmolas particulares. Re- flexoens sobre a charidade romana. ..	182
11 — Rotunda de S João diante da Porta Latina. Columbario de Pomponio Hylas, da familia Volusia. Tumulo dos Scipiões. Caminho da Cruz no Coliseu. .. ..	192
12 — Miscria intellectual. Charidade romana a respeito dos ignorantes. Escolas re- gionarias, sua disciplina, seu numero. Escolas gratuitas. S. José de Calasanz; origem da sua obra. Sens desenvolvimen- tos. Outras escolas gratuitas para os ra- pazes pequenos. Os Doctrinarios. Os Ir- mãos das escolas christans.. .. .	199
13 — Visita ás escolas de meninas Fun- dação da B. Angela de Merici. Escolas pontificias. Escolas das pias mestras.	

*Fevereiro.*

*Paginas.*

Outros estabelecimentos. Observações. Resumo... .. .	206
14 — Partida para Napoles. Albano. Recor- dações de S. Boaventura. A Palazzola. Ruínas d'Alba Longa. Monte Cavo. Lago d'Albano. Os Nymphæus. O emissario. Castel-Gandolfo. Pretendidos tumulos de Ascanio e dos Curiacios. Horácio e S. Paulo. Aricia. Genzano. Lago Nemi. Ci- vitá Lanivia. . . . .	211
15 — Velletri. Cisterna. Recordação de S. Paulo. As Lagoas pontinas. Ardea, An- tium, Sezzia. Linea Pia. Forappio. Re- cordação de S. Paulo. Fossa nuova. Re- cordação de S. Thomaz. Terracina. Tem- plo de Jupiter Anxurus e de Minerva. Castello de Theodorico. Cathedral. Hos- pital e palacio da Residencia. . . . .	220
16 — <i>Guardiole</i> . Recordação de Tiberio. Recordação d'Esmenardo. Fondi: Camara de S. Thomaz. O Corsario Frederico Bar- baroxa. Itri. Tumulo de Cicero. Mola di Gaeta. Villa di Cicero. Recordações de Gaeta. Minturnes. O Liris. A Campania... .	235
— — Nota à pagina 59 do tomo III. . . . .	247

FIM.